

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

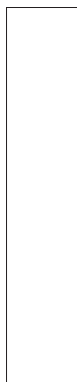
*“Como pedras vivas, entraís na construção
de um edifício espiritual”*

Um confessionário na igreja de Santa
Maria de Meinedo

Nuno Belmar Cameira



2022



***“Como pedras vivas,
entraís na construção
de um edifício espiritual”***
**Um confessionário na igreja
de Santa Maria de Meinedo**

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientação: Prof. Doutor João Luís Rebelo Ferreira Marques
Co-orientação: Prof.^a Doutora Marta Maria Peters Arriscado Oliveira

Nuno Belmar Cameira Coelho e Sousa
Porto 2022

Ao padre André Soares, pelo - aparentemente pequeno - desafio.

Aos orientadores, o professor João Luís Marques e a professora Marta Oliveira, por todo o apoio e partilha de conhecimento. Hoje, é-me difícil imaginar uma outra forma de abordar a dissertação.

À Marta, ao Axel, à Mafalda, ao Costa, à Rute, ao Ivo e à Rita, pela amizade e por terem adiado a tão aguardada viagem de fim de curso.

Aos padres João Norton e Fernando López Arias, pelo interesse nesta investigação e pela partilha de material, e ao padre Francisco Andrade, instrumento visível do perdão.

À minha família e, em especial, ao meu pai, pela companhia nas viagens a Meinedo e por ter segurado pacientemente a fita-métrica.

À Maria, pelos desabafos e por ter visto, nesta demora, um motivo de admiração.

A Deus, que nunca desiste.

Resumo

Na presente dissertação, desenvolve-se uma proposta arquitectónica de um confessionário para a igreja de Santa Maria de Meinedo, em Lousada.

O confessionário, lugar onde se relatam e ouvem os pecados, toca o mais íntimo da existência humana. Apesar das novas possibilidades oferecidas pela Igreja Católica para a experiência do sacramento, as recentes investigações sobre o espaço litúrgico, e muitas respostas arquitectónicas da contemporaneidade, parecem esquecer este lugar, em prol do tema, certamente mais apelativo, da liturgia comunitária e participativa promulgada pelo Concílio Vaticano II.

A igreja de Santa Maria de Meinedo, consagrada em 1262, é testemunho de que os edifícios românicos são sempre pólos com múltiplos liames. No entanto, hoje, a experiência desconcertante do espaço, fruto das sucessivas intervenções que o edifício conheceu, contribui para que o projecto se abstenha do campo das directrizes, tão vinculadas ao discurso do contexto patrimonial, e se movimente em torno das impressões e das sensações, que afectam fortemente a percepção e o estado de espírito, mas que são tão difíceis de traduzir no rigor e na eloquência do discurso escrito.

Abstract

In this dissertation, an architectural proposal of a confessional is developed for the church of Santa Maria de Meinedo, in Lousada.

The confessional, place where sins are reported and heard, touches the most intimate part of human existence. Despite the new possibilities offered by the Catholic Church for experiencing the sacrament, recent investigations into the liturgical space, and many contemporary architectural responses, seem to forget this place, in favor of the topic, certainly more appealing, of the community and participatory liturgy promulgated by the Council Vatican II.

The church of Santa Maria de Meinedo, consecrated in 1262, is an evidence that romanesque buildings are always poles with multiple bonds. However, today, the disconcerting experience of the space, the consequence of the successive interventions that the building has undergone, contributes to the project to refrain from the field of guidelines, so linked to the discourse of the heritage context, and to move around the impressions and the sensations, that strongly affect perception and mood, but which are so difficult to translate into the rigor and eloquence of written speech.

Meinedo | romanesque | confessional | sacred architecture

Sumário

nota introdutória	10
Caderno I da vocação do lugar	I
Caderno II levantamento arquitectónico	XI
Caderno III registos fotográficos	XXIII
I desenhos de projecto	15
II nidação	26
ganhar forma	27
pedras no caminho	30
as paredes têm ouvidos	34
virar do avesso	39
entre quatro paredes	45
III detalhes que brotam	52
mudanças de tom	53
luz de leitura	56
arquitectura paralela	64
ponto de encontro	72
pelo buraco da fechadura	77
pedra de fecho	79
bibliografia	84

Siglas:

CEP - Conferência Episcopal Portuguesa

IGMR - Instrução Geral do Missal Romano

DGEMN - Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

nota introdutória

A encomenda, pelo padre André Soares, de um lugar para a reconciliação sacramental na igreja de Santa Maria de Meinedo, em Lousada, ocasiona a presente dissertação. De uma forma genérica, pediu o actual pároco de Meinedo um espaço que fosse capaz de estancar o som e cujo volume não compromettesse o número de lugares na igreja, já insuficiente em dias de preceito e festividades.

Hoje, a inexistência de um confessionário na igreja de Meinedo - e em boa parte dos edifícios religiosos - é um sintoma evidente, e, consequentemente também causa, da actual crise na adesão ao sacramento da reconciliação. O Papa João Paulo II apontaria, para tal, duas razões.¹ A primeira prende-se com a perda dos sentidos de pecado e de culpa numa sociedade que sonha e reivindica por liberdade, procurando abreviar qualquer possível dependência. A segunda razão é que, em consequência do ideal de auto-suficiência, surge também a dificuldade em reconhecer a necessidade ou legitimidade da mediação da Igreja - ademais quando a conduta fraqueja -, intensificando-se a ideia de que, havendo confissões, devam elas ser feitas directamente a Deus. Diz o padre Luis Leitão, na sua tese, tratar-se da “...pouca propensão do homem moderno em reconhecer-se pecador e de acusar-se perante o outro...”².

Também as culpabilizações, os traumas e os medos da vingança divina - muitas vezes estimulados por sacerdotes e confessores desvirtuados de caridade - se, por um lado, podem justificar em parte a avultada frequência de outrora, por outro, contribuíram certamente para que a sociedade contemporânea, com alguma razão, se refugiasse, contudo, na “ilusão de uma suposta impecabilidade pouco ou nada cristã”³. Simultaneamente, no seio da Igreja, o entusiasmo pela visão comunitária e participativa da liturgia, promulgada pelo Concílio Vaticano II, poderá ter propiciado, como dano colateral, o obscurecimento do único sacramento ligado à forma pessoal como o cristão vive a sua existência quotidiana.⁴ E perdendo-se a individualidade e a intimidade resta, como diria Juhani Pallasmaa, um “isolamento físico e público”⁵. Não admira, por isso, que o termo ‘confessionário’ surja hoje tão enturmado no universo televisivo dos ‘reality shows’.

“Parece um jogo de palavras, mas é assim: antes de tudo, temos que nos reconciliar com o sacramento da reconciliação...”⁶

1 Papa João Paulo II; “La Penitencia en la Iglesia”; publicado em “La Celebracion de la Penitencia”; Centre de Pastoral Litúrgica; Barcelona; (1ª Edição 1992) 1994; p. 7 e 8

2 LEITÃO, Luís Manuel; “O sacramento da Reconciliação e a consciência de pecado”; dissertação para a obtenção do 1º grau canónico pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (sob a orientação do Prof. Dr. José Paulo Abreu); 2013; p. 139

3 “Dejaos reconciliar con Dios”; Conferência Episcopal Española; n.º 13; p. 20; citada em LEITÃO, Luís Manuel; “O sacramento da Reconciliação e a consciência de pecado”; dissertação para a obtenção do 1º grau canónico pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (sob a orientação do Prof. Dr. José Paulo Abreu); 2013; p. 138

4 “É evidente que, ao longo deste período, o interesse pelos aspectos mais pessoais do culto se desvanece ante o interesse pelo tema fundamental da assembleia”. Tradução livre de DEBUYST, Frédéric; “Un lieu ‘oublié’ et retrouvé: le confessionnal”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 12

5 “Uma cultura que busca controlar seus cidadãos provavelmente promoverá a direcção oposta de interacção, saindo da individualidade da intimidade e identificação e indo para um isolamento físico e público.” em PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011; p. 46

6 “La Penitencia en la Iglesia”; publicado em “La Celebracion de la Penitencia”; Centre de Pastoral Litúrgica; Barcelona; (1ª Edição 1992) 1994; p. 5

Fica claro, assim, que a encomenda para Meinedo retrata um movimento distinto, caracterizado pela vontade de reedificar, renovando, o sacramento de cura contra o pecado que - não obstante as formas que possa tomar - se trata, resumidamente e segundo a doutrina católica, da ofensa a Deus.⁷ Esta preocupação é partilhada pelo Papa Francisco que, na sua primeira aparição para a oração do ‘Angelus’ na praça de São Pedro, apela à persistência na aproximação ao perdão do Pai misericordioso.⁸ O apreço por este sacramento encontra par, ainda, nas Jornadas Mundiais da Juventude, nos movimentos missionários de jovens leigos, nos campos de férias e nas multidões que gravitam em torno dos santuários, como ocorre, por exemplo, em Fátima, onde a lógica da penitência extravassa, inclusivamente, o próprio sacramento.

Ao contrário dos restantes sacramentos, a este, do qual se obtém “da misericórdia de Deus o perdão da ofensa a Ele”⁹, são-lhe atribuídos diversos nomes: “o magistério e a teologia usam o termo ‘**penitência**’; o comum dos fiéis diz apenas ‘**confissão**’; os liturgistas preferem chamar-lhe ‘sacramento da **reconciliação**’; a catequese actual emprega a expressão ‘sacramento do **perdão**’¹⁰, acrescentando ainda, o Catecismo, o “sacramento da **conversão**”¹¹. São as mutações na forma e estrutura do rito ao longo da dilatada história do cristianismo que justificam, em grande medida, a variação terminológica, embora nenhum dos nomes esteja desactualizado. Destacando aspectos parciais do rito, a sua coexistência é acolhida pela doutrina católica¹², que vê nela um meio eficaz de traduzir, por palavras, a dinâmica ininteligível do sacramento. Assim, na medida em que se propõem a definir uma mesma realidade, são considerados na presente dissertação como sinónimos.

Sendo as razões da desafeição pelo sacramento acima de tudo sociológicas, psicológicas e pastorais, poder-se-á questionar, também, se o espaço emoldura condignamente a realidade teológica e se interpela e edifica o crente.¹³ Partindo-se do pressuposto de que a felicidade pode ser condicionada pela organização do espaço¹⁴, compreende-se a assertividade do teólogo Klemens

7 “O pecado é, antes de mais, ofensa a Deus, ruptura da comunhão com Ele” em “Catecismo da Igreja Católica” promulgado pelo Papa João Paulo II; Vaticano; 1992; art.º n.º 1440

8 “Deus nunca se cansa de nos perdoar; nunca! (...) o problema está em nós que nos cansamos e não queremos, cansamo-nos de pedir perdão. Não nos cansemos jamais, nunca nos cansemos! Ele é o Pai amoroso que sempre perdoa, cujo coração é cheio de misericórdia por todos nós. E, por nossa vez, aprendamos também a ser misericordiosos para com todos. (...) Não vos esqueçais disto: O Senhor nunca se cansa de perdoar! Somos nós que nos cansamos de pedir o perdão” em FRANCISCO I; “Deus nunca se cansa de perdoar” (O primeiro Angelus do Papa Francisco); em L’Osservatore Romano; 24 de Março de 2013, p. 16

9 “Catecismo da Igreja Católica” promulgado pelo Papa João Paulo II; Vaticano; 1992; art.º n.º 1422

10 CORDEIRO, José; “A celebração da penitência e da reconciliação ao longo da história da Igreja”, citado em LEITÃO, Luís Manuel; “O sacramento da Reconciliação e a consciência de pecado”; dissertação para a obtenção do 1º grau canónico pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (sob a orientação do Prof. Dr. José Paulo Abreu); 2013; p. 12

11 Ver a nota de rodapé subsequente

12 Diz o catecismo da Igreja católica, que pode ser chamado de: “sacramento da Penitência, porque consagra uma caminhada pessoal e eclesial de conversão, de arrependimento e de satisfação por parte do cristão pecador”; “sacramento da Reconciliação, porque dá ao pecador o amor de Deus que reconcilia: “Deixai-vos reconciliar com Deus” (2 Cor 5, 20)”; “sacramento do Perdão, porque, pela absolvição sacramental do sacerdote, Deus concede ao penitente o perdão e a paz”; “sacramento da confissão, porque o reconhecimento, a confissão dos pecados perante o sacerdote é um elemento essencial deste sacramento”; e “sacramento da conversão, porque realiza sacramentalmente o apelo de Jesus à conversão e o esforço de regressar à casa do Pai da qual o pecador se afastou pelo pecado” em “Catecismo da Igreja Católica” promulgado pelo Papa João Paulo II; Vaticano; 1992; art.º n.º 1423 e 1424

13 “... as formas de praticar um sacramento (...) devem ser congruentes com a verdade humana do rito, de modo que o sacramento seja teologicamente verdadeiro e possa interpelar e edificar o crente” em Luis leitão, p 131

14 “Que seja assim o arquitecto - homem entre os homens - organizador de espaço - criador de felicidade” em TÁVORA, Fernando; “Da Organização do Espaço”; Faup Publicações; 2006 (1ª Edição 1962, enquanto prova de dissertação para o Concurso de professor da ESBAP); p. 75

Ritcher¹⁵ quando afirma que o espaço molda a fé.¹⁶ Repare-se no episódio bíblico da incredulidade de São Tomé¹⁷, cuja verdadeira conversão, apesar das palavras e promessas, ocorre apenas no toque físico e concreto na ferida de Jesus.

“Sentei-me num dos bancos da igreja e perguntei a mim mesmo: ‘De que homilia bem sucedida ainda te recordas?’ Não consegui recordar-me de uma única! Mas teria podido descrever-lhes cada uma das imagens de olhos fechados. Isto quer dizer que o espaço das igrejas marca profundamente e de forma imperceptível a consciência de fé de uma comunidade, mais do que a palavra do anúncio”¹⁸

Poder-se-á falar, portanto, de uma responsabilidade pastoral que recai sobre o arquitecto. Diz Souto de Moura, com humor, que no último dia da criação do mundo Deus “...não devia ter descansado, porque muitas coisas ficaram por fazer e, agora, os arquitectos e os engenheiros têm que andar a completar...”¹⁹. Com efeito, a metáfora das “pedras vivas”²⁰ utilizada por São Pedro, dirigindo-se aos sacerdotes, pode ser estendida para os arquitectos, e ainda com mais propriedade, porque, construindo efectivamente algo material, tomam parte da construção do espiritual. Isto explica os eventuais constrangimentos e inibições que o desafio da actuação num programa religioso faz despertar.

“Por mero acaso tive que me deslocar em dias próximos a Nice. Aproveitei para visitar a Capela de Vence, o maravilhoso trabalho de Matisse. Não pude evitar uma sensação de irresponsável atrevimento. Aquele painel de azulejos põe de joelhos qualquer um, quanto mais quem pretenda realizar, em ambiente religioso, exactamente um painel de azulejos. Senti-me inseguro e incompetente. Refugiei-me no trabalho. Consultei reproduções de inúmeras e sublimes obras realizadas sobre os temas, através dos séculos.”²¹

No entanto, e ao contrário do que sucede com os restantes pólos litúrgicos - altar, ambão, púlpito, sacrário, baptistério - os confessionários raramente surgem em fotografias e desenhos e, quando acontece, com frequência a escala não permite ver para além da posição que ocupam no espaço eclesial. O contexto de pandemia que acompanhou o presente trabalho, impedindo

15 Klemens Ritcher (1940), teólogo alemão. Autor de RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; trad. Vítor Coutinho; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998

16 “Que a liturgia (...) influencie a fé, é considerado geralmente algo evidente. Mas que isso seja válido também para o lugar no qual os cristãos se reúnem (...) já não parece ser evidente (...) E, no entanto, não pode subsistir qualquer dúvida que o espaço litúrgico plasma a fé e a exprime através do modo como está organizado” em RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; trad. Vítor Coutinho; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 11

17 “Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum hei de crer” em “Bíblia Sagrada”, Evangelho Segundo São João; Jo 20:25

18 Discurso de 1995 do cardeal Joachim Meisner, então presidente da Conferência Episcopal Alemã transcrito em RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; trad. Vítor Coutinho; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 11

19 Transcrição livre da conferência “Projectos recentes” proferida por Eduardo Souto Moura em aula inaugural da “Escola da Cidade” emitida online a 26/02/2021. (disponível online em <https://www.youtube.com/watch?v=UZtuxv991oo>)

20 “Como pedras vivas, entraís na construção de um edifício espiritual” em “Bíblia Sagrada”, 1ª Carta de São Pedro; 1 Pe 2:5

21 SIZA, Álvaro; “01 Textos”; Parceria A.M. Pereira; Lisboa 2019; Texto 151 “Os azulejos de Fátima”; p. 272

muitas vezes a vivência do espaço, acentuou esta lacuna. Ela é, no entanto, compreensível, porque existiria algum contrasenso em noticiar publicamente o que ao íntimo e ao privado diz respeito. Paradoxalmente, é precisamente nesta tensão que o confessionalismo suscita que assentam vários trabalhos artísticos, desde o cinema, exibindo cenas carregadas de humor²², à fotografia, tacteando a bisbilhotice e estimulando a imaginação²³. Na verdade, o “oculto, o íntimo e o doméstico sempre atraíram a curiosidade de um público ávido de sensações novas e excitado pela eventualidade de deparar com transgressões secretas”²⁴.

“... as sendas batidas pelos turistas de hoje são muito estreitas e percorridas por grandes multidões atraídas de idêntica maneira pelos mesmos preconceitos e pela mesma expectativa. O turista, como o peregrino, pretende ver as relíquias famosas e observar o comportamento dos seus companheiros de viagem, mas mostra-se relutante em abandonar a rota preestabelecida ou a expor-se às maravilhas não catalogadas para as quais não existe uma explicação elaborada”²⁵

As grandes questões e discussões acerca do espaço litúrgico esquecem sistematicamente o lugar da confissão, não obstante ele tenha hoje novas prescrições. Todavia, os trabalhos de arquitectos como Wilhelm Schlombs²⁶, Fernando Lopez Arias²⁷ e Paolo Bedogni²⁸, e os números 52 e 90 da revista “Chroniques D’Art Sacré”²⁹, procuraram colmatar esta deficiência. A par destas investigações - que contemplam sobretudo os desenvolvimentos na Alemanha, Espanha, Itália e França - foi realizada uma exaustiva pesquisa - também acompanhando o contexto português -, receptiva à organicidade do desenvolvimento do trabalho e ditada pelo sentido operativo do projecto. Efectivamente, o que muitas vezes falta são respostas arquitectónicas concretas³⁰ que incorporem estas mesmas reflexões.

“No dia em que a reflexão teológica, que pode sempre ser aprimorada, se unir à pesquisa arquitectónica, encontraremos os lugares que farão os cristãos compreenderem o chamamento à conversão que Deus nunca cessa

22 Referência à cena humorística no confessionalismo do filme “Amarcord” de 1973 de Federico Fellini

23 Referência ao trabalho fotográfico, intitulado de “Church Work” de 1993-2001 de Laura Resen, que se debruça particularmente sobre os espaços da confissão

24 MATTOSO, José; SOUSA, Bernardo Vasconcelos; “História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média.”; Círculo de Leitores; 1ª Edição 2010; p. 9

25 KUBLER, George; “A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes. 1521-1706”; trad. Jorge Pais da Silva; Vega; 2005; p. 5

26 Wilhelm Schlombs (1920-1993), arquitecto alemão. Autor de SCHLOMBS, Wilhelm; “Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln”; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965

27 Fernando López Arias (1982), arquitecto espanhol, sacerdote e professor no Instituto de Liturgia na Universidade Pontifícia de Santa Cruz, em Roma. Autor de ARIAS, Fernando López; “Arquitectura de la Misericordia. El espacio celebrativo de la penitencia sacramental en la historia”; publicado na revista “Phase”, Revista de Pastoral Litúrgica; n.º 56; 2016

28 Paolo Bedogni (1956), arquitecto italiano. Autor de BEDOGNI, Paolo; “Luoghi di riconciliazione. Il mestiere dell’architetto”; If Press; 2014

29 As revistas “Chroniques D’Art Sacré” promovida por padres dominicanos, com publicações entre os anos 1985 e 2007, apresenta dois números que abordam o espaço da reconciliação (n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997 | n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007)

30 “À pesquisa litúrgica e teológica certamente se juntarão as propostas de artistas capazes de traduzir em realidade as aspirações de nosso tempo” Tradução livre de PLATEAUX, Alain; “Quels lieux pour la réconciliation?”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 10

de lhes dirigir”³¹

No entanto, a tradução das reflexões na realidade tangível de um confessionário implica considerar, no caso particular da presente dissertação, a preexistência românica da igreja de Santa Maria de Meinedo, edifício construído no séc. XIII, mas cujos alicerces remontam, pelo menos, ao séc. VI, encontrando-se hoje consideravelmente descaracterizado, consequência de recentes e sucessivas intervenções. Da dificuldade inerente à abordagem projectual, realça-se a importância dos contributos - quase bíblicos - de Juhani Pallasmaa em “Olhos da Pele”³² e de Steen Eiler Rasmussen em “Experiencing Architecture”³³ e, ainda, de Álvaro Siza, não apenas em “Imaginar a Evidência”³⁴, mas também nos fragmentos avulsos - desenhos e pensamentos - que generosamente vai partilhando.

Dito isto, e para além dos cadernos e da apresentação do projecto, organiza-se a dissertação segundo os momentos:

No capítulo II, - ‘**nidação**’ - procura-se o lugar conveniente do novo espaço da reconciliação na igreja de Meinedo, admitindo-se a importância significativa das ‘não-decisões’ para o afunilamento da decisão que, entretanto, se propõe.

No capítulo III, - ‘**detalhes que brotam**’ -, depois de uma fixação do lugar, convive-se com os detalhes que brotam das decisões e com aqueles que vão sendo, sem embargo, adicionados ao projecto.

Durante a acção discursiva, nomeadamente na intitulação dos textos, foram úteis as expressões e os ditados populares que, inseridos no campo do imaginário comum, parecem responder melhor à difícil tarefa de compatibilizar história-teoria-projecto, para além da óbvia riqueza na reprodução de sensações, sentimentos e de ideias.

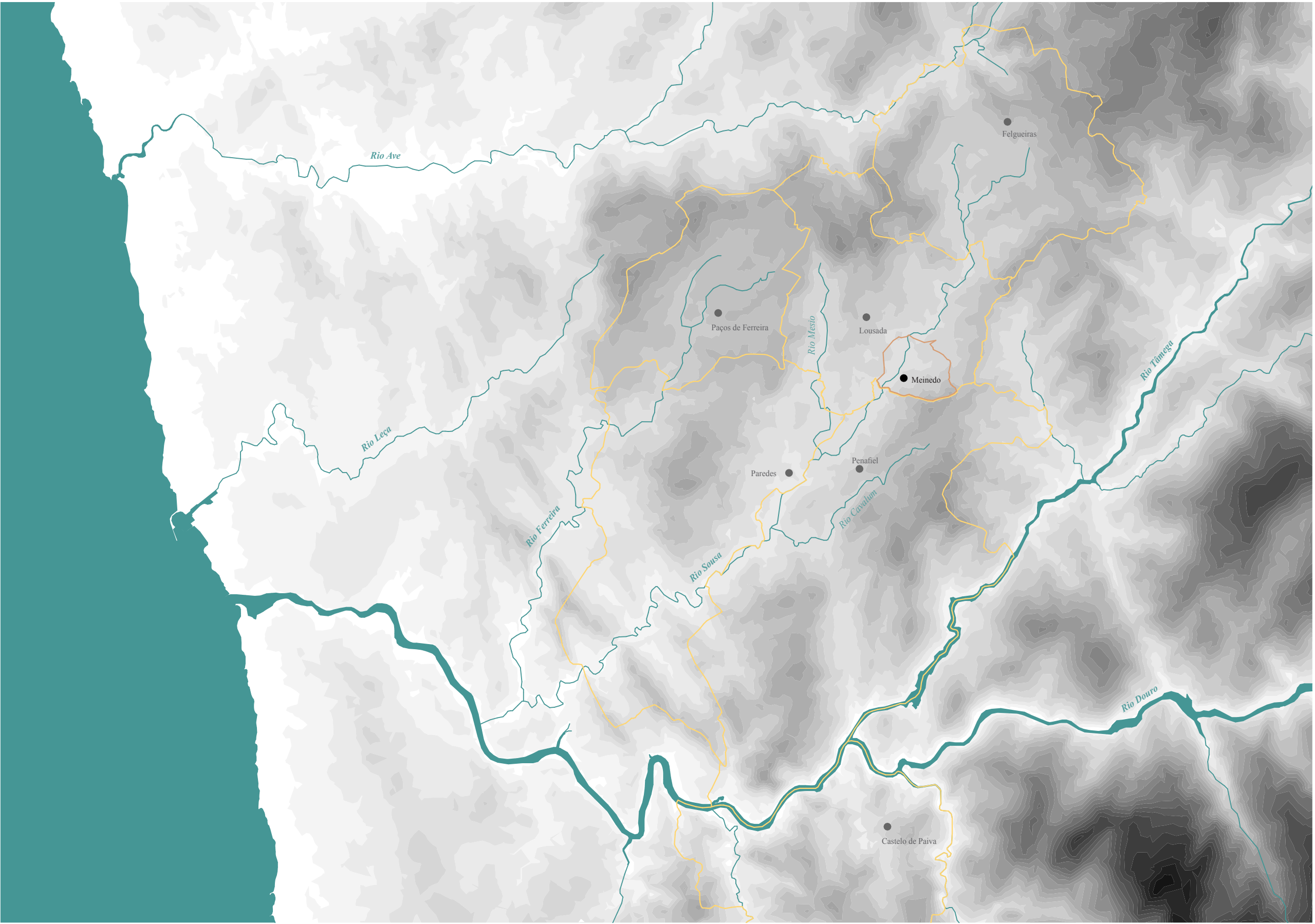
31 DE CLERCK; P. Paul; “La réconciliation dans son rapport spatial aux sacraments” publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 11

32 PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011

33 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007

34 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000

Caderno I | da vocação do lugar



[1] Planta de localização. A freguesia de Meinedo inserida no Vale do Sousa
Desenho do autor, com recurso à informação topográfica do 'Google Earth' e ao software 'QGIS'



da vocação do lugar

“Uma igreja românica, mesmo que hoje esteja isolada, é sempre um centro cheio de múltiplos liames”¹

Meinedo é a segunda maior das quinze freguesias que compõem o concelho de Lousada, na sub-região administrativa do Tâmega e Sousa do distrito do Porto. Insere-se no vale do rio Sousa, juntamente com os concelhos de Felgueiras, Lousada, Paredes, Penafiel, Paços de Ferreira e Castelo de Paiva - ainda que os dois últimos, em situação de periferia, não contactem com a via fluvial. O concelho de Lousada, e particularmente a freguesia de Meinedo, em contrapartida, assumem uma posição central no vale do rio Sousa, em contacto directo com a via fluvial e, portanto, na zona de maior profundidade - a medula - do acidente topográfico, e num ponto médio do seu curso², desde a nascente, em Friande (Felgueiras), a Cête (Paredes), onde envereda pelos relevos que limitam o vale a Sudoeste. Fruto desta posição - central num território, mas desprovida de atributos defensivos -, Meinedo conheceu momentos de particular desenvolvimento nos contextos de paz e momentos de estagnação, esquecimento e destruição durante os períodos de conflito.

Quando Meinedo era apenas um castro, inserido num complexo de 24 assentamentos entre Felgueiras e Lousada - a bacia superior do rio Sousa -, estava assente numa pequena rechã - hoje visível -, o que, segundo José Marcelo Mendes-Pinto, denotava já uma “vocação específica”³ do próprio castro. Se, por um lado, uma rechã é uma emanção de uma encosta - e não uma elevação isolada no território - com carências defensivas, também a parca área de cultivo intramuros denuncia a permanente predisposição de Meinedo para o aproveitamento das potencialidades agrícolas dos terrenos circundantes. Assim, pondera-se que a descida da população para a zona de meia-encosta - a 15 minutos de distância da rechã - se possa ter dado de forma agilizada e espontânea, por

intermédio de uma ou duas famílias autóctones, prescindindo e antecipando a lógica da aculturação romana que, na sequência de um sentimento de segurança ditado pela Pax Romana, certamente viria a preferir as zonas aplanadas, férteis e de maior acessibilidade, face aos lugares altos e inóspitos.

O esporão, com uma área três vezes superior à do povoado primitivo - e onde hoje se localiza a igreja de Meinedo -, corresponde à plataforma que surge a Norte da rechã. Efectivamente, é no esporão, pela sua situação aplanada, próxima aos cursos de água e com maior exposição solar - uma vez que afastada da encosta -, que se estabelece a ocupação romana entre o século I d.C. e, adentro de uma certa continuidade, até à Alta Idade Média. Enquanto que a maioria dos castros periféricos eram romanizados, tornando-se ‘castellas’ - aglomerados populacionais confinados aos limites dos antigos castros -, a descida precoce para o esporão, certamente contribuiu para que Meinedo se destacasse na envolvente, assistindo-se provavelmente a um processo migratório, e se tornasse num ‘vicus’ romano. Um ‘vicus’ corresponde a um aglomerado populacional de segundo nível, isto é, ainda que tenha parte do seu habitat arruado e disponha de espaços administrativos e económicos e de albergues, não é amuralhado e, também por isso, mantém um grau de dependência em relação a uma cidade. Meinedo seria um vicus da civitas tongobringense, distando 13 quilómetros que, na época, se fariam confortavelmente num único dia. Aliás, a via que ligaria Tongobriga a Bracara Augusta, que percorrer-se-ia em 3 dias, teria como repouso o vicus de Meinedo e o “vicus Oculis Caldarium”, actual Vizela. A travessia necessária do rio Sousa, dar-se ia em Meinedo, pela zona da ponte de Espindo ou da ponte de Sousa.

Nesse momento, a doutrina social cristã, não obstante todas as genuínas conversões, era vista com apreço tanto pelos grandes proprietários e comerciantes que desejavam organizar e consolidar as cidades, como pelos membros desfavorecidos que beneficiavam dos cuidados e das esmolas. Assim, infiltrando-se na estabelecida rede viária e ao ritmo da movimentação comercial do império romano, o cristianismo obtinha uma enorme adesão, formando comunidades que, na província da Galécia - no noroeste peninsular - remontam, pelo menos, ao séc. III. Tratou-se de um fenómeno de relativa organicidade e à revelia imperial até ao ano de 313,

1 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001; p. 85

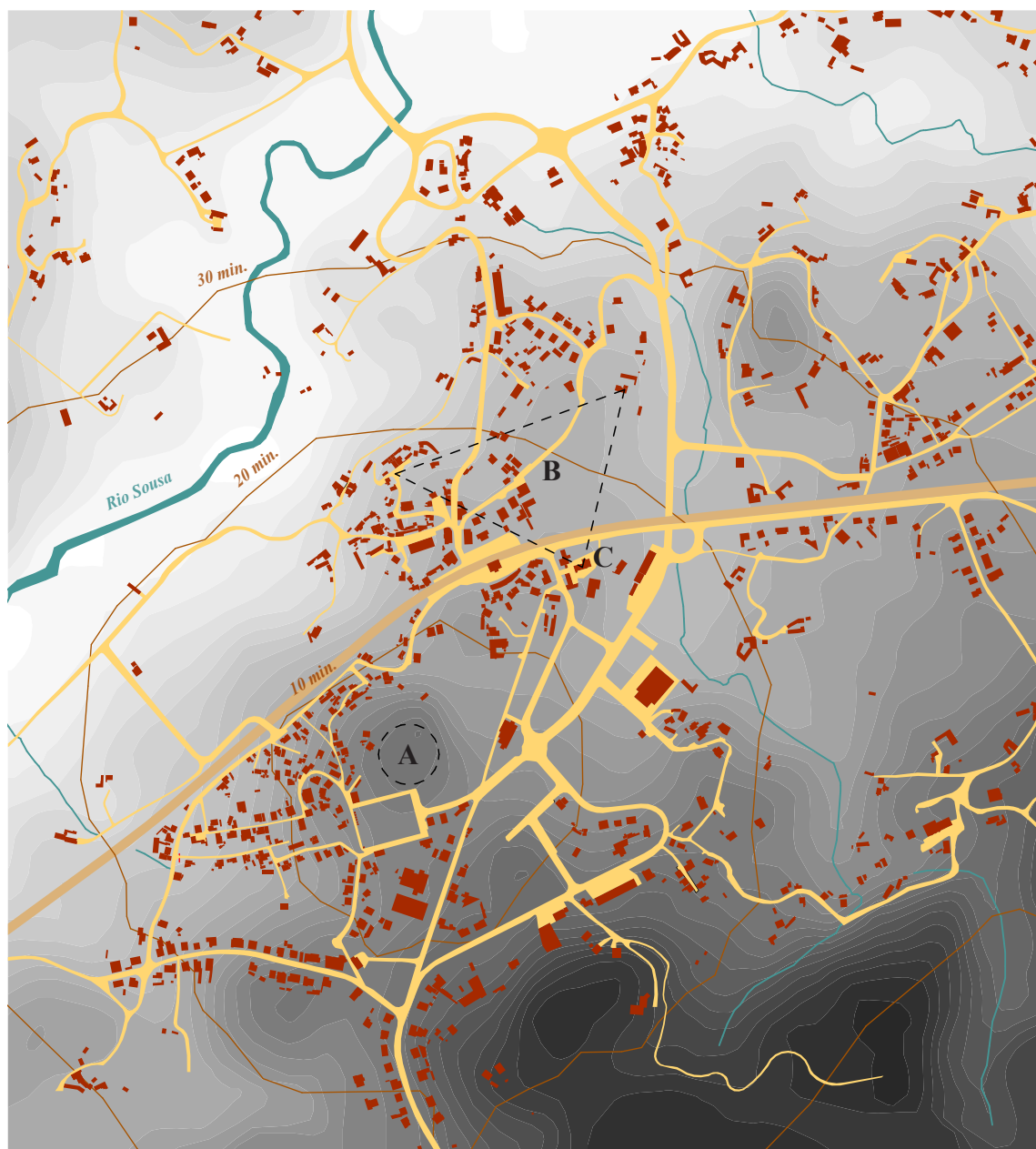
2 Meinedo dista cerca de 15 quilómetros da nascente do rio Sousa, em Friande (Felgueiras), e cerca de 12 quilómetros de Cête (Paredes), junto ao primeiro dos relevos que limitam o vale a Sudoeste.

3 MENDES-PINTO, José Marcelo; “Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa”; em “Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras do Sousa” em revista “Oppidum”; Câmara Municipal de Lousada; número especial - 2008

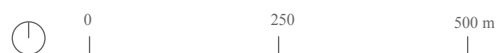


[2] A freguesia de Meinedo
A - Rechã
B - Esporão
C - Igreja de Santa Maria de Meinedo

Imagem do 'Google Earth'



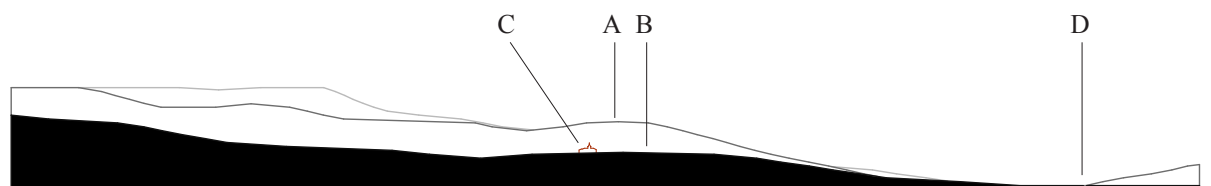
[3] Planta de localização. A freguesia de Meinedo
A - Rechã
B - Esporão
C - Igreja de Santa Maria de Meinedo



Desenho do autor, com recurso à cartografia digital disponibilizada pela Rede Municipal de Apoio Topográfico da Câmara Municipal de Lousada, à informação topográfica do 'Google Earth' e ao software 'QGIS'



[4] Freguesia de Meinedo: da Rechã ao Esporão, onde se localiza a igreja de Meinedo
Fotografia aérea



[5] Freguesia de Meinedo: corte longitudinal
A - Rechã
B - Esporão
C - Igreja de Santa Maria de Meinedo
D - Rio Sousa

Desenho do autor, a partir da informação topográfica do 'Google Earth' e do software 'QGIS'

quando o imperador Constantino não só põe termo às perseguições aos cristãos como providencia a sua protecção pelas autoridades romanas. É provável que, por esta altura, Meinedo, o emancipado “vicus” e com forte ligação a Braga, ostentasse já um lugar de culto cristão, provavelmente adaptado de um edifício civil.

Por volta de 411, os suevos instalar-se-iam na província da Galécia, dando-se o término do domínio romano no actual território português, ainda que se tenha assistido a uma manutenção essencial do modelo de civilização. Oscilando nas profissões de fé, a par dos movimentos heréticos que simultaneamente proliferavam, a derradeira conversão dos suevos ao cristianismo ocorre pelo ano de 550 com o rei Carriarico, mediante a cura milagrosa do seu filho tocado pelas relíquias de S. Martinho de Tours trazidas da Gália por S. Martinho de Dume. Apelidado de ‘apóstolo dos suevos’, S. Martinho de Dume, perseverante pregador, é o responsável pelo fervor católico na região e pela particular ascensão de Meinedo.

Efectivamente, pelo ano de 569, quando surge a primeira referência ao nome suevo de ‘Magneto’, Meinedo consagrar-se-ia como sede de um bispado que incluiria na sua subsidiência a paróquia de “Portocale”. Esta reorganização do mapa eclesiástico do reino suevo resultou da prudente e estruturada acção traduzida pelos três concílios suscitados pelo, então bispo, S. Martinho de Dume. Se no I Concílio de Braga (561), em reacção às heresias enraizadas - consideradas um fenómeno epidemiológico -, procurar-se-ia o unânime consenso dos bispos, no Concílio de Lugo (569), desmembrava-se o vasto território da diocese Bracaraense, dando a Meinedo grande parte da sua extensão. Sobre a prelecção por Meinedo, importa relembrar a posição central que ocupa no vale do rio Sousa e a comparência na teia de relações herdada da romanização, sublinhando-se a relação com Braga. É quase certo que em Meinedo já existiria por esta data um edifício de culto cristão, ou herdado da romanização, ou um outro com grande desenvoltura possivelmente fundado por S. Martinho de Dume, caso contrário dificilmente se justificaria tal decisão. No II Concílio de Braga (572), no qual Viator, primeiro bispo de Magneto, esteve presente, seriam já exequíveis as acções pastorais concretas nas várias, agora mais pequenas, paróquias da diocese.

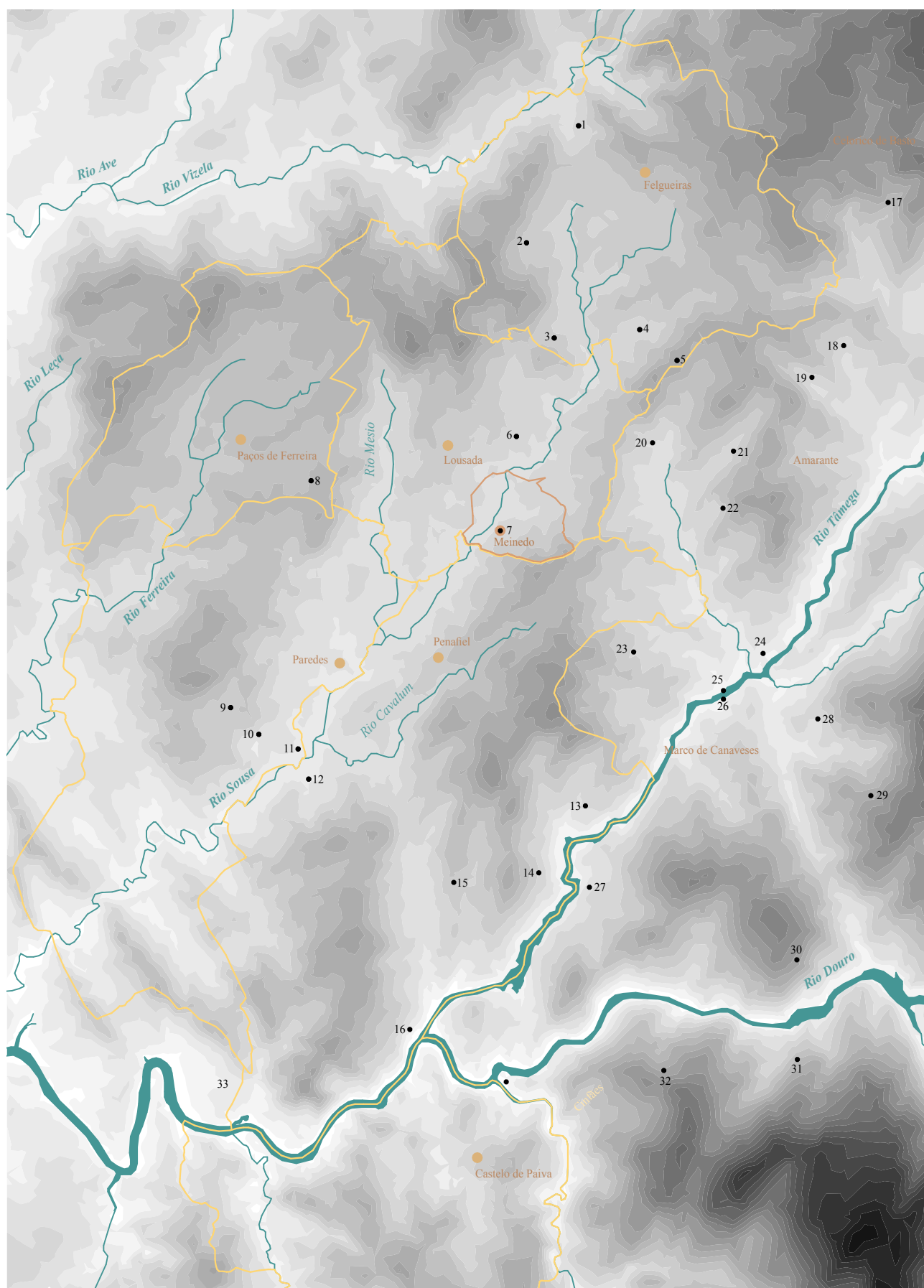
Todavia, Magneto enquanto sede episcopal não subsiste nem 20 anos, já que em 589 o mesmo território passa para o domínio eclesiástico de Portucale. Esta deslocação pode ter representado um conveniente recuo para o litoral, face à iminência dos ataques do reino visigótico, mas Almeida Fernandes levanta a hipótese de uma intencional compleição provisória de Meinedo, onde não haveria suspeitas de heterodoxia, antes de transitar para Portocale, o que se coaduna com o perfil estruturado e preventivo dos concílios.

Ainda assim, condigno à condição episcopal que assumiu entre os anos de 569 a 589, Meinedo possuía um edifício basilical com relativa nobreza. Escavações arqueológicas realizadas entre 1991 e 1993, revelariam, no preciso local da actual igreja, vestígios de uma abside rectangular no exterior e com um círculo ultrapassado no interior e, ainda, de um alicerce, entretanto apropriado pela construção românica, sustentando a actual parede Norte da nave. Sensível à forma e ao contexto histórico, Miguel Areosa Rodrigues, coordenador da investigação arqueológica, considera tratar-se de um edifício de construção suevo-visigótica.

A duradoura dedicação do templo a Santo Tirso inicia-se apenas quando o reino suevo estava já submisso ao domínio visigótico. O rei visigodo Leovigildo, que venceu os suevos pelo ano de 585, embora professasse o arianismo, foi incapaz de conter o cristianismo que se terá infiltrado na corte goda através do seu filho Recaredo, que o sucedeu. Na verdade, o sucesso da rápida assimilação dos dois reinos deveu-se, em grande medida, à coincidência religiosa que resfriou, decerto, as diferenças entre vencidos e vencedores. Terá sido o acérrimo cristão conde Fonda, sogro e embaixador de Recaredo em Constantinopla, que terá trazido, na segunda metade do séc. VI, o corpo do mártir Santo Tirso de Apolónia para Meinedo, aonde se depreende que tenha possuído propriedades. Verdade, ou não, “a devoção era grande, concorrendo muita gente das freguesias vizinhas, à sua sepultura, de onde retiravam terra que bebiam em água para cura das suas “maleitas, febres e outros males””⁴.

É muito provável que o templo suevo-visigótico não tenha resistido à índole destruidora das invasões

4 LOPES, Eduardo Teixeira; “Meinedo. Subsídios para uma possível história desta freguesia”; Câmara Municipal de Lousada; 2001; p. 30



[6] Planta de localização da igreja e o contexto do românico no Vale do Sousa
Desenho do autor, com recurso à base de dados da Rota do Românico, à informação topográfica do
‘Google Earth’ e ao software ‘QGIS’



árabes da Península Ibérica que se iniciaram no séc. VIII.

Contudo, a reconquista de Coimbra aos mouros, em 1064, tendo deslocado a fronteira mais para Sul, propiciou, ao Norte, uma segurança que teria relevantes consequências económicas e sociais e ocasionaria um forte crescimento demográfico. A expansão do românico em Portugal coincide com o reinado de D. Afonso Henriques, preocupado em consolidar e organizar o território entretanto reconquistado. A igreja românica constitui-se como um pólo gerador de exploração agrícola, organização paroquial e provedor de protecção - também divina -, de uma freguesia. D. Hugo, bispo do Porto, recebe em 1131 de D. Afonso Henriques o couto e a igreja de Santo Tirso de Meinedo. A consagração da actual igreja data do ano 1262, conforme inscrição na fachada poente.

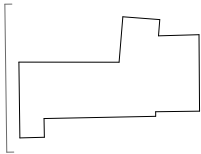
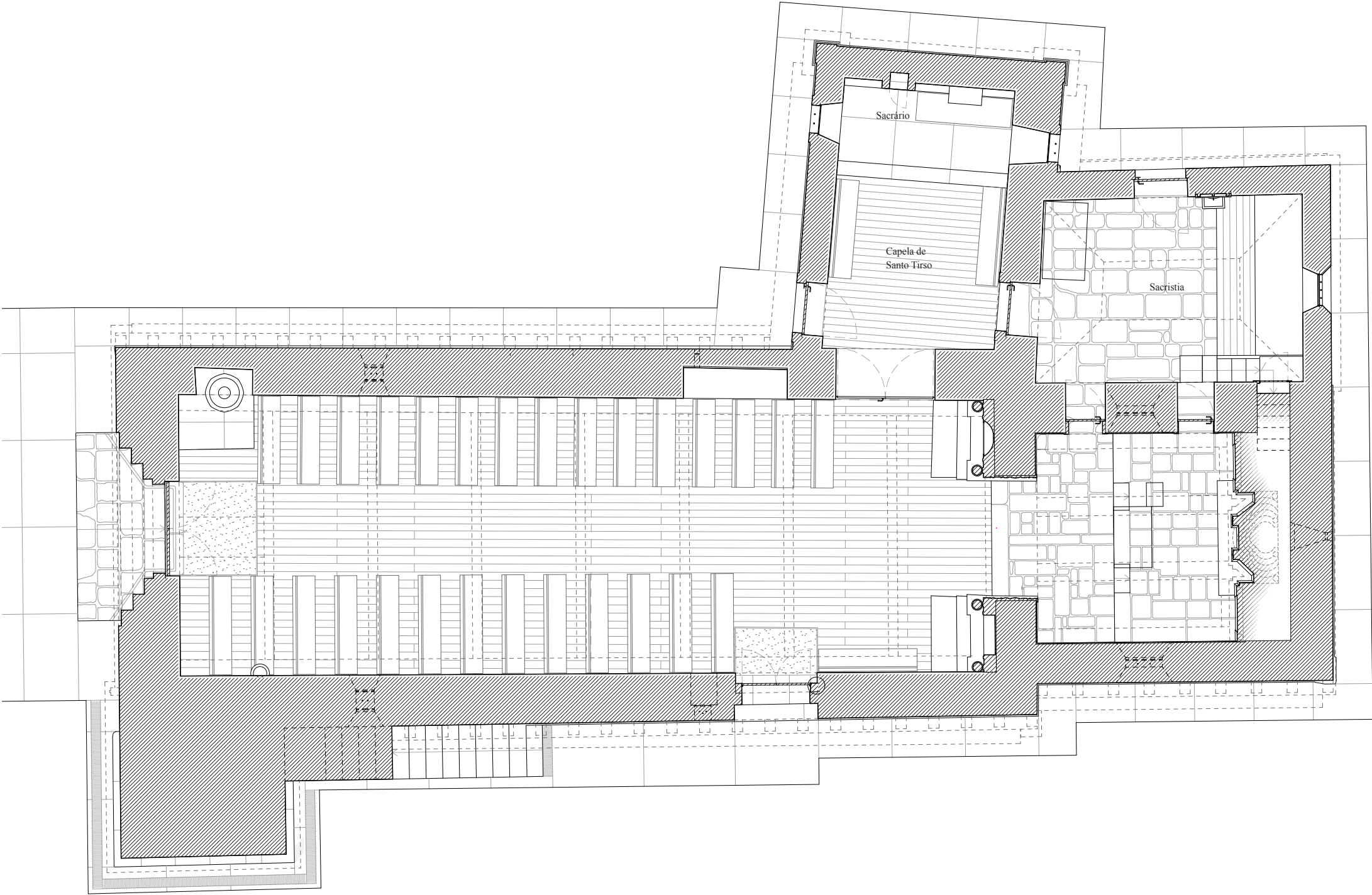
Em Meinedo o primeiro orago terá sido Santo Tirso, assumindo a igreja o nome deste santo até ao século XVII, quando a evocação de Nossa Senhora ou de Santa Maria, parece ter-se imposto definitivamente. Esta alteração do orago em Meinedo não terá sido consensual e o seu processo pautado por rivalidades devocionais. Por sinal, é sensivelmente no mesmo período que surge a pintura parietal de Santa Maria no centro da parede testeira, presumindo-se, assim, uma clara vontade de afirmar a opção devocional. Na verdade, esta circunstância de Meinedo retrata uma generalizada intensificação do culto Mariano na devoção cristã, com o seu esplendor na época gótica.

1. Mosteiro de Santa Maria do Pombeiro, Felgueiras
2. Igreja de São Vicente de Sousa, Felgueiras
3. Igreja do Salvador de Unhão, Felgueiras
4. Igreja de Santa Maria de Airães, Felgueiras
5. Igreja de São Mamede de Vila Verde, Felgueiras
6. Igreja do Salvador da Aveleda, Lousada
7. **Igreja de Santa Maria de Meinedo, Lousada**
8. Igreja de São Pedro de Ferreira, Paços de Ferreira
9. Capela da Senhora da Piedade da Quintã, Paredes
10. Mosteiro de São Pedro de Cête, Paredes
11. Ermida da Nossa Senhora do Vale, Paredes
12. Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa, Penafiel
13. Igreja de São Pedro de Abrugão, Penafiel
14. Igreja de São Gens do Boelhe, Penafiel
15. Igreja do Salvador da Cabeça Santa, Penafiel
16. Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios, Penafiel
17. Igreja do Salvador de Fervença, Celorico de Basto
18. Igreja de Santo André de Telões, Amarante
19. Mosteiro do Salvador do Freixo de Baixo, Amarante
20. Mosteiro do Salvador de Travanca, Amarante
21. Mosteiro de São Martinho de Mancelos, Amarante
22. Igreja do Salvador de Real, Amarante
23. Igreja de Santo André de Vila Boa de Quires, Marco de Canaveses
24. Igreja de Santo Isidoro de Canaveses, Marco de Canaveses
25. Igreja de Santa Maria de Sobretâmega, Marco de Canaveses
26. Igreja de São Nicolau de Canaveses, Marco de Canaveses
27. Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses
28. Igreja do Salvador de Tabuado, Marco de Canaveses
29. Igreja de São Martinho de Soalhões, Marco de Canaveses
30. Capela da Senhora da Livração de Fandinhães, Marco de Canaveses
31. Igreja de São Cristóvão de Nogueira, Cinfães
32. Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela, Cinfães
33. Igreja de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão, Cinfães



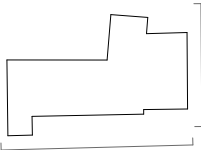
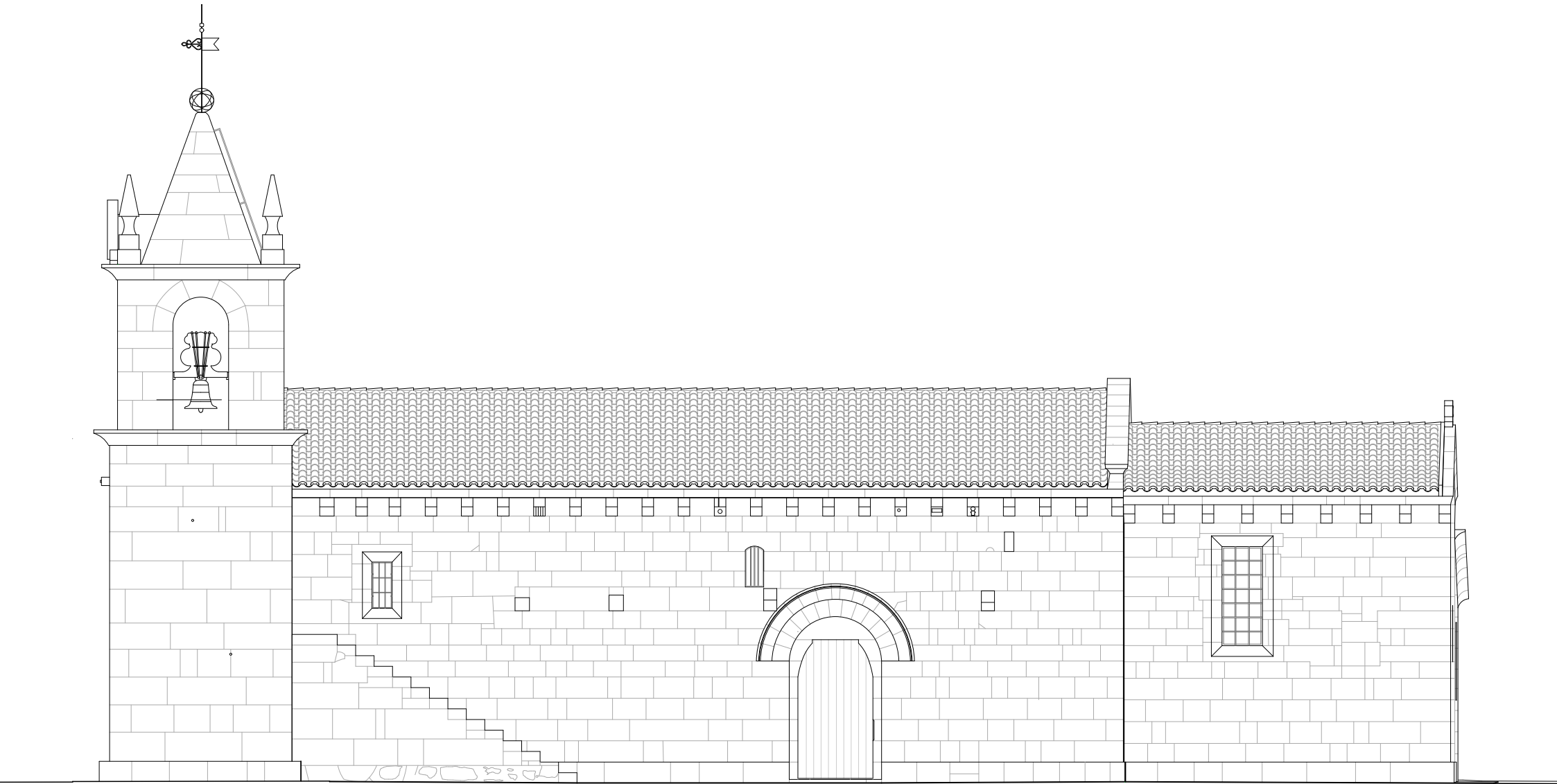
[7] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1878
Gravura de João de Almeida em VIEIRA, José Augusto; “O Minho Pittoresco”; Vol. 2; Lisboa
Livraria A.M. Pereira; 1886; p 368

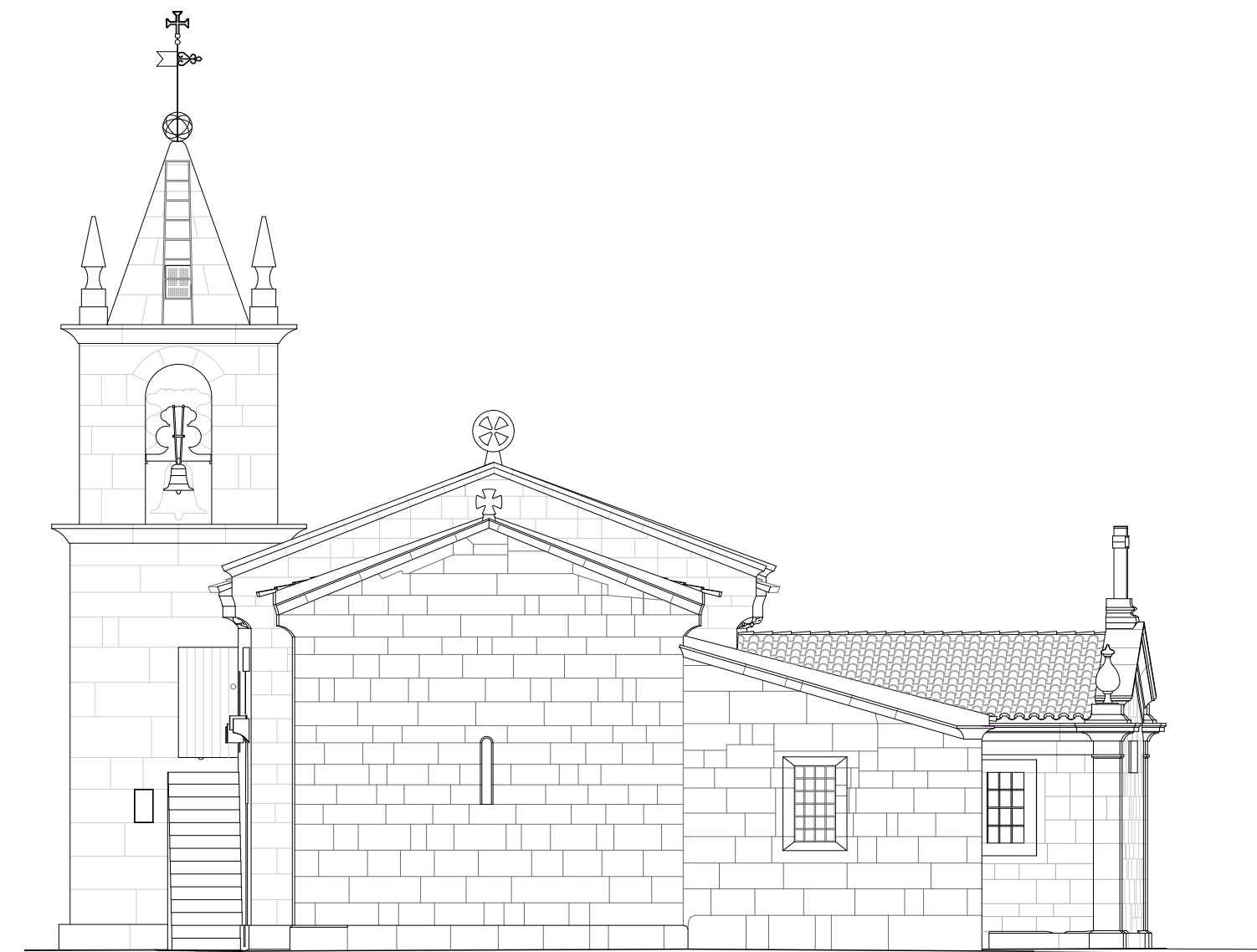
Caderno II | levantamento arquitectónico



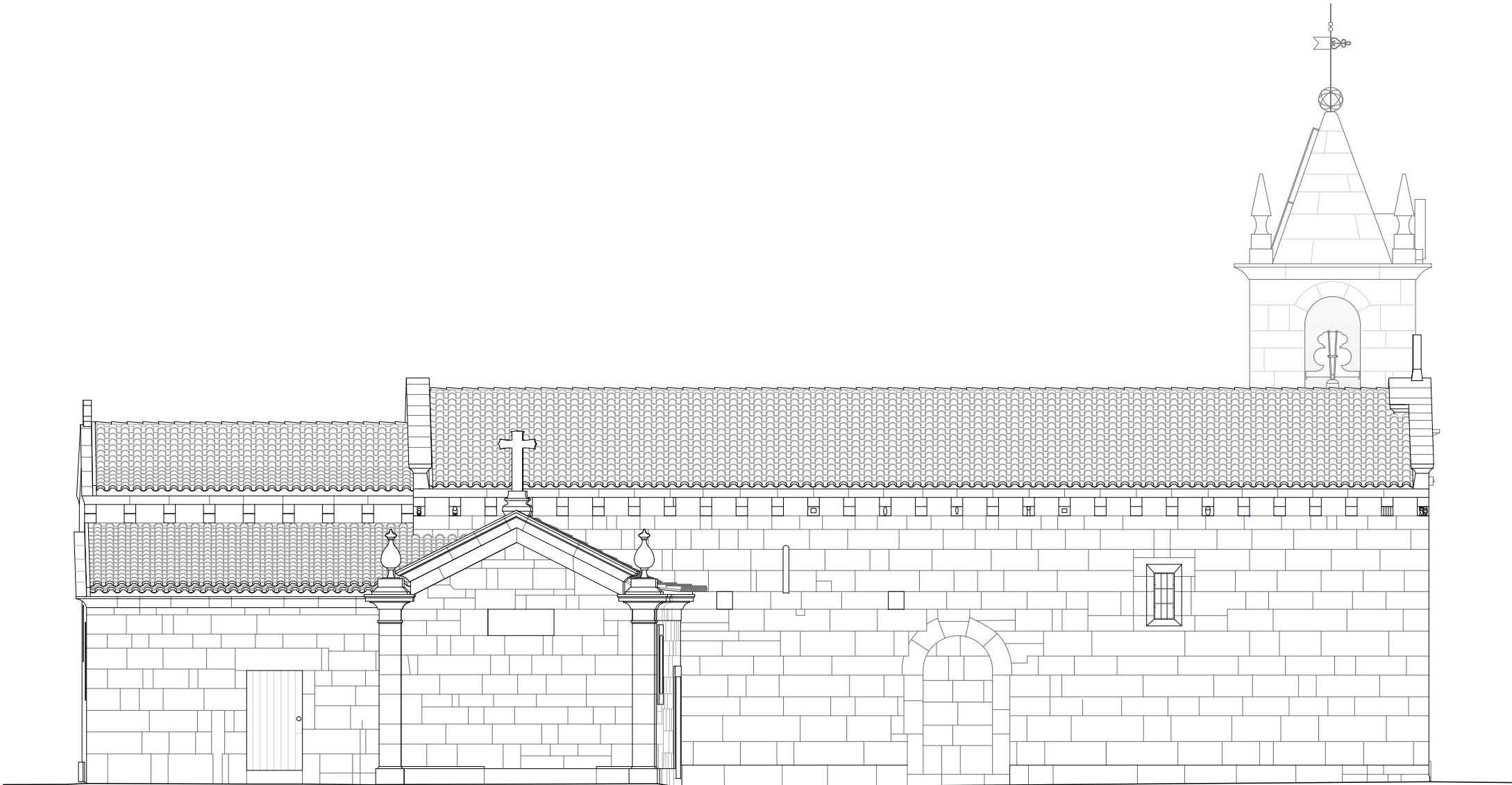


Escala 1:100





Escala 1:100

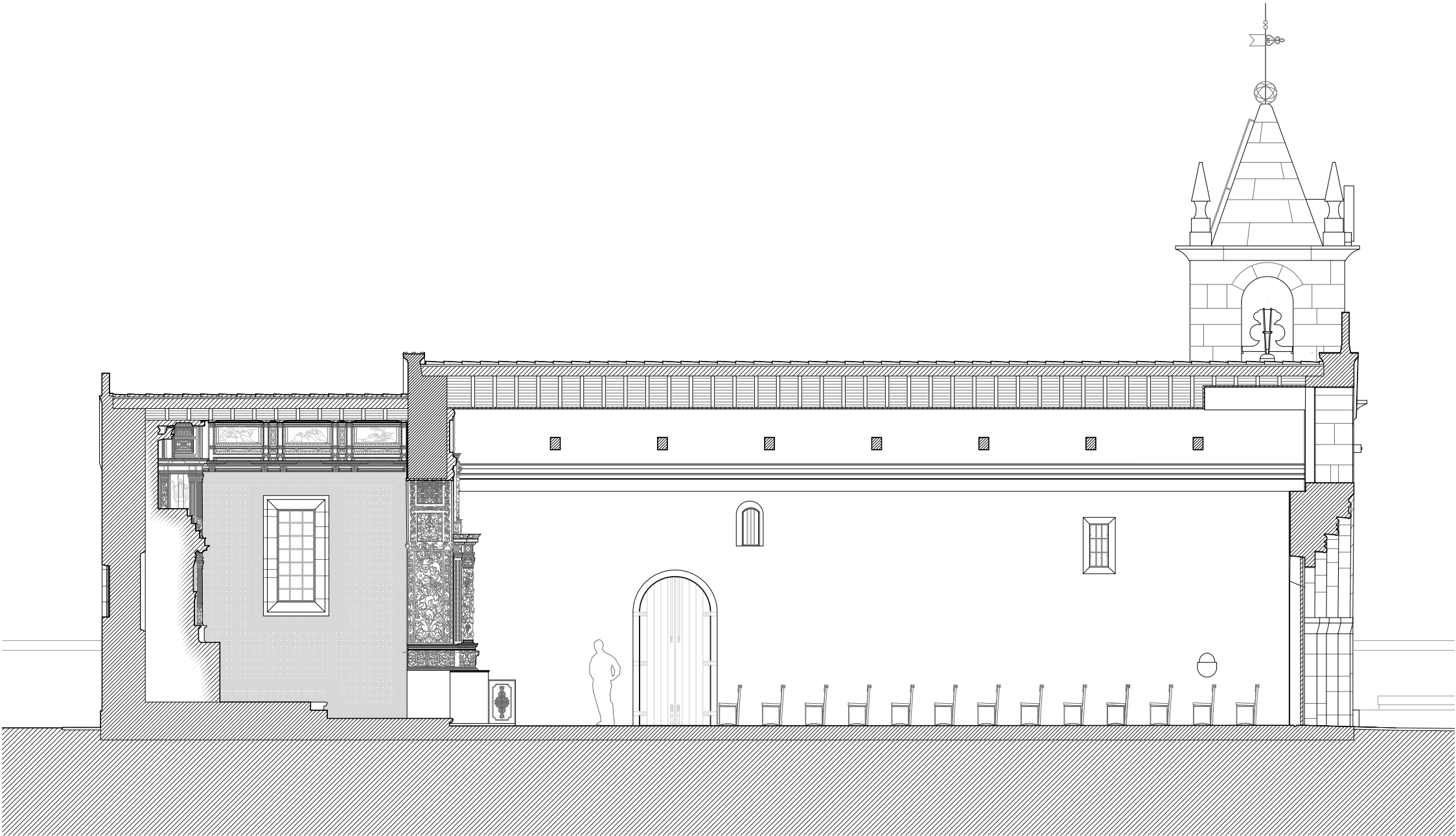


Escala 1:100

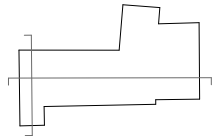




Escala 1:100

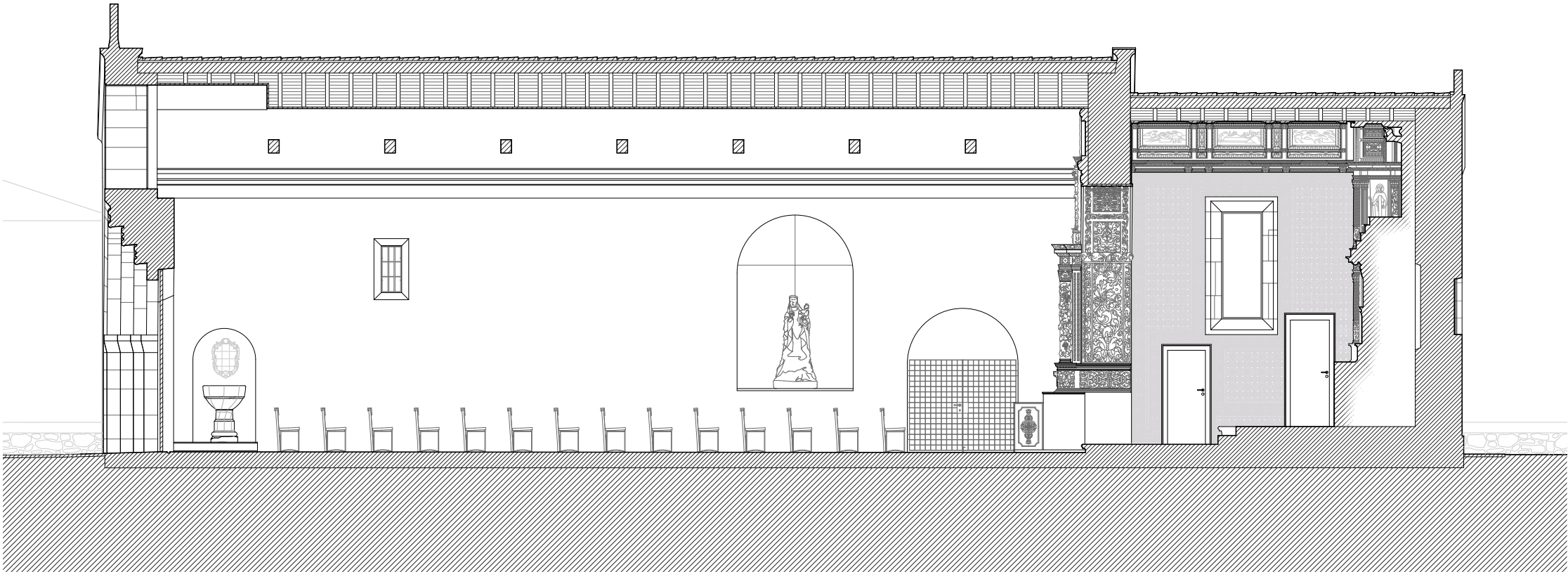


Escala 1:100





Escala 1:100

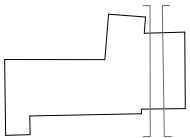
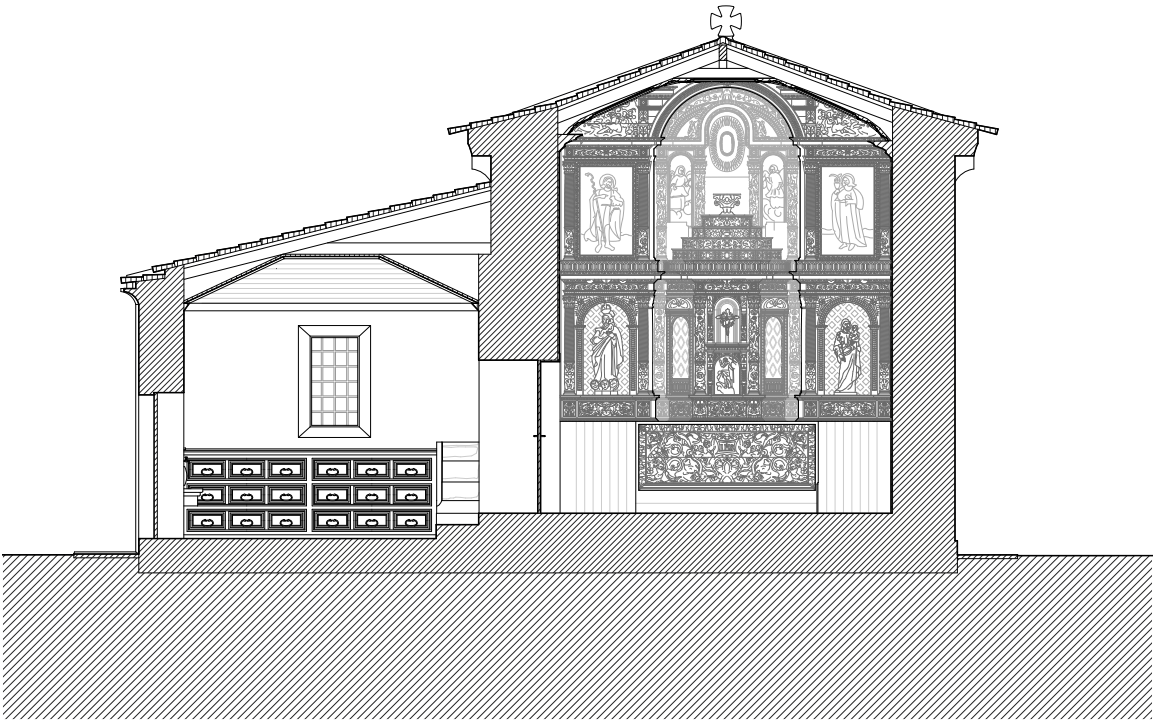


Escala 1:100





Escala 1:100



Caderno III | registros fotográficos



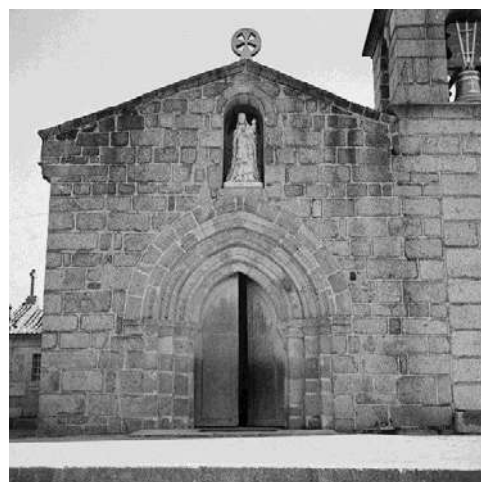
[1]



[2]



[3]



[4]

A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956

[1] Alçado Poente

[2] A torre sineira (em primeiro plano) e o alçado Sul (em segundo plano)

[3] O alçado Poente (em primeiro plano) e a Capela de Santo Tirso (em segundo plano)

[4] Alçado Poente

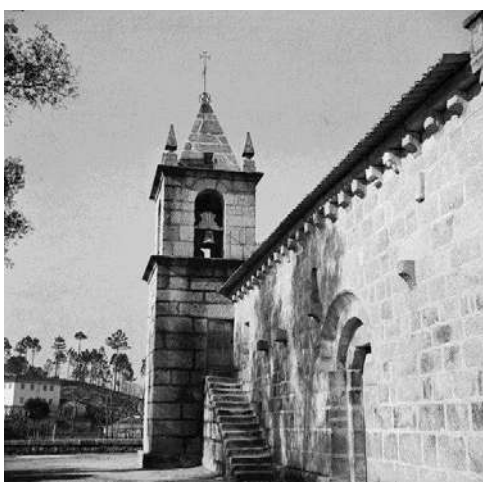
Fotografias da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico



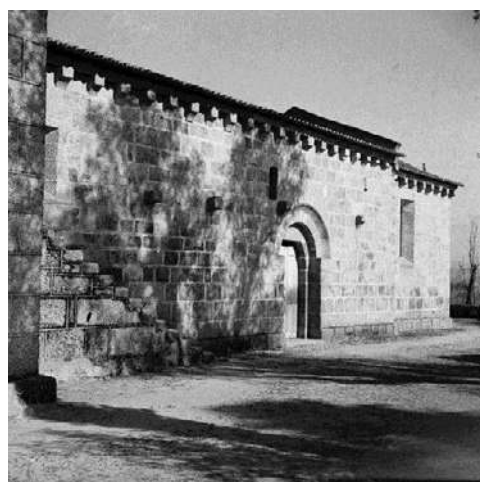
[5]



[6]



[7]



[8]

A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956

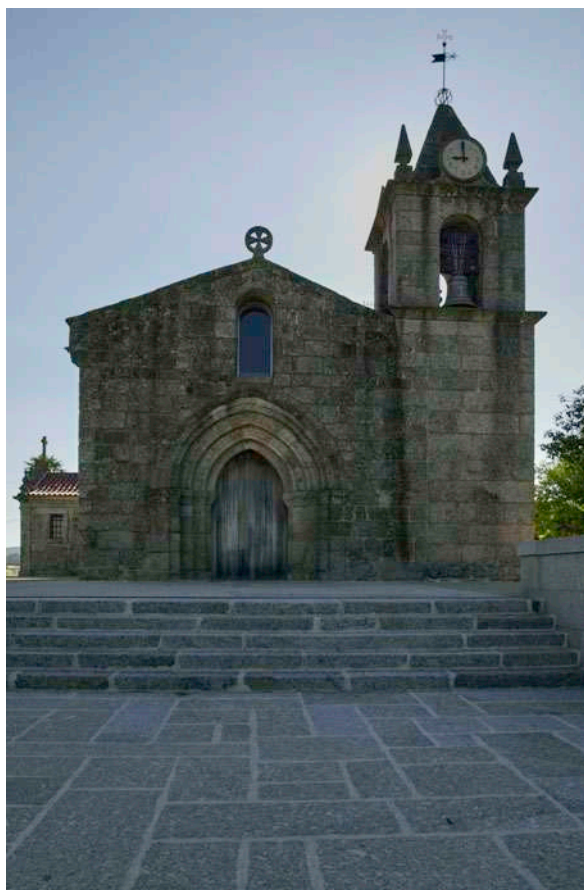
[5] Alçado Nascente (Capela-mor)

[6] Vista da Rua da Igreja

[7] O alçado Sul e a torre sineira

[8] Alçado Sul

Fotografias da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico



[9]



[10]



[11]

Os portais da igreja de Santa Maria de Meinedo

[9] Alçado Poente, fotografia cedida por Duarte Belo

[10] Alçado Norte, fotografia cedida por Duarte Belo

[11] Alçado Sul, fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico



[12]



[13]



[14]

O interior da igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956
[12-14] Da nave à capela-mor, fotografias da DGEMN de 1956,
em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o
Património Arquitectónico



[15]



[16]



[17]



[18]



[19]

A nave da igreja de Santa Maria de Meinedo

[15] Vista para o Portal Poente

[16] Vista para o altar

[17] Nicho e pia baptismal

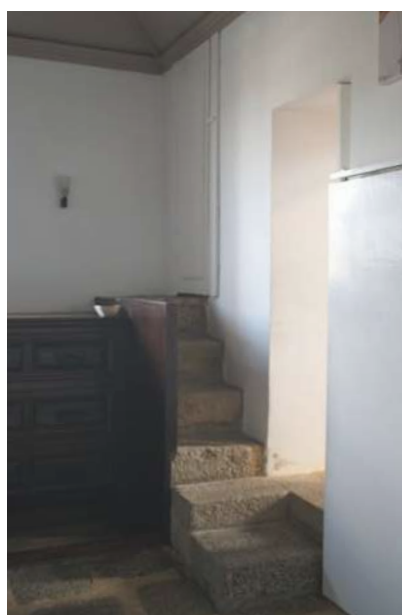
[18] Nicho e escultura de Nossa Senhora das Neves, outrora policromática

[19] Portal Sul

Fotografias do autor



[20]



[21]



[22]



[23]

A sacristia da igreja de Santa Maria de Meinedo

[20] Pia

[21] Passagem para a capela-mor e acesso ao retábulo

Fotografias do autor

A capela-mor da igreja de Santa Maria de Meinedo

[22] Os acessos à sacristia e a janela para o desvão da cobertura

[23] Altar

Fotografias do autor



[24]



[25]

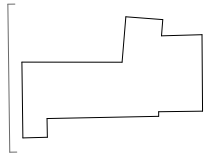
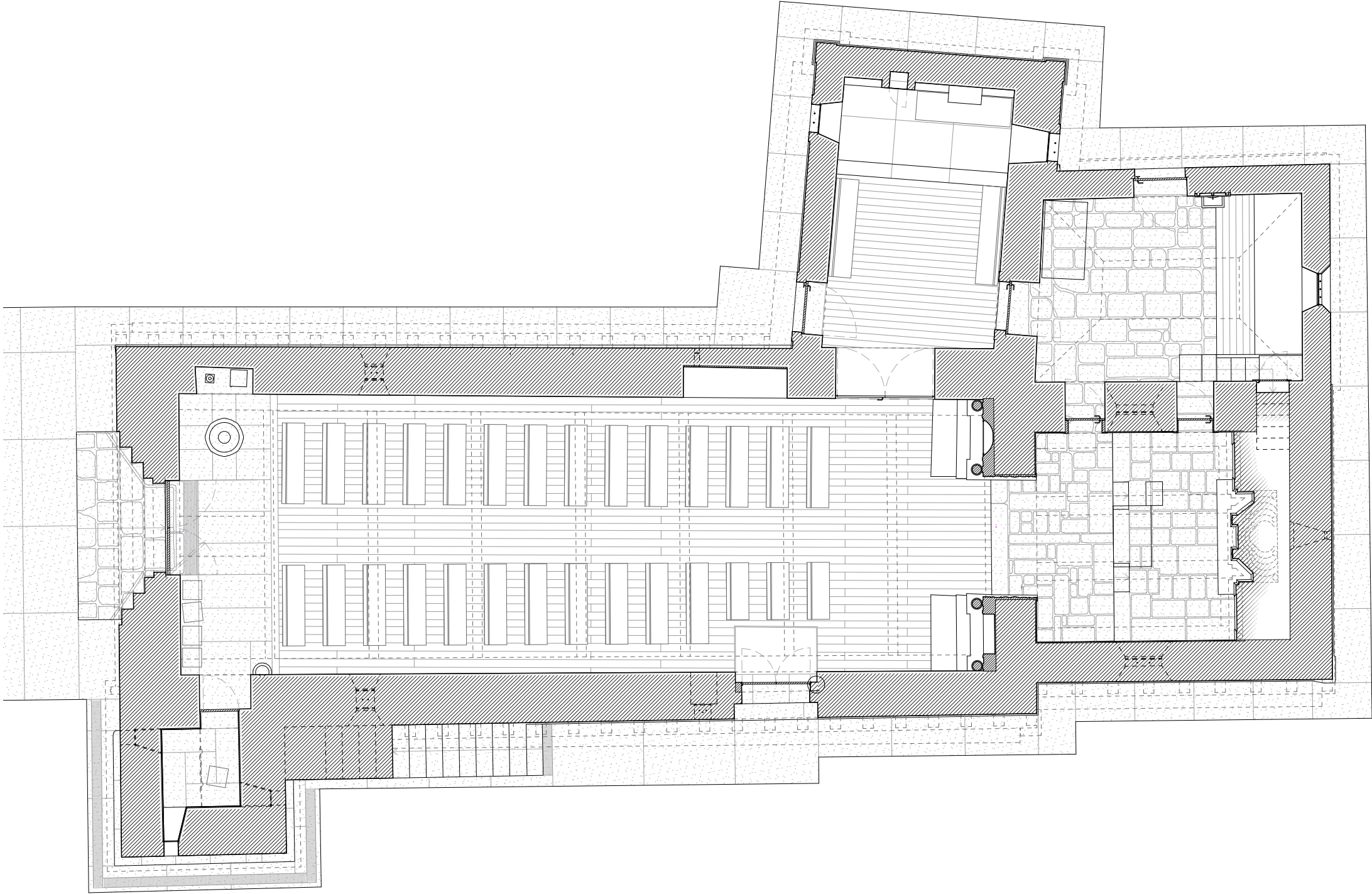


[26]



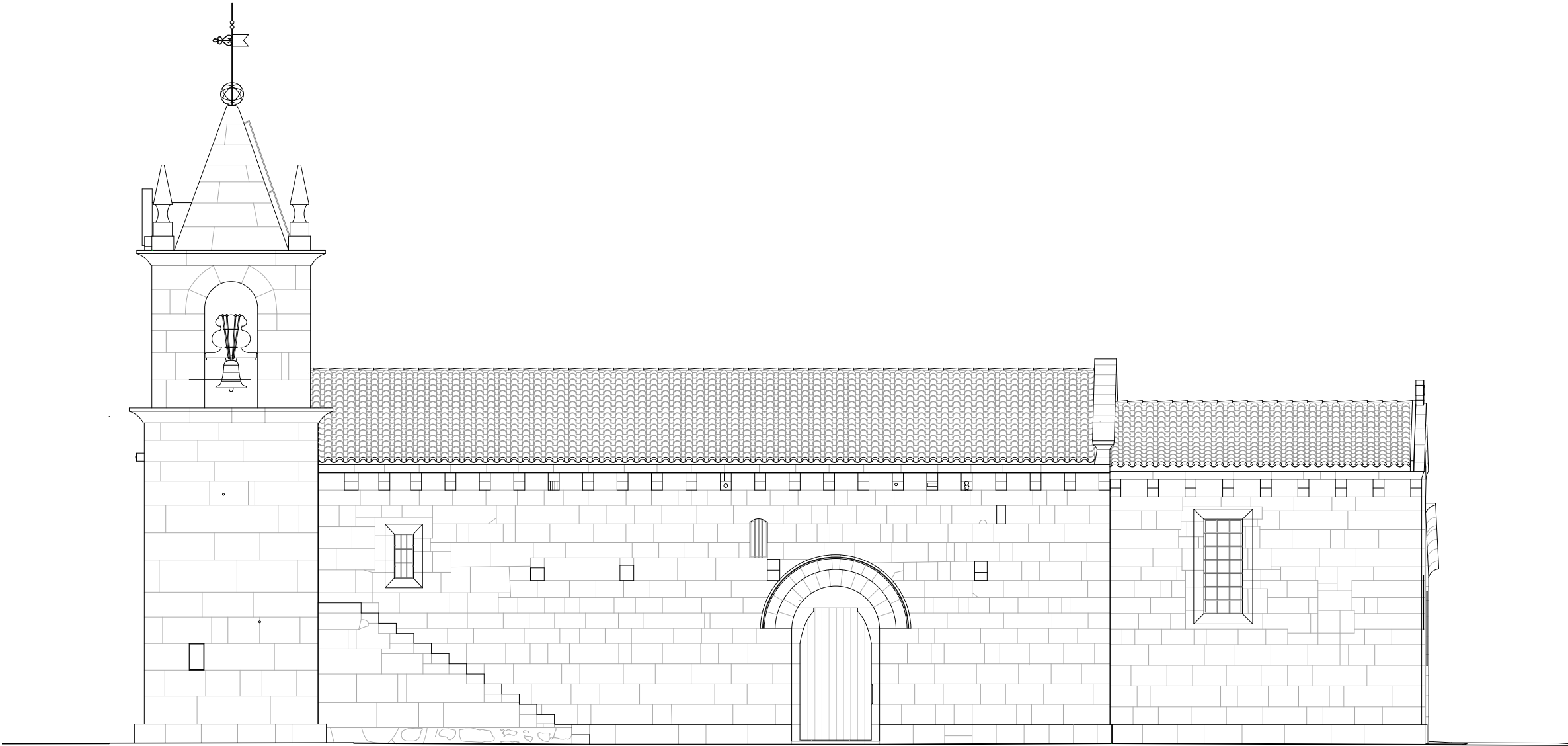
[27]

A capela de Santo Tirso
[24] Vista para a nave
[25] Vista para o sacrário e imagem de Santo Tirso
[26] Vista para o sacrário e imagem de Santo Tirso
[27] Acesso à sacristia
Fotografias do autor

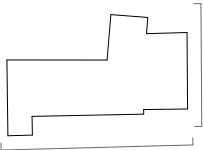


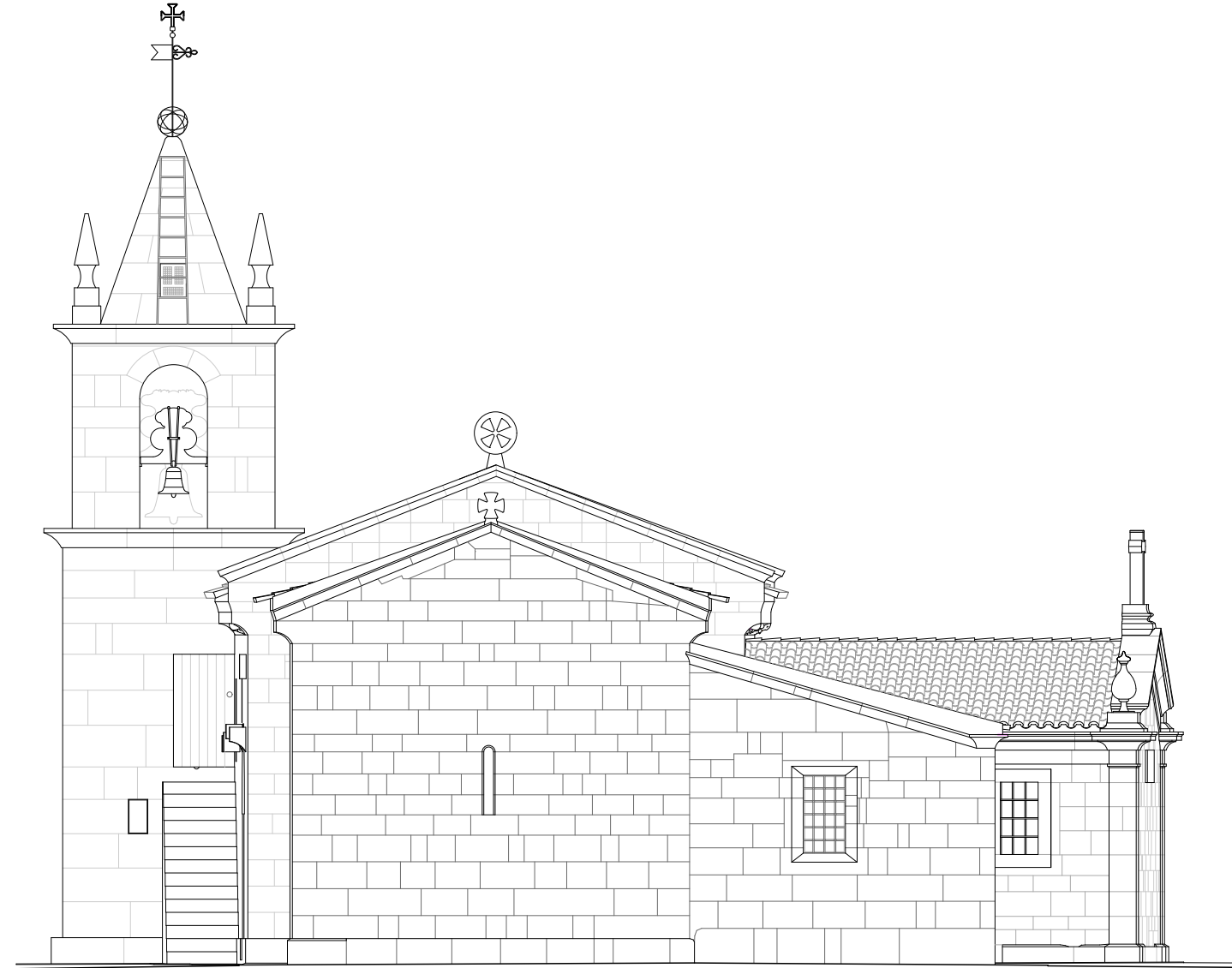


Escala 1:100

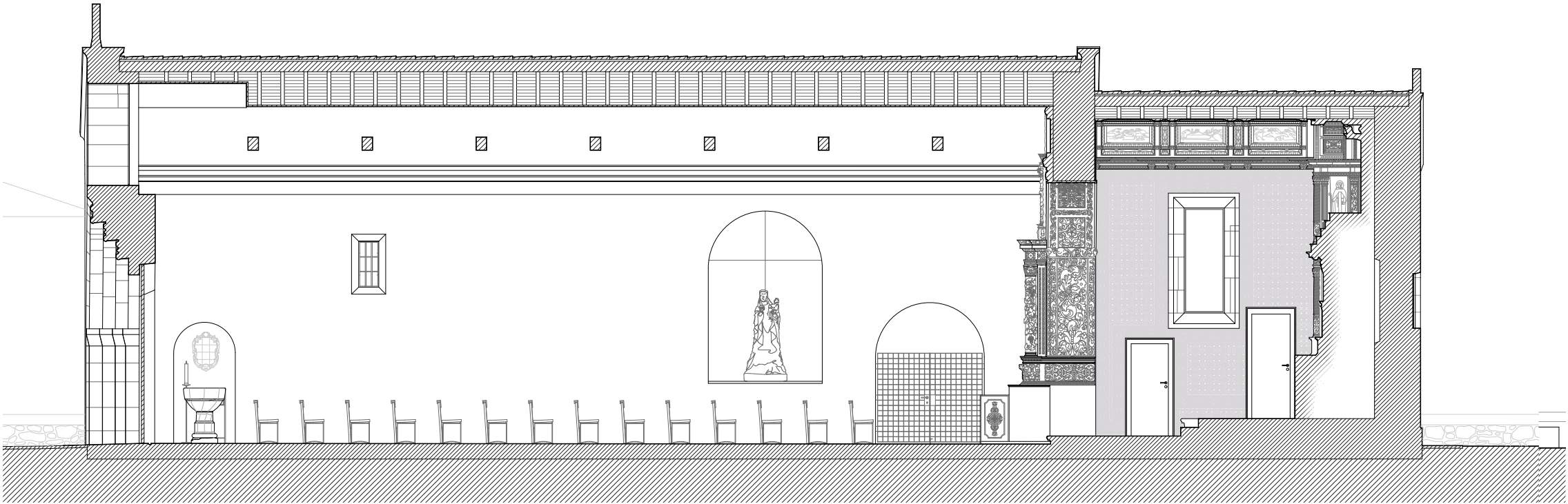
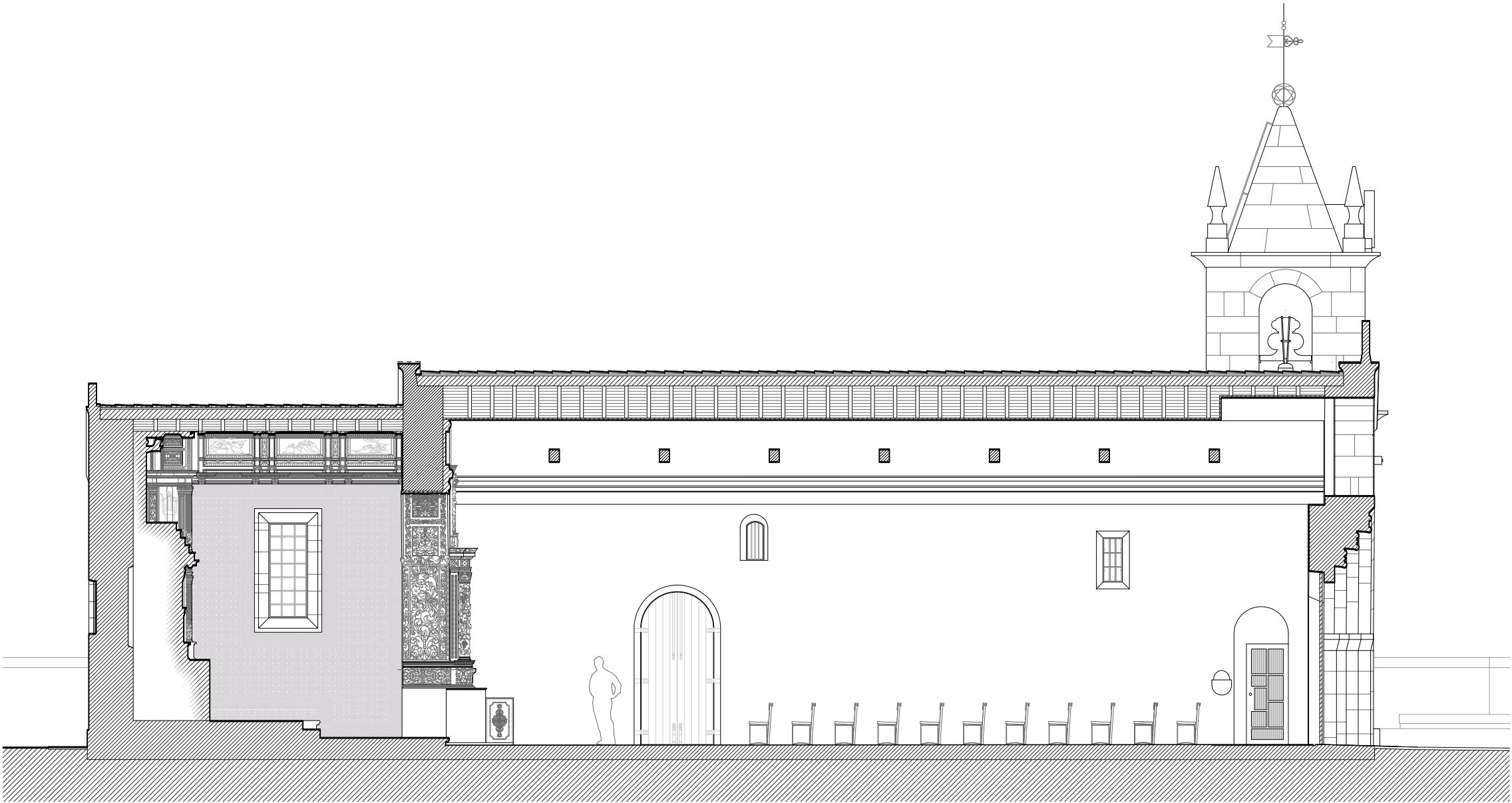


Escala 1:100

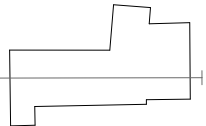


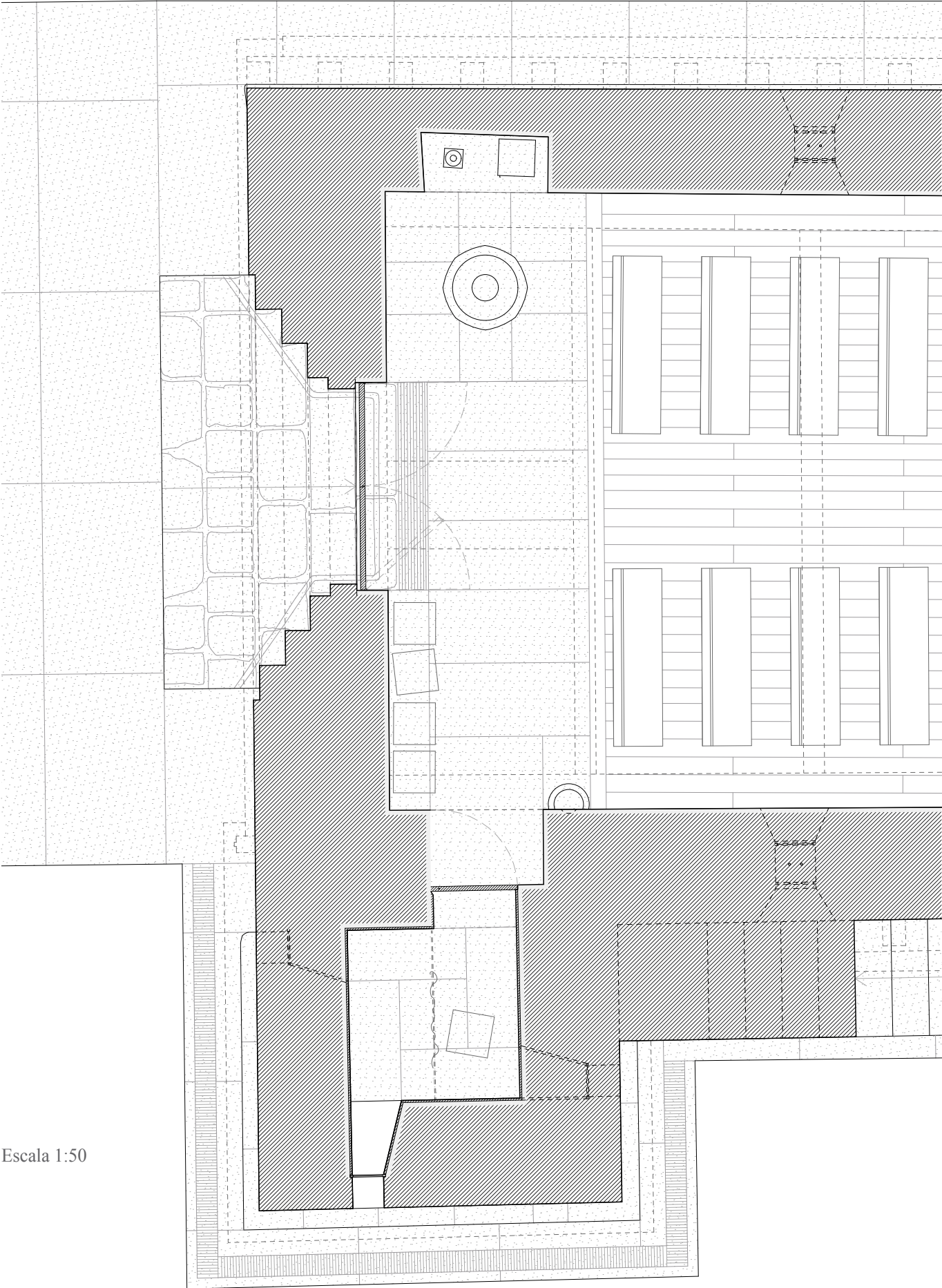


Escala 1:100



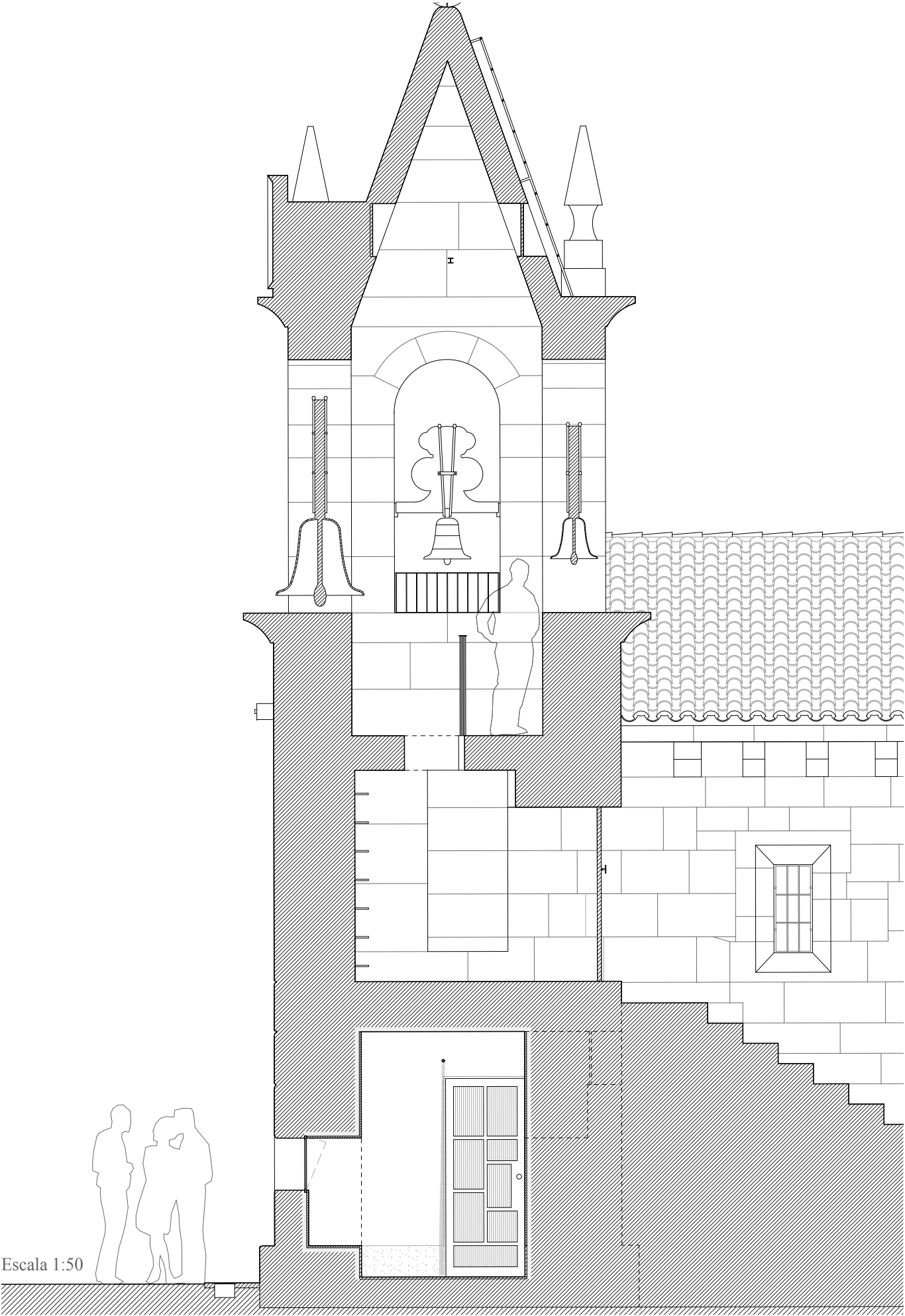
Escala 1:100





Escala 1:50





Escala 1:50



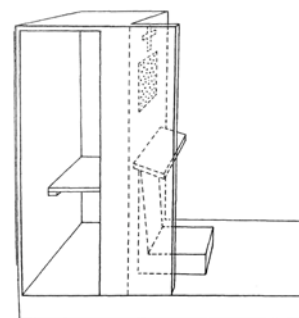


ganhar forma

Qualquer pretensão de iniciar o exercício com a procura pela ‘forma arquétipa’ é prontamente resfriada no confronto com as limitações inerentes à actuação numa preexistência. Aconselha a CEP que, em edifícios “dotados de uma determinada história e fisionomia artística e arquitectónica”¹, devam os novos confessionários ser projectados caso a caso e evitando o recurso a moldes e a produtos em série. Até mesmo a estrutura imaginada por S. Carlos Borromeu no séc. XVI - o caso mais evidente da prototipagem confessionário² e posterior difusão³ -, nascendo da urgência em incluir-se em todas as igrejas, não deixou de conhecer as mais diversas variações, experimentadas por artistas, marceneiros e arquitectos, compreensíveis muitas vezes pelo sentido de integração nos edifícios.

“Projectar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem”⁴

Segundo a doutrina católica, a Reconciliação é um dos sete⁵ sacramentos instituídos por Cristo - “sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo derrama a graça de Cristo, que é a Cabeça, na Igreja que é o seu Corpo”⁶ -, inserindo-se na complexa dinâmica da salvação. Avultam, naturalmente, as relações com o Baptismo e com a Eucaristia, os “dois sacramentos mais significativos”⁷. Sucintamente, a Reconciliação colmata a reincidência quotidiana do pecado, que o Baptismo - a “porta da vida espiritual”⁸ - não suprimiu, e orienta-se para a Eucaristia - o “sacramento dos sacramentos”⁹ -



[1] Modelo de confessionário ‘borromeano’
Desenho do arquitecto Paolo Bedogni

1 Em “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; 1ª Edição 1996; 2018; p. 44

2 São Carlos Borromeu (1538-1584), cardeal italiano e arcebispo de Milão, tendo sido canonizado em 1610, pelo Papa Paulo V. Fiel ao movimento de contra-reforma impulsionado pelo Concílio de Trento (1545-1563), São Carlos Borromeu publica em 1577 um manual de instruções para a construção de igrejas, no qual descreve concreta e minuciosamente aquele que deveria ser o dispositivo para ouvir as confissões, a colocar em todas as igrejas e em número concordante com os sacerdotes disponíveis. Uma estrutura de madeira assente num pódio - disponível à ornamentação -, formando um cubículo com banco do lado do sacerdote, aberto apenas à frente e com uma portinhola. Do lado do penitente, existiria um genuflexório adossado à divisória, que, por sua vez, continha uma janela gradeada com um crucifixo. Estas estruturas deveriam ser colocadas nas (naves) laterais das igrejas e de forma a que o penitente ficasse voltado para o altar-mor. Em BORROMEI, Caroli; “Instructionum Fabricæ Et Suppellectilis Ecclesiasticæ”; Livro II; trad. Massimo Marinelli; Libreria Editrice Vaticana; 2000 (1ª Edição 1577); Cap. XXIII - “De Confessionali”; p. 109-119

3 (sobre “o modelo borromeano de confessionário”) “Quanto ao espaço celebrativo da penitência, sem dúvida que o prestígio da diocese ambrosiana teve um papel decisivo na difusão do seu modelo de confessionário, começando pela França. O novo elemento de mobiliário da igreja difundiu-se rápida e pacificamente no mundo católico, incluindo os novos territórios de missão na América e na Ásia”. Tradução livre de ARIAS, Fernando López; “Arquitectura de la Misericordia. El espacio celebrativo de la penitencia sacramental en la historia”; publicado na revista “Phase”, Revista de Pastoral Litúrgica; n.º 56; 2016; p. 331

4 TÁVORA, Fernando; “Da Organização do Espaço”; Faup Publicações; 2006 (1ª Edição 1962, enquanto prova de dissertação para o Concurso de professor da ESBAP); p. 74

5 Os sacramentos constituem um meio de comunicação dos frutos do mistério pascal de Cristo. Na verdade, toda a vida da Igreja gravita em torno dos sete sacramentos: o Baptismo, a Confirmação, a Eucaristia, a Penitência, a Unção dos Enfermos, a Ordem e o Matrimónio. Em “Catecismo da Igreja Católica” promulgado pelo Papa João Paulo II; Vaticano; 1992; art.º n.º 1210

6 “Catecismo da Igreja Católica” promulgado pelo Papa João Paulo II; Vaticano; 1992; art.º n.º 774

7 RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; trad. Vítor Coutinho; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 107

8 “Catecismo da Igreja Católica” promulgado pelo Papa João Paulo II; Vaticano; 1992; art.º n.º 1213

9 Ibidem; art.º n.º 1330

para a qual “todos os sacramentos estão ordenados”¹⁰, da mesma forma que toda a vida de Cristo se orienta para o sacrifício pascal.¹¹ Isto justifica a habitual posição da pia baptismal junto à entrada e o destaque que o altar assume no espaço celebrativo, frequentemente como meta do percurso.¹² Ainda que não se procure uma solução alegorizante, impera primeiramente, pois, a indagação pelo lugar conveniente do novo sacramento na igreja de Meinedo e pelas relações que se possam vir a estabelecer.¹³

“Concentrando-se apenas num destes pontos, perde-se o sentido, que é salvaguardado apenas pela totalidade do percurso ritual: cada ponto, em si, é silêncio; só a totalidade fala”¹⁴

Simultaneamente, fruto, segundo São Paulo, da esponsalidade com Cristo¹⁵, verifica-se o constante reconhecimento da dimensão maternal da Igreja - a ‘Madre Igreja’¹⁶ -, identificada com as qualidades de educadora, assistente e provedora de alimento.¹⁷ Advindo do âmbito espiritual, esta noção transfere-se para a igreja-edifício - a moldura dos sacramentos -, sendo a expressão ‘igreja matriz’ um testemunho. Repare-se que o vocábulo ‘matriz’, que caracteriza uma igreja com uma jurisdição ou superioridade em relação a outras igrejas e capelas de uma determinada localidade, corresponde simultaneamente ao órgão em que se forma e desenvolve o feto dos mamíferos.¹⁸

“Na igreja persiste, como nas antas ou dólmenes, a identificação com o útero materno: “a igreja é, em sentido lato e sob todos os aspectos, mãe.”...”¹⁹

É por isso que o projecto de inserção - ou implantação - de um lugar sacramental no organismo da igreja corresponde, por analogia, ao fenómeno de nidação²⁰, momento durante o qual o embrião se fixa na mucosa uterina, inaugurando a comunicação com a mãe, imprescindível para a sua

10 AQUINO, São Tomás de; “Suma Teológica” citado em Ibidem, art.º n.º 1374

11 A mística orientação pascal da vida de Jesus - culminando no sacrifício da Cruz em pleno ambiente da Páscoa judaica, onde o cordeiro era imolado - é profetizada, desde logo, no episódio do Baptismo no rio Jordão, quando São João Baptista o anuncia como o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” em “Bíblia Sagrada”, Evangelho Segundo São João; Jo 1:29

12 “O altar é o também o centro da acção de graças celebrada na Eucaristia” em “Instrução Geral do Missal Romano”, Missal Romano; Coimbra; 1992; art.º n.º 259

13 “Devemos começar por considerar a sua localização na igreja”. Tradução livre de SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; “Le corps et les mots”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 12

14 COSTA, Bernardino Ferreira da (Abade de Singeverga); “Espaço Celebrativo”; Secretariado Nacional de Liturgia; 2017; p. 19

15 São Paulo interpreta a relação de Cristo com a Igreja como uma entrega esponsal: “Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela (...) Grande é este mistério; mas eu interpreto-o em relação a Cristo e à Igreja” em “Bíblia Sagrada”, Carta de São Paulo aos Efésios; Ef 5:32

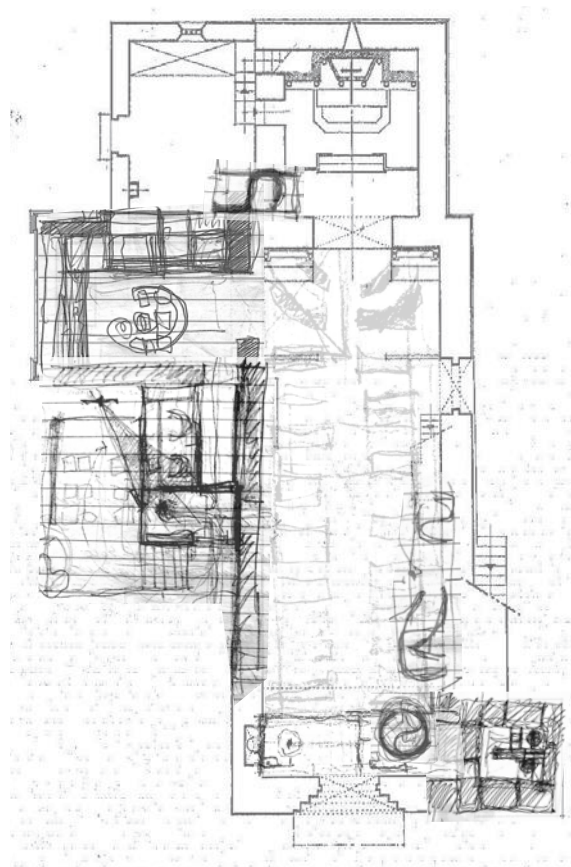
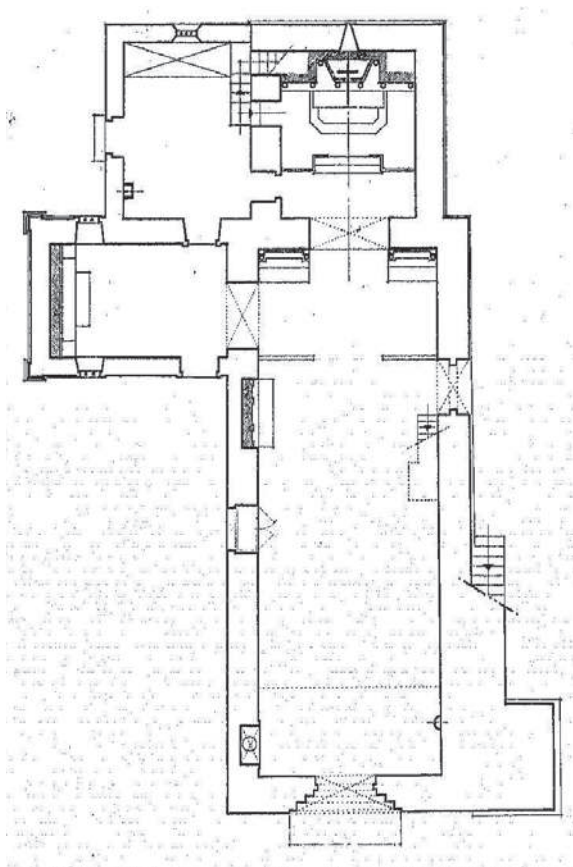
16 ‘Madre Igreja’ ou ‘Mãe Igreja’ - e não Mãe da Igreja - é um conceito teológico cristão que se refere aos atributos maternos da igreja católica. A expressão ‘Gaudet Mater Ecclesiae’ (em português, Santa Mãe Igreja) foi utilizada pelo Papa João XXIII como título do discurso para abertura solene do Concílio Vaticano II, em Outubro de 1962.

17 “A Igreja, mãe e educadora” (art.º n.º 502); “Na sua solicitude maternal, a Igreja concede-nos a misericórdia de Deus, que supera todos os nossos pecados e age especialmente através do sacramento da Reconciliação” (art.º n.º 504); “Como mãe solícita, administra-nos também, na sua liturgia, diariamente, o alimento da Palavra e da Eucaristia do Senhor” (art.º n.º 504) em “Catecismo da Igreja Católica” promulgado pelo Papa João Paulo II; Vaticano; 1992

18 “MATRIZ (...) Viscera das fêmeas dos mamíferos onde o feto se desenvolve; útero; madre. Lugar onde alguma coisa se forma, gera ou cria” em “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”; Editorial Enciclopédia, Limitada; 1989; Definição de “Matriz”

19 PESSANHA, Matilde; “Siza: lugares sagrados, monumentos”; Campo de Letras; 2003 p. 54

20 “NIDAÇÃO (...) Fenómeno graças ao qual o ovo de mamífero se implanta na mucosa uterina” em “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”; Editorial Enciclopédia, Limitada; 1989; Definição de “Nidação”



Nidação em Meinedo

(à esquerda) [2] Planta da igreja de Meinedo elaborada pela DGEMN em 1956
(à direita) [3] Colagem do autor sobre a planta supramencionada

sobrevivência e desenvolvimento. A implantação é a premissa - muitas vezes chave - de um edifício. Admite Álvaro Siza que o sucesso do seu projecto no concurso para a Casa de Chá da Boa Nova se deveu “sobretudo graças àquela colocação, que nenhum outro teria proposto. A solução surge hoje como óbvia e inevitável, embora na realidade, ver primeiro seja intuição difícil, só possível com a ajuda de uma grande experiência”²¹, atribuindo o mérito a Fernando Távora, ainda que - de forma genérica - tivesse ele apenas escolhido a implantação.

Admite-se que a forma do confessionário, ainda porosa, possa transfigurar-se consoante o lugar onde se vá fixando.

pedras no caminho

“Cuide-se, antes de mais, da conveniente colocação dos confessionários na nave, em conformidade com as exigências da celebração”²²

A exploração de um espaço vago na nave é, admite-se, intuitiva. Embora tivesse mais evidência em períodos anteriores ao Concílio Vaticano II, é verdade que a nave de uma igreja se trata do “lugar destinado aos fiéis”²³, capaz de albergar uma assembleia, potencialmente numerosa. Também a nave de Meinedo, pela sua amplitude, parece dispor de uma área condigna ao acolhimento de um ‘microespaço’. Inclusive, do ponto de vista do percurso, funciona simultaneamente como o espaço de entrada na igreja e de distribuição para os lugares complementares, o que não só contribui para a visibilidade e acessibilidade ao sacramento, como pode reforçar o seu significado enquanto “ponto de chegada no caminho da conversão”²⁴, orientado para o altar.²⁵

A colocação na nave, ou a ela adjacente, é também conveniente por permitir a forma comunitária da celebração da penitência - a forma B - , introduzida em 1973 pelo “Ordo Paenitentiae”²⁶. Ainda que pouco habitual, esta celebração comunitária, que relembra o carácter social do pecado, faz uso de toda a aula eclesial: do ambão para a Liturgia da Palavra; da nave para o exame de consciência e acção de graças; e também do confessionário para a acusação dos pecados - a confissão propriamente dita - e absolvição.

Todavia, a necessidade de intimidade não se coaduna com a dimensão e a clareza geométrica da nave única de Meinedo, que se conserva do românico e que, com efeito, responde a uma liturgia que estima o visível. A ausência de obstáculos e de reentrâncias no espaço significa também numa carência de elementos arquitectónicos - como um coro alto, uma nave lateral, um púlpito ou um nicho - que possam dar início ao desenho do refúgio que resguarde o

21 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p. 31

22 “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p. 42

23 “Instrução Geral do Missal Romano”, Missal Romano; Coimbra; 1992; art. n.º 257

24 “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p. 43

25 “...a nave é reservada à assembleia; que dela fazem parte integrante e para ela convergem, espaços e lugares complementares; enfim, que esse espaço deve ser de tal modo articulado, que o altar constitua o principal ponto de referência” em “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p. 25

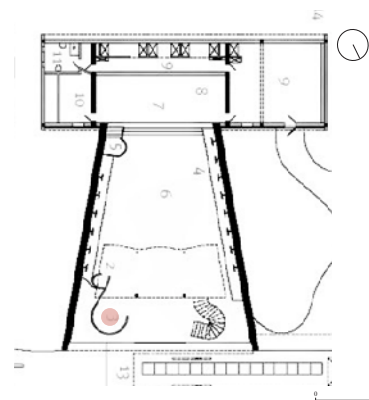
26 “Celebração da Penitência”; traduzido pela Conferência Episcopal Portuguesa em 1976 do original “Ordo Paenitentiae” que havia sido promulgado em 1973 pelo Papa Paulo VI

encontro de duas pessoas.

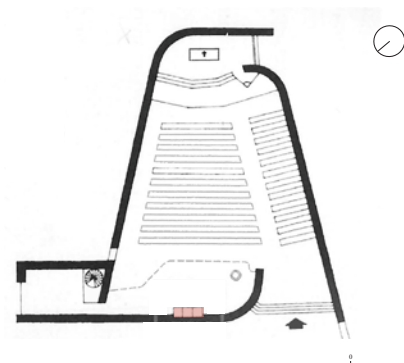
Repare-se que foi sob a forma de paredes curvas, que avançam sobre o espaço da nave, que alguns arquitectos no século XX deram resposta à necessidade de intimidade na confissão. Se em 1943 Oscar Niemeyer²⁷, para a igreja de São Francisco de Assis da Pampulha (Brasil), desenhava uma parede curva descolada das paredes perimetrais - como um biombo petrificado na nave -, mais tarde, tanto Hans Schädel²⁸ em 1956-58, na igreja de São José em Hasloch (Alemanha), como Miguel Fisac²⁹ em 1957-60, na igreja de Nossa da Senhora da Coroação em Vitória (Espanha), deixariam o tema contaminar todo o projecto. Não obstante, tal foi apenas possível porque se tratam de projectos de raiz que estimaram, desde o início, o programa da reconciliação.

(Realça-se) “...a conveniência de contar, desde os primeiros esboços, com o espaço da penitência no projecto da igreja. Com não pouca frequência descuidava-se (...) do lugar da confissão, (...) - muitas vezes com um desenho nem sequer integrado com o resto do projecto - que se converte num “estorvo” para resolver num último momento”³⁰

Este problema apontado por Fernando López Arias³¹ em relação aos projectos que, muito embora novos, desconsideraram o programa da reconciliação sacramental na formulação da solução, revela-se evidente no caso em que se trabalha com uma preexistência. Na Alemanha têm-se multiplicado os pedidos de confessionários em preexistências³², sob a forma de volumes encerrados e de generosas áreas³³, substituindo os antigos, onde, segundo o reitor da igreja jesuíta de São Miguel em Munique, “a palavra falada (...) se ouvia de fora e o espaço era muito apertado”³⁴. Esta reclamação justifica a presença, nessa mesma igreja, dos quatro novos



[4] Igreja de São Francisco da Pampulha, projecto de 1943 de Oscar Niemeyer



[5] Igreja de São José em Hasloch, projecto de 1956-58 de Hans Schädel

27 Oscar Niemeyer (1907-2012), arquitecto brasileiro

28 Hans Schädel (1910-1996), arquitecto alemão

29 Miguel Fisac (1913-2006), arquitecto espanhol. Ditou a necessidade de síntese que se elegeu, a propósito deste tema, apenas uma obra de Miguel Fisac, sendo que, em rigor, poder-se-ia evocar também as igrejas de Santa Ana em Madrid (1957-60), Nossa Senhora do Pilar em Huesca (1962-64) e de Santa Cruz em La Coruña (1967)

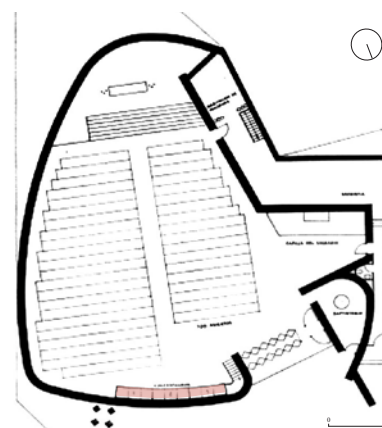
30 Tradução livre de ARIAS, Fernando López; “Arquitectura de la Misericordia. El espacio celebrativo de la penitencia sacramental en la historia”; publicado na revista “Phase”, Revista de Pastoral Litúrgica; n.º 56; 2016; p. 354

31 Fernando López Arias (1982), arquitecto espanhol, sacerdote e professor no Instituto de Liturgia na Universidade Pontifícia de Santa Cruz, em Roma

32 À pergunta “Precisamos de novos confessionários? A demanda é certamente muito baixa” responde a arquitecta Stefanie Steeholzer: “Você está muito enganado. Na igreja jesuíta de São Miguel, no coração de Munique, para a qual projectamos quatro novos confessionários, (...) confessam-se todas as semanas uma média de 250 a 300 pessoas. Há filas nos horários de pico”. Tradução livre da entrevista à arquitecta Stefanie Steeholzer por Stefan Wagner, intitulada de “Abschied vom ‘Sündenschrank’” (em português, “Adeus ao ‘armário do pecado’”), publicada no jornal “Süddeutsche Zeitung” a 13 de Março de 2020 (disponível online em <https://www.sueddeutsche.de/stil/katholische-kirche-beichte-architektur-beichtstuhl-1.4842687>) | Para além dos exemplos referidos no corpo de texto, dá-se nota dos novos confessionários para as igrejas de: (1) ‘Frauenkirche’, em Nuremberg, projectado por Glöckner Architekten em 2013; (2) ‘St Josef’, em Gaggenau, projectado por SWS Architekten em 2014; (3) ‘S. Ludgerus’, em Albersloh, projectado por Jessica Maria Toliver em 2019; (4) ‘Sanierung der St. Sixtus’, em Werlte, projectado por Albert Bocklage em data incerta; (5) ‘St. Konrad von Parzham’ em Hagen, de autor e data incertos

33 As dimensões, reduzidas, são geralmente apontadas como um defeito dos confessionários tradicionais. “Perguntei-me se não deveríamos partir do que tínhamos, este bom e velho confessionário que deu provas do seu valor. Ele esteve na igreja, lembrando-nos que não somos os únicos a fazer a aproximação anónima, discreta... Se alargássemos as proporções, seria mais agradável frequentar do que esse lugar onde sofríamos (...) desconfortavelmente...” Tradução livre de PLATEAUX, Alain; “Quels lieux pour la réconciliation?”, publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 10

34 Tradução livre da entrevista ao padre jesuíta Kern, reitor da igreja de São Miguel em Munique, por Lisa Schmaus, intitulada de “Beichten in St. Michael, München”, publicada no site diocesano “Erzdiözese München und Freising” em Março de 2021 (disponível online em <https://www.erzbistum-muenchen.de/spiritualitaet/beichten-in-st-michael-muenchen>)



[6] Igreja de Nossa Senhora da Coroação em Vitória, projecto de 1957-60 de Miguel Fisac



[7] Um dos novos confessionário da igreja jesuíta de São Miguel de Munique, projectados em 2002 por Stefanie Steeholzer



[8] Novo confessionário da igreja paroquial de São Quirino em Tegernsee (Alemanha), projectado por Martin Spaenle e Marian Brekalo



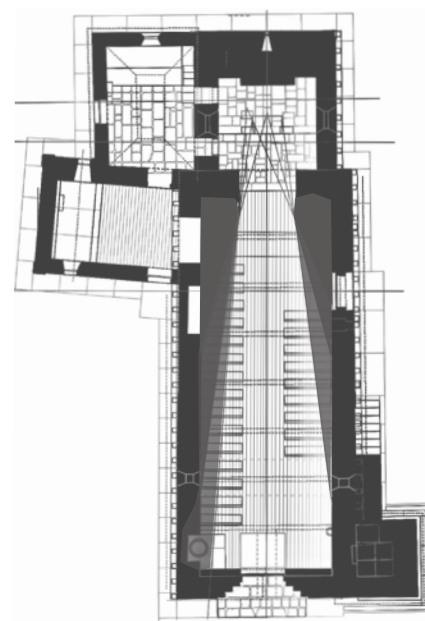
[9] Novo confessionário da igreja jesuíta de Santo Inácio de Linz (Austria), projectado em 2013 por Elisabeth Plank

confessionários projectados em 2020 pela arquitecta Stefanie Steeholzer³⁵. Repare-se, contudo, que a arquitecta os concebeu, de forma conveniente, nas reentrâncias que são as capelas laterais em relação à nave. De facto, persiste a colocação dos confessionários ao abrigo de algo - “...que já ali tinha iniciado o desenho...”³⁶ -, como é o caso do novo confessionário da igreja paroquial de São Quirino em Tegernsee (Alemanha), situado num altar lateral, ou daquele projectado em 2013 para a igreja jesuíta de Santo Inácio, antiga catedral de Linz (Áustria), que se arruma por debaixo do coro alto.

Se o critério for exclusivamente a visibilidade do altar - ignorando a integração do desenho -, os exemplos supramencionados não configuram um estorvo, mas o mesmo não poderá ser dito se volumes de semelhante desenvoltura forem imaginados para a estreita nave de Meinedo. Para além da iminente possibilidade de reduzir o número de lugares da assembleia - que o actual pároco deseja preservar -, o volume imaginado pode comprometer a relação visual entre a nave e a capela-mor e, por sua vez, a participação dos fiéis “nas celebrações sagradas com a vista e com o espírito”³⁷.

Como se não bastasse, a conectividade visual em Meinedo encontra-se já debilitada, inclusivamente quando comparada com os edifícios românicos das imediações³⁸, uma vez que o arco de cruzeiro é manifestamente mais estreito que a nave e que a capela-mor. O estudo sobre este tema em Meinedo, elaborado em planta, revela que os lugares próximos da capela-mor, são, de forma surpreendente, os mais desfavoráveis no que à visibilidade integral das celebrações eucarísticas diz respeito, composta pelo ambão, mesa do altar e presidência. Este estudo é decisivo para abdicar da colocação de um volume junto à entrada e próximo lugar do baptismo - que seria, do ponto de vista pedagógico, conveniente³⁹ - uma vez que, muito embora na retaguarda não obstruísse a visão de ninguém, viria a ocupar a zona, segundo o critério seleccionado, de melhor conectividade visual.

Talvez se possa falar em paradoxo, se a colocação do sacramento do acolhimento⁴⁰ perturbasse, por estrangulamento, a entrada na igreja e que, dada a sua predestinação eucarística⁴¹, fosse criado um obstáculo na relação visual entre a assembleia e o altar.



[10] Visibilidade ‘eucarística’ da nave da igreja de Meinedo
Desenho do autor, sobre levantamento do autor

35 Stefanie Steeholzer, arquitecta alemã formada pela Universidade Técnica de Munique desde 2003

36 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p. 25

37 “O altar é o também o centro da acção de graças celebrada na Eucaristia” em “Instrução Geral do Missal Romano”, Missal Romano; Coimbra; 1992; art.º n.º 273

38 Das 28 igrejas românicas mais próximas de Meinedo, só a igreja do Divino Salvador de Freixo de Baixo apresenta uma visibilidade eucarística mais condicionada. No entanto, sobre ela, sabe-se que na “... Época Moderna (...) modificaram a nave e refizeram a capela-mor...” em MACHADO, Rosário Correia (coord.); “Rota do Românico”; Centro de Estudos do Românico e do Território; 1ª Edição 2014; Vol.I; p. 260

39 “... de facto, como se sabe, a remissão dos pecados que vem depois do Baptismo renova a graça inicial deste Sacramento. Tal facto pode encontrar uma significativa correspondência (importante para a catequese, como também para a celebração dos dois sacramentos) na decisão de colocar os confessionários em relação com a área baptismal” em “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p.37

40 “No perdão tem lugar (...) o acolhimento do pecador ao qual se lhe concede uma vida nova” em LEITÃO, Luís Manuel; “O sacramento da Reconciliação e a consciência de pecado”; dissertação para a obtenção do 1º grau canónico pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (sob a orientação do Prof. Dr. José Paulo Abreu); 2013; p. 29 | O sacramento da Penitência trata-se “de uma acção litúrgica, de que fazem parte um acolhimento humano...” em “Celebração da Penitência”; traduzido pela Conferência Episcopal Portuguesa em 1976 do original “Ordo Paenitentiae” que havia sido promulgado em 1973 pelo Papa Paulo VI; art.º n.º 12

41 “Pode-se falar (...) do papel simbólico da orientação no rito da penitência sacramental: orientação para a cruz ou para o altar ao qual a cruz está associada”. Tradução livre de ARIAS, Fernando López; “Arquitectura de la Misericordia. El espacio celebrativo de la penitencia sacramental en la historia”; publicado na revista “Phase”, Revista de Pastoral Litúrgica; n.º 56; 2016; p. 323

as paredes têm ouvidos

É a dificuldade em situar o confessionário na nave que leva a explorar os outros espaços em Meinedo, ainda que se reconheça que o afastamento do domínio dos fiéis possa perturbar a adesão ao sacramento.

“Também a boa visibilidade da sede confessional - também chamada “confessionário” - constitui um convite constante à misericórdia do Senhor que, no sinal sacramental reconcilia consigo o discípulo que se converte, dando-lhe a sua paz e agregando-o de novo ao povo de Deus”⁴²

Todavia, a capela de Santo Tirso mantém uma forte ligação com a nave e apresenta uma configuração e dimensões mais aproximadas àquilo que poderá ser o encontro sigiloso entre duas pessoas. Ademais, o sacrário com a reserva eucarística torna este espaço privilegiado e convida à oração privada “pela presença do Senhor que promana da celebração eucarística”⁴³, “uma presença total”⁴⁴, com a aparência da “humildade do pão”⁴⁵, o que contrasta com o programa comunitário da nave e se aproxima à intimidade do sacramento da confissão.

A associação dos confessionários com o sacrário, sendo hoje recorrente, foi apenas possível na sequência da reforma litúrgica do século XX, protagonizada pelo Concílio Vaticano II, que veria na localização do tabernáculo sobre o altar-mor - homolgada durante o segundo milénio - um inconveniente. Repare-se, em primeiro lugar, que a nova situação de frente-a-frente entre o sacerdote e a assembleia significaria simultaneamente um virar as costas ao tabernáculo. Em segundo lugar, o renovado entendimento da liturgia enquanto acção - o “agir litúrgico”⁴⁶ -, mediante a participação activa dos fiéis - “Liturgia: acção da igreja comunitária”⁴⁷, veria uma certa contradição na estaticidade da presença Cristo no sacrário⁴⁸. Como forma de aplacar o eventual conflito de significados - entre acção e conservação eucarísticas - a reedição de 2000 do IGMR recomendou que “para a harmonia da natureza do sinal (...) no altar em que se celebra a Missa não esteja o sacrário...”⁴⁹, remetendo-o para outros lugares devocionais no espaço eclesial, proporcionados para a adoração e oração privadas, o que - diga-se -, se torna particularmente conveniente nos edifícios de grande afluência turística. No entanto, por uma questão de rigor deve acrescentar-se que esta normativa não seria consensual e que terá sido prontamente criticada por Joseph Ratzinger.

42 “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p.41

43 RATZINGER, Joseph; “Introdução ao Espírito da Liturgia”; Paulinas; 2ª Edição 2006; p. 67

44 Ibidem; p. 65

45 Ibidem; p. 66

46 RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; trad. Vítor Coutinho; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 46

47 “Sacrosanctum Concilium”; promulgado pelo Papa Paulo VI em 1963 ao abrigo do Concílio Vaticano II; Cap. III - Reforma da Sagrada Liturgia; art.º n.º 26-28

48 “A reforma litúrgica introduziu (...) uma decisiva mudança de paradigma (...) em vez de uma concepção estática de celebração, surge uma concepção dinâmica (o elemento central já não é a presença estática de Cristo nas espécies eucarísticas num tabernáculo, mas a celebração da Eucaristia como encontro com Cristo sob diversos sinais e acções)” em RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; trad. Vítor Coutinho; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 33

49 “Instrução Geral do Missal Romano”; assinado pelo Papa João Paulo II em 2000; Gráfica de Coimbra; 2003; art.º n.º 315

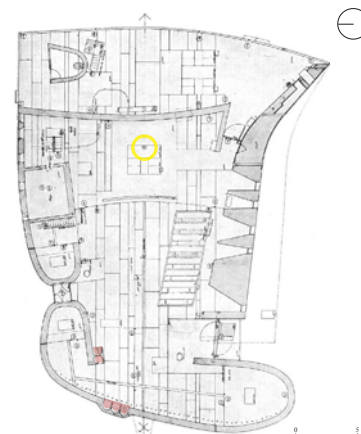
No ano de 2001, enquanto cardeal, afirma que a “presença eucarística no tabernáculo não se opõe nem acrescenta uma outra compreensão de Eucaristia à celebração eucarística; ela significa, no fundo, a sua plena realização”⁵⁰, já que “a comunhão só alcançará a sua profundidade quando sustentada e envolvida pela adoração”⁵¹ e, pelo ano de 2007, já enquanto papa Bento XVI, na exortação apostólica “Sacramentum Caritas”, aproveitando as questões - também presentes no IGMR⁵² - da dignidade artística, visibilidade e da sinalização inequívoca e permanente, através da lâmpada acesa, dá primazia à colocação sobre o altar-mor.⁵³ Repare-se como, sucumbido à vontade de oração pessoal, o sacrário passa muitas vezes despercebido nas igrejas contemporâneas e como nas adaptações de igrejas pré-conciliares se assiste reiteradamente a uma contradição despoletada pela presença de dois sacrários, habitando o Santíssimo aquele mais recôndito, ao invés do mais visível e do qual se depreende um maior empenho artístico, tal como acontece em Meinedo.

“Na igreja moderna, eu acho uma trapalhada e ninguém sabe onde está”⁵⁴

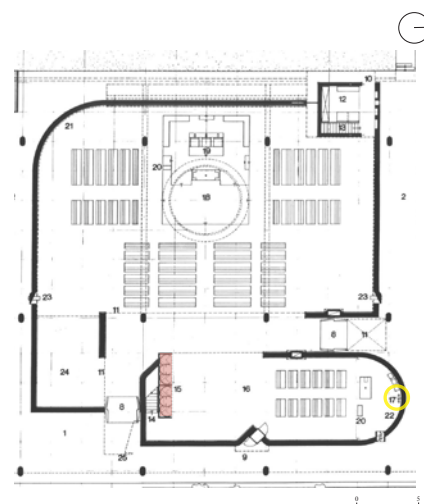
Independentemente desta discussão, a revisão à posição do sacrário possibilitou, nos anos pós conciliares, a anexação ao tema da confissão. Se em Ronchamp (1950-54), de Le Corbusier, o sacrário estaria ainda vinculado ao altar, repare-se como Glauco Gresleri na igreja Beata Vergine Immacolata (1961), ainda que claramente marcado pelas lições de arquitectura de Ronchamp⁵⁵, o viria a colocar em conjunto com os confessionários, separando o âmbito pessoal do comunitário. São inúmeros os exemplos que prescrevem esta agregação e o projecto de 2012 da igreja de Nossa Senhora das Necessidades em Leiria, do atelier ‘Bica Arquitectos’⁵⁶, comprova a sua actualidade.

“um lugar para uma conversa numa casa votada ao silêncio”⁵⁷

Todavia, e particularmente em Meinedo, ressalta o conflito entre a oração junto ao sacrário e o confessionário que se imagina. Na verdade, parece desconcertante que a aproximação anónima e a locução íntima do sacramento ocorra no espaço mais silencioso e na proximidade daqueles cujos sentidos, pela atitude orante⁵⁸, estão mais apurados. Falta, porventura, o confronto

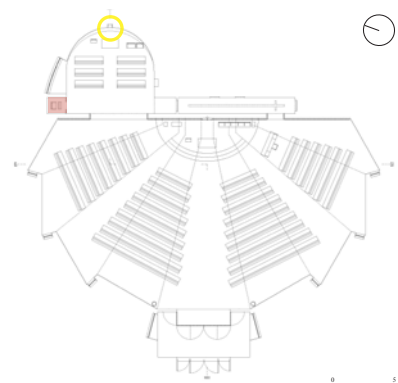


[11] Capela de Notre Dame du Haut em Ronchamp (França), projecto de 1950-54 de Le Corbusier



[12] Igreja Beata Vergine Immacolata em Bolonha (Itália), projecto de 1961 de Glauco Gresleri

Legenda:
 Sacrário
 Confessionário(s)



[13] Igreja de Nossa Senhora das Necessidades em Leiria, projecto de 2012 do atelier ‘Bica Arquitectos’

50 RATZINGER, Joseph; “Introdução ao Espírito da Liturgia”; Paulinas; 2ª Edição 2006; p. 67

51 Ibidem; p. 67

52 “lugar de honra da igreja, insigne, visível, devidamente ornamentado” em “Instrução Geral do Missal Romano”; assinado pelo Papa João Paulo II em 2000; Gráfica de Coimbra; 2003; art.º n.º 314

53 “Nas igrejas, onde (...) perdura o altar-mor com o sacrário, convém continuar a valer-se de tal estrutura para a conservação e adoração da Eucaristia, evitando porém colocar a cadeira do celebrante na sua frente.” em “Sacramentum Caritas”; exortação apostólica pós-sinodal promulgada pelo Papa Bento XVI em 2007; art.º n.º 69

54 Transcrição livre da entrevista a Eduardo Souto de Moura, por Fátima Campos Ferreira, no programa “Primeira Pessoa”, episódio 2, transmitido pela RTP a 26/10/2020

55 Glauco Gresleri (1930-2016), arquitecto italiano. Para além das óbvias afinidades das obras, são conhecidas as suas ligações de Gresleri a Le Corbusier (1887-1965): foi responsável, em 1977, pela reconstrução do Pavilhão L’Esprit Nouveau em Bolonha e foi, ainda, co-autor, juntamente com Giuliano Gresleri, do livro “Le Corbusier. Il programa liturgico”, publicado em 2001.

56 Inês Cortesão (1970) e, no caso deste projecto, em parceria com Célia Faria (1969)

57 KUBLER, George; “A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes. 1521-1706”; trad. Jorge Pais da Silva; Vega; 2005; p. 12

58 “O Senhor, porém, está no seu santo templo; diante dele fique em silêncio toda a terra” em “Bíblia Sagrada”, Livro de Habacuque; Hab 2:20

com a multidão para a garantia do anonimato⁵⁹ e o seu ruído, como manta acústica⁶⁰, para a garantia do sigilo. Note-se que num café sobrelotado se pode facilmente dizer um segredo, inclusive, sem que pareça tratar-se de um segredo.

“O ambiente de um café (...) É um dos poucos - aqui no Porto - a permitir anonimato e concentração”⁶¹

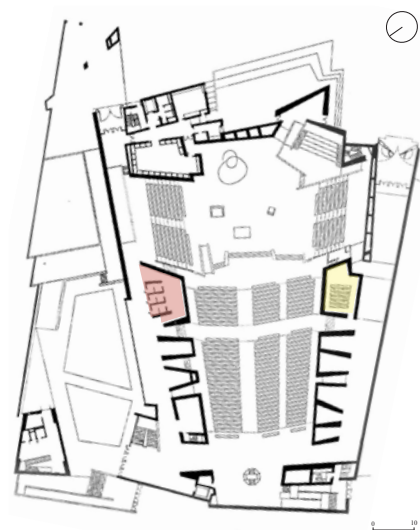
Ainda que possa ser possível garantir a estanquidade do som, não se consegue estancar a imaginação, a curiosidade e nem os juízos de valor, daqueles que meditam, concentrados, junto ao sacrário, tornando-se a proximidade num incómodo confronto de intimidades. Talvez por isso alguns arquitectos, ao invés de agregarem os pólos, conceberam-nos antes como espaços equivalentes e autónomos, como é o caso de Rafael Moneo (1937) na catedral de Nossa Senhora dos Anjos (1996-2002), em Los Angeles, e na igreja de Jesus (2011), em San Sebastián.

Também a CEP é peremptória na repreensão à colocação dos confessionários em capelas laterais que estão “destinadas a actos devocionais”⁶². Em Meinedo, esta questão intensifica-se, porque, para além do sacrário, subsiste a devoção a Santo Tirso - representada pela imagem do santo junto à parede - ainda que ela se resuma, nos dias de hoje, a uma festa anual em Agosto⁶³.

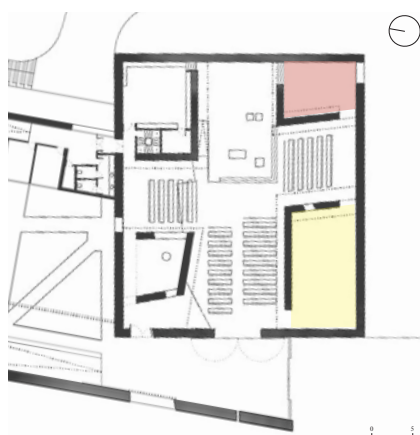
A vontade de não se ocupar área da capela de Santo Tirso e a necessidade de protecção e contenção de som conduzem à procura do espaço da reconciliação nos vãos que ligam a sacristia aos espaços adjacentes - capela de Santo Tirso e capela-mor -, como que abrigando o som - a matéria sacramental - na espessura das paredes existentes, o que remete para as experimentações monásticas.

Antes de se desenvolver o confessionário tal como hoje o conhecemos, promovido por S. Carlos Borromeu, o particular desenvolvimento em ambientes monásticos, pela forte e rigorosa adesão aos sacramentos, descobria, já no século XIV⁶⁴, formas arquitectónicas esculpidas das paredes. Não terão sido originadas, contudo, por uma preocupação com a acústica ou com a intimidade, mas pelo afínco na separação entre os intervenientes, ditado pela lógica da clausura. Assim, os confessionários alocar-se-iam nas paredes que mediavam a igreja do claustro, garantindo-se o ponto de contacto entre as duas realidades através de uma pequena janela gradeada. Acontece que, dadas as espessuras dessas paredes, surge a necessidade de formar nichos e espaços celulares para o confessor e, dependendo dos casos, também para

Legenda:
● Sacrário
■ Confessionário(s)



[14] Catedral de Nossa Senhora dos Anjos em Los Angeles, projecto de 1996-2002 de Rafael Moneo



[15] Igreja de Jesus (igreja do bairro de Riberas de Loiola) em San Sebastián, projecto de 2011 de Rafael Moneo

59 “... em algumas igrejas grandes nas cidades onde o anonimato é garantido pela multidão que passa”. Tradução livre de PLATEAUX, Alain; “Quels lieux pour la réconciliation?”, publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 10

60 “...o público é suficientemente numeroso para compensar a falta de panos e tapeçarias” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 189

61 SIZA, Álvaro; “01 Textos”; 1983; p. 22

62 “Colocação do confessionário em capelas laterais, desde que não destinadas a actos devocionais” “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p.43

63 Primeiro Domingo subsequente ao dia 15 de Agosto

64 Como primeiro exemplar a propósito deste tema, Wilhelm Schlombs apresenta a abadia de Vadstena, do séc. XIV, que patenteia, como confessionários, cinco profundos nichos junto à capela-mor na parede de meação entre a igreja e o claustro. Em SCHLOMBS, Wilhelm; “Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln”; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965; p. 28 e 29

o penitente. Repare-se, ainda, que é nestes ambientes que se estabiliza a colocação dos confessionários nas paredes das naves laterais que, além de facearem a clausura, permitiam, pela extensão, a repetição em coerência com o número, presumivelmente avultado, de confessores.

A experiência sobre este tema em Portugal é frutuosa, ao ponto de Wilhelm Schlombs lhe dedicar um capítulo⁶⁵, ainda antes de se particularizar em Itália representada somente pelo exemplo da igreja de San Fermo de Verona. Diz o arquitecto que no início do séc. XV havia já em Portugal confessionários escavados das paredes⁶⁶, evocando o exemplo da Sé da Guarda. Contudo, na Guarda, os nichos comportam apenas o lugar para o confessor, tendo o penitente que se ajoelhar diante da parede, o que não apenas inviabiliza a sensação de abrigo, como se imagina o desconforto de falar para uma parede, sem o controlo visual sobre os movimentos à retaguarda. Na abadia de La Chaise-Dieu, em França, a singularidade acústica da “sala do eco”⁶⁷ revela que falar para uma parede não é garantia de sigilo, já que seria precisamente dessa forma que duas pessoas, colocadas em pontas opostas, poderiam comunicar entre si, sussurrando contra a parede.

“Senti que as pessoas atrás de mim ouviram a minha confissão”⁶⁸

“Quando terminei, vi que toda a gente se ria. Minha mãe chama-me e diz:

– Minha filha, não sabes que a confissão se faz baixinho, que é um segredo?

Toda a gente te ouviu!”⁶⁹

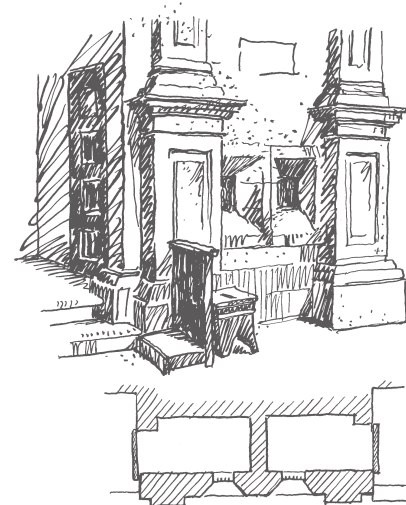
Sensível à noção de protecção inerente ao desenho das fortalezas de África para o qual terá contribuído, Diogo de Boitaca transferiu a ideia das casamatas - espaços habitáveis inseridos nas paredes - para a concepção, ainda antes de 1516⁷⁰, dos doze confessionários da igreja do Mosteiro dos Jerónimos, em Belém. Repare-se que, nestes, tanto os confessores como os penitentes são abrigados pela generosa parede. É curioso como esta abordagem nos confessionários antecipa aquela que viria a ser uma tendência portuguesa para o tratamento da parede enquanto substância espessa e celular, a surgir, segundo George Kubler, a partir de 1530.⁷¹ Esta tendência era consequência não apenas da arquitectura militar, mas também do temperamento “interiorista, solitário e religioso”⁷² de D. João III (1502-1557) e uma carência de recursos que caracterizou o seu reinado. Impedido da ostentação dos rendilhados empregues nas superfícies, constituir-se-ia um vernáculo⁷³, no qual se redescobre o gosto pelas formas puras e austeras e germina o fascínio



[16] (à esq.) Confessionário da abadia de Vadstena na Suécia | séc. XIV

[17] (à dir.) Confessionário da igreja de San Fermo em Verona | s/ data

Desenhos de Wilhelm Schlombs



[18] Confessionários da Sé da Guarda | séc. XV

Desenhos de Wilhelm Schlombs



[19] “Sala do Eco” da abadia de La Chaise-Dieu em França | séc. XVII

65 “Beichtkammern in Portugal” (em português, “Câmaras confessionais em Portugal”), capítulo de SCHLOMBS, Wilhelm; “Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln”; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965; p. 30-33

66 Ibidem; p. 31

67 Sala do século XVII que, segundo se conta, terá servido para a confissão de leprosos. Em HINDRÉ, Jean-Pol; “Des formes architecturales pour la réconciliation”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 20

68 Uma das respostas ao inquérito elaborado pelo padre Luís Leitão. Em LEITÃO, Luís Manuel; “O sacramento da Reconciliação e a consciência de pecado”; dissertação para a obtenção do 1º grau canónico pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (sob a orientação do Prof. Dr. José Paulo Abreu); 2013; p. 142

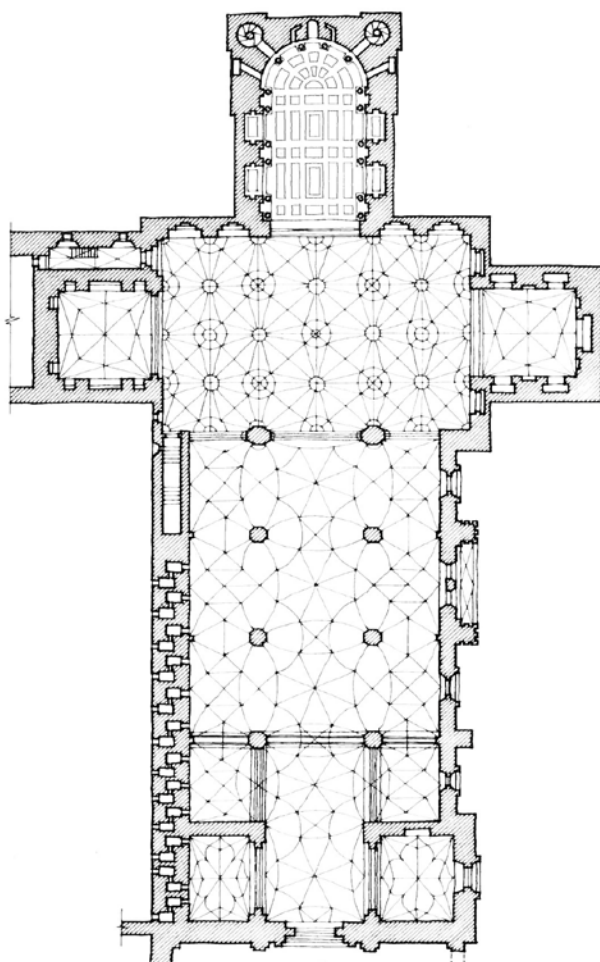
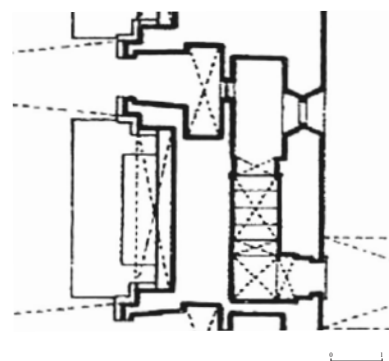
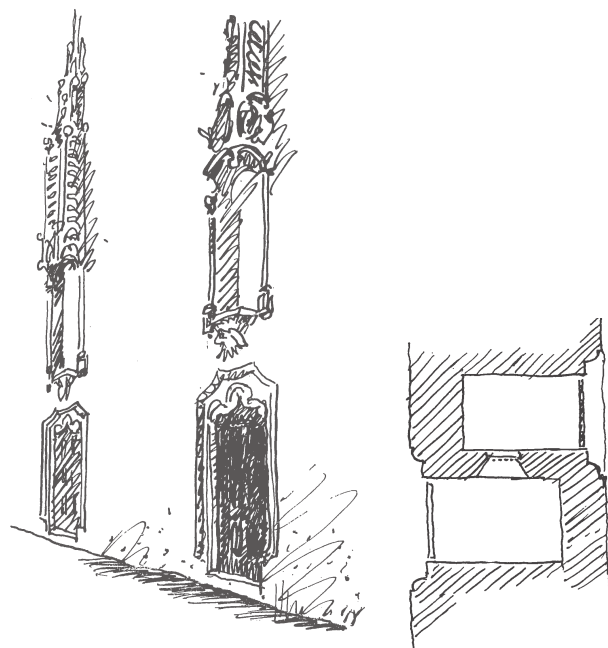
69 IRMÃ LÚCIA; “Memórias da Irmã Lúcia”; Vol. I; Fátima: Secretariado dos Pastorinhos; 2007; p. 70

70 KUBLER, George; “A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes. 1521-1706”; trad. Jorge Pais da Silva; Vega; 2005; p. 7

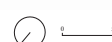
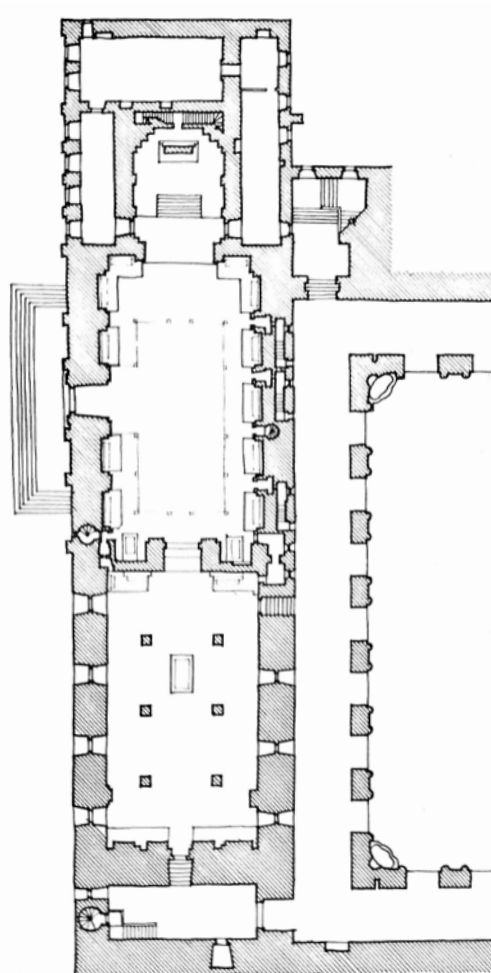
71 Ibidem

72 Ibidem; p. 6

73 “O estilo “chão” português é como que uma arquitectura vernácula” em Ibidem; p. 3



Mosteiro dos Jerónimos (de Santa Maria de Belém), Lisboa | Séc. XVI
[20] (em cima) Desenhos dos confessionários de Wilhelm Schlombs
[21] (em baixo) Planta da igreja de George Kubler, segundo Haupt



Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, Coimbra | Séc. XVII
[22] (em cima) Pormenor da planta da igreja da DGEMN
[23] (em baixo) Planta da igreja de George Kubler, segundo DGEMN

pelas massas e pelas potencialidades dos ocus.

A estima pelo espaço nas paredes espessas - “como se se tratasse de uma fortaleza”⁷⁴ -, é também muito evidente no mosteiro coimbreense de Santa Clara-a-Nova, já do século XVII e atribuído ao frei beneditino João Turriano (1610-1679), filho de um arquitecto militar. Tratando-se de uma ordem feminina de clausura, é notório não só o cuidado redobrado na impermeabilidade entre as duas realidades, através da diferença de cotas e da sua configuração sifonada, como também a entoação do sentido de encontro. Em 2016, também Siza projecta uma capela da Afurada onde o confessionalário apresenta uma configuração sifonada. Não tendo as preocupações da clausura, o engenho permitiu-lhe explorar o sentido de encontro - simbólico, mas também funcional - entre dois intervenientes que provêm de lugares distintos: da sacristia e da nave.

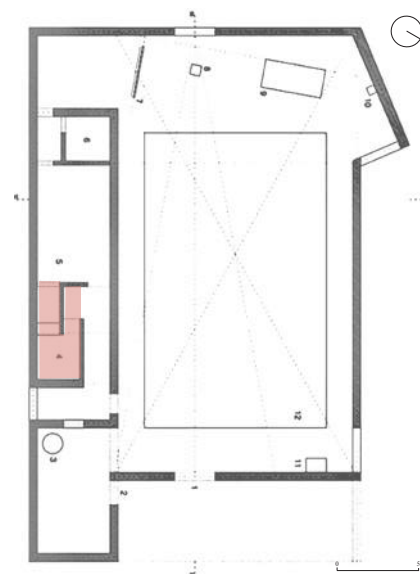
Em Meinedo, no entanto, o aproveitamento dos vãos da sacristia implica um bloqueio das passagens existentes, obrigando a circulação, hoje orgânica e fluída, a recorrer a laboriosos desvios. Repare-se também como a espessura da parede não é suficiente para concretizar o abrigo de ambos os intervenientes. Se se tratasse de um projecto de raiz, poder-se-ia facilmente manipular o volume, dilatando-o, para que o programa coubesse. Trabalhando-se numa preexistência, surge a sensação perturbadora de que algo está a rebentar pelas costuras.

virar do avesso

Mostrando-se o interior incapaz de receber pacificamente o novo programa, surge a hipótese de descobrir o espaço vago fora dos limites do edifício. Na verdade, parece que o pudor em adaptar o edificado, ou até mesmo de fazê-lo crescer, consoante as necessidades, é algo mais recente.⁷⁵ A igreja de Meinedo já terá sido maior e as pedras bem testemunham. Para além dos corpos da sacristia, da capela do Santo Tirso e da torre sineira, todos estes acrescentados ao edifício original, as mísulas que estão por debaixo dos cachorros denunciam a presença, em tempos, de alpendres nos lados norte e sul.

Do contacto directo com o exterior, realça-se a oportunidade do novo corpo beneficiar, de forma autónoma, da luz do dia, o que abre um maior leque de possibilidades na exploração de impressões espaciais, não só no espaço da confissão, mas também na relação com o espaço ao qual se liga. Apesar da franca e natural relação entre a luz e o exterior, a sua permissão no interior não prejudica necessariamente a atmosfera de intimidade que se deseja, até porque, sem ela, não seriam lidas as dimensões, as texturas e as cores.

Com isto não se pretende uma colocação desvinculada do interior da



[24] Projecto para capela na Afurada no Porto, projecto de 2016 de Álvaro Siza (não construído)

74 “As paredes da igreja começaram a ser construídas em 1649 e têm uma espessura superior a três metros, como se se tratasse de uma fortaleza” em *Ibidem*; p. 157

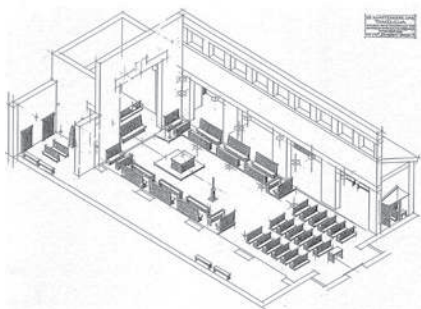
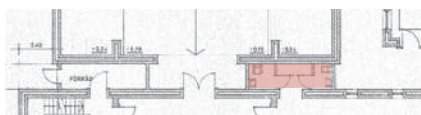
75 “Épocas anteriores tinham menos problemas em adaptar espaços existentes às novas necessidades” em RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; trad. Vítor Coutinho; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 32 | e “a História da arquitectura é a história da alteração dos edifícios”. Transcrição livre da conferência “Projectos recentes” proferida por Eduardo Souto Moura em aula inaugural da “Escola da Cidade” emitida online a 26/02/2021. (disponível online em <https://www.youtube.com/watch?v=UZtuxv991oo>)



[25] Confessionários das Jornadas Mundiais da Juventude de Madrid em 2011, projectados pelo atelier ‘Vicens & Ramos’



[26] Confessionário “drive-in”, improvisado pela paróquia da Sagrada Família de Hillcrest Heights em Washington, durante o contexto de pandemia



Igreja da abadia beneditina das Irmãs de Maria de Jesus em Tomelilla na Suécia, projecto de 1986-95 de Dom Hans Van der Laan

[27] Pormenor de planta de 1988

[28] Pormenor de planta de 1995

[29] Axonometria 1995

Desenhos de Dom Hans Van der Laan

igreja existente⁷⁶. Embora existam confessionários autónomos, exteriores ou simplesmente desagregados da igreja - possibilidade aberta pela Conferência dos Bispos da Alemanha que, preocupada em individualizar as funções litúrgicas, abre a possibilidade de situá-los num lugar distinto⁷⁷ -, eles verificam-se em ocasiões excepcionais. Verificam-se, na maior parte dos casos, nos locais de grande afluência - geralmente sob o nome de “capelas da reconciliação”⁷⁸ - como são os santuários, resultando muitas vezes em ambientes dispersivos⁷⁹, e, ainda, em situações provisórias originando dispositivos de cariz missionário, como são os das Jornadas Mundiais da Juventude ou as soluções criativas que o contexto de pandemia ocasionou. Todos eles são cenários que não encontram fundamento em Meinedo, ademais tendo em conta que a encomenda que origina a presente dissertação nasce precisamente da vontade em substituir o actual lugar da confissão - a casa do pároco -, procurando reestabelecer-se a dimensão eclesial e a orientação eucarística.⁸⁰

“... é tão importante que o lugar da reconciliação não seja isolado, ou até mesmo independente, já que o sacramento da penitência faz parte de um “corpus” maior que reúne todos os sacramentos”⁸¹

O arquitecto e monge Dom Hans Van der Laan (1904-1991) deparou-se também com esta questão no seu projecto para a abadia beneditina das Irmãs de Maria Mãe de Jesus em Tomelilla, na Suécia. Se na planta de 1988 o confessionário estaria fora da aula eclesial, junto à entrada, na de 1995 é já visível a sua realocação no interior, em conformidade com o que acabaria por ser construído.

Recordando o cariz receptor e distributivo da nave, parece lógico que seja a partir dela que se gere o novo corpo. A procura de um tema que inicie o desenho do confessionário leva a considerar, por exemplo, o antigo, ainda que não original, portal lateral norte que terá sido encerrado durante as campanhas medievalistas do Estado Novo, mas que a estereotomia deixou inequivocamente impresso na fachada. À luz do que sucede na igreja do Marco de Canaveses⁸², projectada por Álvaro Siza, prevê-se, todavia, a

76 Porque “a dimensão eclesial do sacramento tornar-se-á particularmente evidente se, como lugar próprio da celebração, é utilizado o corpo da igreja” em “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vitor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p. 41

77 “Em 1947, a Conferência Episcopal Alemã produziu um importante documento: (...) Directrizes para a construção de uma igreja segundo o espírito da liturgia romana. (...) Com uma abordagem tipicamente funcional e moderna da arquitetura –separando os espaços segundo as funções– (...) é o primeiro documento que conhecemos que contempla a possibilidade de localizá-los em outro local da nave: em locais separados...”. Tradução livre de ARIAS, Fernando López; “Arquitectura de la Misericordia. El espacio celebrativo de la penitencia sacramental en la historia”; publicado na revista “Phase”, Revista de Pastoral Litúrgica; n.º 56; 2016; p. 343

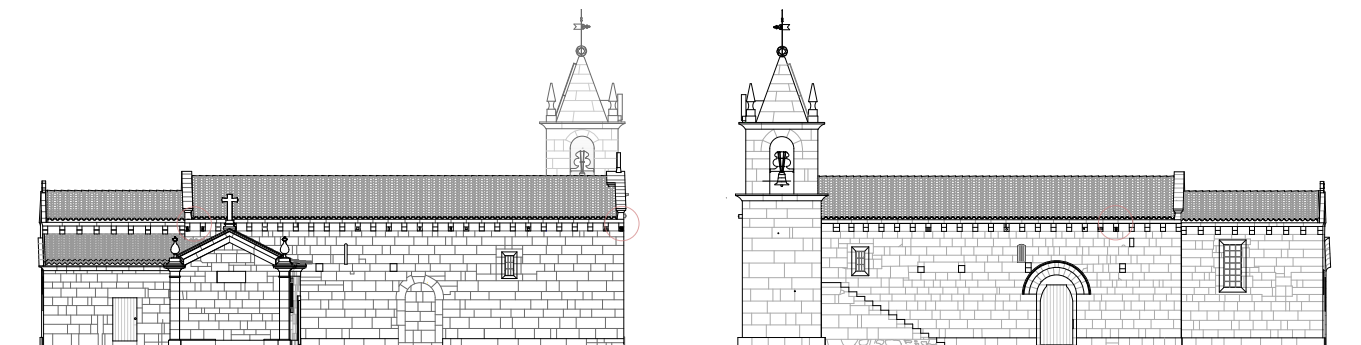
78 Os nomes adoptados, que induzem uma autonomia espacial do confessionário em relação à igreja, variam muitas vezes entre ‘capela da reconciliação’, ‘capela penitencial’, ‘sala da reconciliação’ e ‘penitenciária’.

79 Sobre o lugar da confissão, em cripta, no Santuário do Padre Pio em São Giovanni Rotondo, projectado por Renzo Piano, diz Paolo Bedogni que “o lugar proposto para a penitência é completamente separado (...) da aula litúrgica. (...) o ambiente incaracterístico e dispersivo”. Tradução livre de BEDOGNI, Paolo; “Luoghi di riconciliazione. Il mestiere dell’architetto”; If Press; 2014; p. 113

80 “Um lugar independente da igreja (...) pode ameaçar obscurecer a (...) ligação com o espaço eucarístico...”. Tradução livre de ARIAS, Fernando López; “Arquitectura de la Misericordia. El espacio celebrativo de la penitencia sacramental en la historia”; publicado na revista “Phase”, Revista de Pastoral Litúrgica; n.º 56; 2016; p. 348 e 349

81 Tradução livre de HINDRÉ, Jean-Pol; “Des formes architecturales pour la réconciliation”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 21

82 O complexo paroquial de Santa Maria do Marco de Canaveses foi projectado por Álvaro Siza entre os anos de 1990 e 2006.



[30] O pecado de Adão e Eva no alçado Norte



[31] O pecado de Onã no alçado Sul

‘Pedras mudas’ de Meinedo

“O românico (...) é, para nós, uma excelente motivação para conhecer as pedras mudas que ainda continuam falando, suavemente, para o nosso olhar.”¹

Assentes na dicotomia entre o Bem e o Mal, as esculturas românicas foram particularmente importantes enquanto instrumentos de propagação da fé cristã - uma eloquente Bíblia de Pedra -, instruindo os fiéis, maioritariamente analfabetos, na tomada de consciência de Deus e no temor do Inferno. Dizia São Paulo: *“Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidade e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites”*. Estas advertências justificam a insistência dos *“catecismos de pedra”*² na representação dos hábitos, ou vícios, do corpo que poriam em causa a salvação dos fiéis³, esculpindo-os um pouco por toda a Europa, desde a Alemanha, Itália, França, Inglaterra, Irlanda ou na vizinha Espanha⁴. Contudo, Meinedo apresenta uma representação contida e mais simbólica do pecado - longe do erotismo de Palência, Burgos e Cantábria -, mais próximo de uma mentalidade que viria a rejeitar tais imagens, potenciais motivos de concupiscência.

O primeiro cachorro do alçado norte, junto à fachada principal, contém a representação de Adão e Eva, escondendo a nudez com os braços. De acordo com a interpretação bíblica, trata-se, da representação do primeiro pecado, original de todos os outros, e do qual a humanidade é herdeira. No mesmo alçado, mas no extremo oposto, encontram-se ainda dois cachorros com carácter fálico. Ao longo do alçado, encontram-se ainda representações de frutos. Talvez por esta razão seja possível para Joaquim Luís Costa interpretar a sequência como a representação da passagem do livro do Génesis sobre Adão e Eva que, comendo do fruto proibido, *“...os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus”*, forçando-os a cobrirem-se.

Já no alçado sul, dos que não foram ocultados pela torre, encontra-se a representação do pecado de Onã, associado à luxúria, mas também ao da avareza e, em última instância, à desobediência a Deus.

“(...) a busca da salvação apelava a uma reconversão de hábitos de vida, a uma purificação interior que interditava os usos do corpo tal como se tinham desenvolvido na civilização romana”⁵

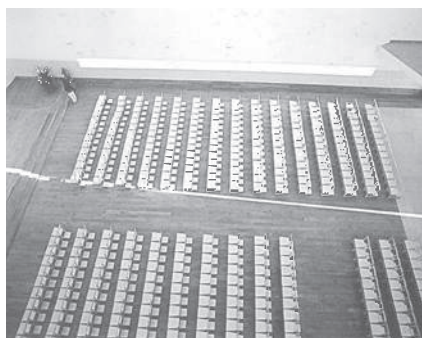
1 GARCÍA, Xosé Lois; “Simbologia do Românico de Amarante”; Edições do Tâmega; 1ª Edição 1990; p.15

2 COSTA, Joaquim Luís; “A representação do pecado da luxúria no românico de Amarante” publicado em Amarante Magazine, disponível em <https://www.amaran-temagazine.pt/sociedade-e-cultura/a-representacao-do-pecado-da-luxuria-no-românico-de-amarante/>

3 COSTA, Joaquim Luís; “Luxúria e iconografia na escultura românica portuguesa”; 2014; disponível em <https://journals.openedition.org/medievalista/1489>

4 COSTA, Joaquim Luís; “Luxúria e iconografia na escultura românica portuguesa”; 2014

5 MATTOSO, José; SOUSA, Bernardo Vasconcelos; “História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média.”; Círculo de Leitores; 1ª Edição 2010; p. 333



Igreja do Marco de Canaveses, projectada em 1996 por Álvaro Siza

[32] Entrada para o confessionário

[33] Nave da igreja

necessidade de reorganizar - e eventualmente retirar - lugares da nave, em função do acesso ao confessionário. Todavia, se no Marco a passagem é uma excepção, repare-se como em Meinedo a mancha dos bancos encontra-se já desventrada por ocasião do portal sul e da passagem para a capela de Santo Tirso.

Imagina-se um volume que estabeleça um diálogo com a volumetria existente. No entanto, impõe o diálogo que nenhum elemento se remeta ao silêncio. E, efectivamente, a criação de um corpo saliente, afastando o observador dos muros preexistentes, afasta-o também da leitura dos cachorros que os rematam, - as “pedras mudas”⁸³ - que deixariam de ser ouvidos. Repare-se que tal já acontece nos acrescentos da capela de Santo Tirso e de forma ainda mais flagrante na torre sineira⁸⁴. Não deixa de ser curioso, do ponto de vista simbólico, que o pecado, representado pelos cachorros, deixe de ser ouvido em prol da reconciliação sacramental, sabendo-se, todavia, que é a consciência dele que conduz o fiel à necessidade da reconciliação.⁸⁵

“Se as suas pedras e decoração devem ser vistas de perto ou até à lupa, se as soluções arquitectónicas têm de ser apreciadas no interior do seu espaço e ainda em seu redor, a sua volumetria deverá também ser apreciada de longe”⁸⁶

Repare-se como os corpos anexos ao edifício original desenhavam um perímetro sinuoso, sem que isso seja motivo de uma hierarquização ou caracterização particular dos espaços exteriores. O exterior é, portanto, o que sobra da necessidade do interior ou, no caso da torre, da demanda de um exterior preocupado com a vista, e audição, ao longe. Embora exista uma naturalidade nestes acrescentos, validados, inclusivamente, pelo tempo que entretanto passou, estas questões alertam o autor para o perigo de vir a densificar a volumetria.

No processo de procura, a incerteza das linhas traçadas na planta, em contraste com a densidade da massa preexistente, faz antever uma novo volume imbuído num espírito ‘boitiano’⁸⁷, intuindo-se um objecto dotado de leveza. Existe nesta hipótese, contudo, uma certa subversão. Viu-se, no capítulo anterior a importância da parede albergar o segredo e é desconcertante concluir que as paredes existentes, por muito pouco, não são capazes de envolver a totalidade do confessionário, obrigando o espaço a vir tocar o exterior de forma quase tangencial. Mas esta observação acontece sobretudo porque o novo volume se imagina com uma roupagem diferente. Na verdade, da mesma forma que existe um sentido de pertença em pessoas que vestem uma mesma farda, também os volumes acabam por se fundir se o tratamento

83 GARCÍA, Xosé Lois; “Simbologia do Românico de Amarante”; Edições do Tâmega; 1ª Edição 1990; p. 15

84 Embora não se possa confirmar a existência de ornamentação nos cachorros que a torre absorveu, esta dedução é plausível: repare-se que se trata do alçado sul, onde a luz favorece a impressão das formas, e junto à fachada principal, onde, no lado oposto se situa o cachorro com a representação do pecado de Adão e Eva.

85 “...diluídos, pois, ou debilitados o sentido teológico e o sentido de pecado, tornam-se desnecessários e até supérfluos tanto a penitência como o sacramento da reconciliação” em “Dejaos reconciliar con Dios”; Conferência Episcopal Española; n.º 11; p. 18; citada em LEITÃO, Luís Manuel; “O sacramento da Reconciliação e a consciência de pecado”; dissertação para a obtenção do 1º grau canónico pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (sob a orientação do Prof. Dr. José Paulo Abreu); 2013; p. 138

86 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001; p. 67

87 Em alusão ao Restauro Científico proposto por Camilo Boito (1836-1914) que procurava diferenciar as intervenções novas da preexistência, contribuindo para uma notoriedade visual das acções no tempo.



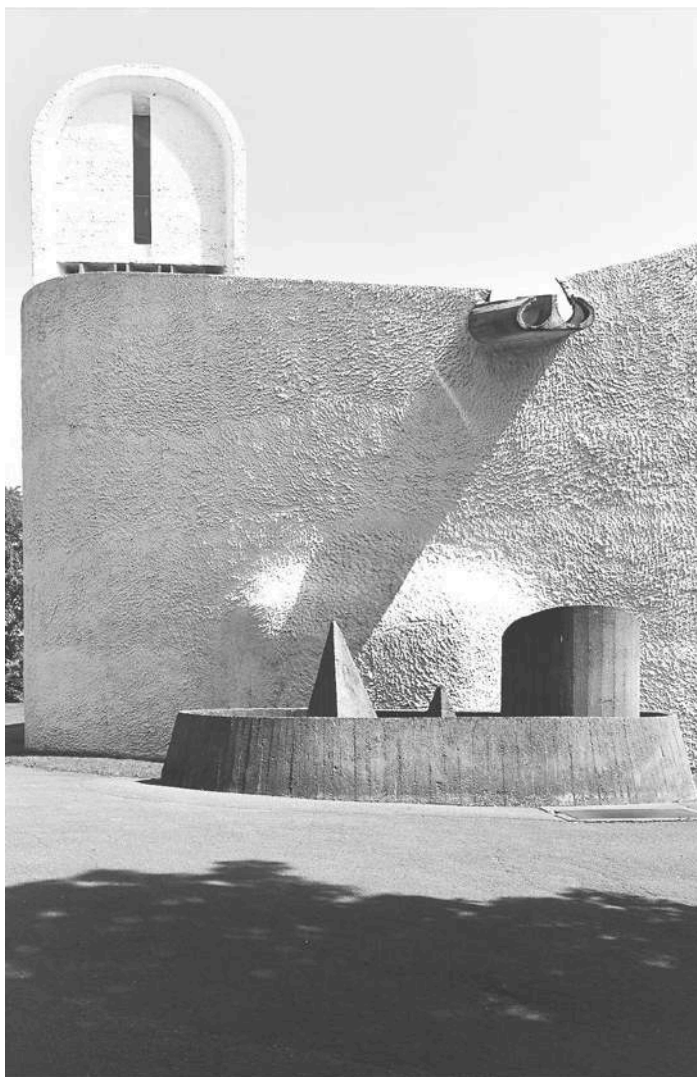
[34] Igreja paroquial de St. Albertus Magnus em Andernach, projecto de 1952-54 de Rudolf Schwarz



[35] Igreja paroquial de St. Maria Königin em Frechen, projecto de 1952-54 de Rudolf Schwarz



[36] Igreja paroquial de St. Michel em Frankfurt, projecto de 1952-56 de Rudolf Schwarz



[37] Capela de Notre Dame du Haut em Ronchamp, projecto de 1950-54 de Le Corbusier

da superfície, que os envolve, for semelhante.

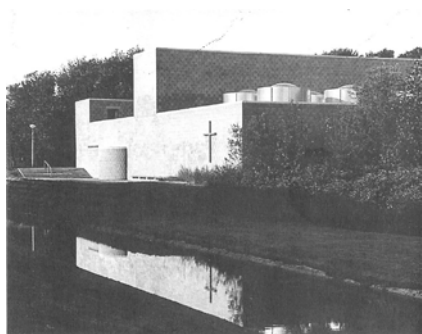
“O VOLUME que é o elemento pelo qual os nossos sentidos percebem e medem, sendo plenamente afectados. A SUPERFÍCIE que é o envelope do volume e que pode anular ou ampliar a sua sensação”⁸⁸

A tensão gerada pelo confessionário, que mesmo não cabendo na espessura paredes, não se quer desintegrar do organismo interno da igreja, contido no envelope, é muito evidente nos anos 50, como comprova a obra de Rudolf Schwarz. Nas igrejas paroquiais de St. Albertus Magnus, em Andernach, e de St. Maria Königin, em Frechen, ambas de 1952-54, Schwarz expõe os confessionários da nave - em consonância com a individualização funcional promovida pelos bispos alemães - e forma proeminências no exterior, tentado, contudo, integrá-las no conjunto através de um mesmo tratamento de superfície e da mesma inclinação da cobertura. A experiência nestes dois projectos certamente influenciou o arquitecto, ainda na mesma década, a revelar a estrutura nas fachadas das igrejas paroquiais de St. Michael (1952-56), em Frankfurt, e de Heilig Kreuz (1953-57), em Bottrop, constituindo os pilares uma oportunidade de desenho - ou pretexto - para alojar os corpos dos confessionários e dos espaços de entrada.

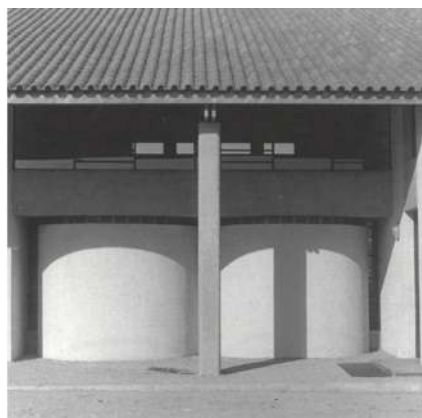
A coetânea capela de Notre Dame du Haut (1950-54), em Ronchamp, patenteia a mesma adversidade, mas resolvida de modo ligeiramente diferente. A leitura que se faz no interior é que as paredes são suficientemente grossas para hospedar o confessionário - a “presença de um adensamento ilusório da parede”⁸⁹ - , ficando a impressão de que Le Corbusier explorou apenas o tema da “cavidade”, extraindo massa da parede. No entanto, - e como comprova o exterior - o confessionário extravassa a espessura da parede, tendo o arquitecto procurado na plasticidade das muralhas a forma de integrar a proeminência. Fica o pressentimento que algo esteja “...a ser pressionado contra a parede, empurrando-a para fora num tremendo abaulamento”⁹⁰, mas, ainda assim, contido pela colgadura texturada que não deixa dúvidas quanto à sua pertença.

Ainda que sejam, as saliências, consequência de uma necessidade do interior, repare-se como tanto Aldo Van Eyck como Diogo Lino Pimentel, na década seguinte, respectivamente na igreja de Pastoor Van Ars, (1963-69), na Holanda, e na Capela do Seminário Dominicano do Olival (1964-65), em Portugal, tiram proveito da convexidade para compor, no exterior, um convite à entrada.

Mas todos estes exemplos enunciados dos anos 50 e 60 incluíam o espaço da reconciliação desde os primeiros esboços, não se tendo confrontado, os arquitectos, por isso, com a relutância em envolver as saliências com uma mesma roupagem. O mesmo não poderá ser dito a propósito de um novo volume em Meinedo, cuja hipotética analogia pode tornar-se numa falsa



[38] Igreja de Pastoor Van Ars na Holanda, projecto de 1963-69 de Aldo Van Eyck



[39] Capela do Seminário Dominicano do Olival, projecto de 1964-65 de Diogo Lino Pimentel

88 Tradução livre de LE CORBUSIER; “Por uma arquitectura”; Perspectiva; 1998; p. 9

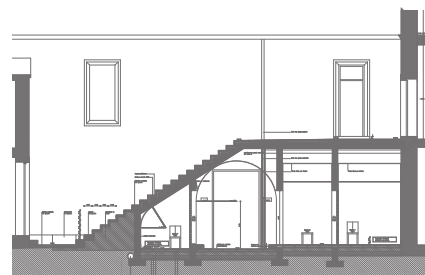
89 KUBLER, George; “A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes. 1521-1706”; trad. Jorge Pais da Silva; Vega; 2005; p. 14

90 A propósito das “formas que se dilatam, pressionam, empurram...” do Palazzo Massimo alle Colonne, em Roma, projectado por Baldassare Tommaso Peruzzi (1481-1536) em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 61

imitação.⁹¹

José Fernando Gonçalves projecta em 1999 dois confessionários para igreja paroquial de Oliveira de Douro, no âmbito de um projecto de renovação que se estende até 2013. Deparando-se com a vontade de expelir os confessionários da nave, o arquitecto não se limita a criar um volume, mas justifica a acção com a necessidade de uma nova escada exterior - menos malabarista que a anterior - para aceder à torre sineira. Todavia, tanto o pretexto como o reboco branco fazem com que este exemplo se distancie do problema de Meinedo.

É a relutância em criar um novo volume em Meinedo que faz convocar o espaço não habitável, ao nível do rés-do-chão, da torre sineira, acrescentada no século XVIII⁹² ao edifício original. Repare-se como o volume assumiu já uma posição relativamente às questões que inibem o autor: inviabilizou a leitura dos cachorros, alterou a volumetria do edificado e conquistou uma pertença à igreja. Esta última, não só porque com o mesmo material e a mesma lógica de aparelho se alocou no alinhamento da fachada poente, como também pela validação do tempo a par da pertença inevitável de uma torre sineira numa igreja. Ora, implantando-se na torre, o confessionário pode agora ser expelido da nave, sem que isso origine uma impressão de que algo esteja virado do avesso.



Renovação da igreja paroquial de Oliveira do Douro, projecto de 1999-2006 de José Fernando Gonçalves

[40] Corte longitudinal pelo novo volume dos confessionários

[41] Fotografia da preexistência
Material cedido por José Fernando Gonçalves

entre quatro paredes

“Saber ver e penetrar a arquitectura é uma aprendizagem longa que se faz tacteando, em aproximações, e com muita meditação, andando à sua volta, entrando e sentindo os seus espaços.”⁹³

A frase supracitada, proferida por Carlos Alberto Ferreira de Almeida e a propósito do românico, é motivo de consternação quando confrontada com a torre sineira de Meinedo. Isto porque, é possível andar à sua volta, meditando, mas não é possível, penetrando, sentir o seu espaço.

Por dentro da igreja não existe sinal algum da existência da torre e a ruptura entre o mundo exterior e interior que o românico preconiza, e que as recentes e impiedosas intervenções, de um outro modo, aguçaram, tende a apagá-la também da memória do observador. Talvez por isso a consideração da torre no presente exercício surja apenas no decurso do processo de levantamento arquitectónico, onde, pela convergência dos fragmentos, em primeiro lugar na planta, a densidade do construído é confessada.

Os discursos de arquitectura chamam muitas vezes a atenção - e bem - para a insuficiência dos instrumentos abstractos de desenho, como plantas, cortes

91 “é impossível repetir a bela arquitectura de uma época passada; torna-se falso e pretensioso” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 11

92 VIEIRA, Leonel; “Igreja de Santa Maria de Meinedo. Intervenções”; Primeiro Plano - Espaço Cultural; 1ª Edição 2017; p. 31

93 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001; p. 66



[42] “Conical Intersect” em Paris, intervenção de 1975 de Gordon Matta-Clark

e alçados, na representação completa e real do espaço⁹⁴. Curiosamente, num caso em que não é possível a vivência concreta do espaço, nem a apreensão através de “processos naturais”⁹⁵, eles tornam-se, na verdade, a única forma, ainda que metafísica, de aceder a ele. É, assim, através da planta e do corte que se pode não só anotar a sua existência como antecipar as suas dimensões.

Gordon Matta-Clark (1943-1978), artista e arquitecto norte-americano, tornou esta questão um mote para um exercício provocador, na medida em que converte o corte numa experiência do real. Ao penetrar uma pré-existência, ele desvinculava-se dos seus limites, permitindo uma contaminação visual entre os diferentes espaços. Criava, sem construir, pontos de vista inéditos - para lá das quatro paredes -, certamente antes impossíveis de imaginar.

Apesar de semelhante exercício, é mais fácil prever o contacto entre a torre sineira e a igreja, que ocorre junto à entrada principal. Viu-se, no subcapítulo ‘pedras no caminho’, a conveniência da posição junto à entrada e vinculado ao sacramento do Baptismo, mas, agora, sem constituir um volume que estrangule a passagem pelo portal principal e, arrumando-se na massa existente, sem ocupar obrigatoriamente o lugar de fiéis na nave.

Nesta proposta para Meinedo parece assistir-se, no entanto, a uma permuta entre a posição do confessionário com aquela muito vulgar da pia baptismal, por debaixo das torres sineiras. De uma forma genérica, poder-se-à interpretar a perseverança dessa colocação da pia baptismal como a vontade de reedificar a dignidade simbólico-espacial entretanto perdida com a secular praxis do baptismo de crianças, sendo a actual pia um “modelo em miniatura da piscina baptismal”⁹⁶ ou, se se quiser, do próprio rio Jordão. Todavia, e embora não existam prescrições rigorosas sobre este tema⁹⁷, a colocação ‘entre quatro paredes’ impede a desejável “comunicação espacial e acústica com a assembleia reunida”⁹⁸ para o decurso de uma celebração que, na sequência do Concílio Vaticano II, procura ser da comunidade.⁹⁹

“A partir do século XI, quando a torre se tornou símbolo de poder e de segurança, este elemento começou também a fazer parte, cada vez mais, da configuração de uma igreja. E, incorporadas nos edifícios religiosos, elas servem para alçar sinos cujo toque avisava actos de culto, cerimónias e manifestações de sagrado”

94 As plantas, alçados, cortes e fotografias, “... isoladamente e no seu conjunto, são incapazes de representar completamente o espaço arquitectónico” e “estão completamente fora de todas as concretas experiências” em ZEVI, Bruno; “Saber ver a arquitectura”; Martins Fontes; 1996; p. 30 | “A arquitectura não é feita simplesmente pela adição de planos e cortes a alçados (...); deve ser experimentada” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 9 | “A ilusão das plantas” em LE CORBUSIER; “Por uma arquitectura”; Perspectiva; 1998; p. 123

95 “... aquilo a que chamamos espaço é também forma, negativo ou molde das formas que os nossos olhos apreendem, dado que num sentido visual, que é aquele que para o caso importa considerar, o espaço é aquilo que os nossos olhos não conseguem apreender por processos naturais” em TÁVORA, Fernando; “Da Organização do Espaço”; Faup Publicações; 2006 (1ª Edição 1962, enquanto prova de dissertação para o Concurso de professor da ESBAP); p. 12

96 Franz-P. Tebartz van Elst citado em RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 107

97 “Não existe uma prescrição sobre a colocação exacta do lugar do Baptismo” em RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 111

98 “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p. 38

99 “... na sequência do Concílio Vaticano II, (...) O Baptismo é de novo uma celebração da comunidade...” em RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 108

Apesar de Carlos Ferreira de Almeida sugerir uma apropriação religiosa da torre é importante ressaltar que os sinos nas igrejas são anteriores e que, sem eles, as torres das igrejas fariam tanto sentido como guitarras sem cordas. Nas igrejas, até ao século XVII, a inserção dos sinos era vulgarmente feita mediante um muro pentagonal permeado com uma ventana, colocado sobre a fachada ou sobre um maciço pétreo adjacente - as ‘janelas sineiras’. Mais tarde, a evolução da comunidade e das construções circundantes, conduziu, não só à necessidade da igreja retomar a sua proeminência territorial - se “... algumas casas erguem-se - as torres erguem-se sempre”¹⁰⁰ -, mas também a intensificar o som produzido, recorrendo-se não só a mais sinos - podendo-se, por isso, produzir melodias - como também à sua incorporação ‘entre quatro paredes’. Atente-se no plano de cauda que, ao contrário do vertical, possuiu um generoso espaço interno, o que lhe confere a potência sonora para encher uma sala, prescindindo-se muitas vezes dos sistemas de amplificação adicionais. Também as torres sineiras são amplificadores ‘naturais’ capazes de emitir a polifonia dos sinos para toda a comunidade. Sensíveis à evolução das comunidades, são geralmente mais tardias que as igrejas românicas, ao ponto de algumas delas poderem apresentar as duas soluções: torre e ‘janela sineira’.

“Os pisos são de pedra, as paredes de pedra, os tectos de pedra, até mesmo os residentes são de pedra. Todas essas superfícies duras e reflectoras de som dão aos recintos tons duros, longos e reverberantes”¹⁰¹

Propor na base de um instrumento musical que é a torre sineira de Meinedo¹⁰², o lugar do único sacramento cuja matéria - os pecados cometidos - é traduzida oralmente, poderia ser coerente, não fosse manifesto o contraste, que ocasiona, caracterizado pela dinâmica antinómica ‘introspecção/exposição’.

Esta dualidade é muito evidente nos dispositivos litúrgicos singulares que são os púlpito-confessionários. A associação, concreta, entre a pregação e a penitência sacramental terá sido iniciada pela fracção Observante da Ordem Franciscana por volta de 1430¹⁰³ aquando repensavam a sua identidade eremital, e que a capa do livro de 1515 de Girolamo da Padova atesta. Contudo, a associação dos dois pólos numa mesma prumada ocorre apenas no período pós tridentino, que comungaria da mesma tónica pastoral e se empenharia em mobilar as igrejas. O que terá favorecido a criação do púlpito-confessionário terá sido, na verdade, o sentido construtivo e compositivo. Note-se que, sobre o confessionário, o púlpito poderia adquirir altura, exigindo apenas o trabalho de marcenaria, e, simultaneamente, o confessionário servir-se-ia do resguardo do púlpito. Existe contudo uma incompatibilidade na posição que a peça deve assumir no espaço eclesial: entre um lugar de destaque, para onde a assembleia se volta, e um lugar recatado, ditado pela



[43] Xilografia da capa do livro “Confessione” de Girolamo da Padova, impresso em Veneza em 1515

100 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 23

101 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 187

102 De secção quadrangular, desenvolve-se verticalmente apresentando três registos: a base, opaca e corpulenta; a zona vazada com os sinos inseridos nas quatro ventanas de volta perfeita; e o remate em forma piramidal e pirâmides nos seus vértices. O desenho é seco, sem as habituais tenuidades dos contornos, como são as pilastras e as molduras, e a sua adição é honesta e despretensiosa - repare-se, por exemplo, como a fachada oeste denuncia o seu apoio e como conduz a base até um ponto, um mínimo estável, a partir do qual pode receber os sinos, a sua razão de ser.

103



‘Púlpitos-confessionário’

[44] Igreja de San Carlo ai Catinari em Roma, dedicada a S. Carlos Borromeu, projecto principal de Rosato Rosati e fachada de Giovanni Battista Soria | séc. XVII



[45] Catedral Santa Margarita de Montefiascone em Viterbo | (reconstrução por Carlo Fontana) séc. XVII

necessidade de anonimato, o que, segundo Fernando López Arias, inviabiliza o uso simultâneo.¹⁰⁴ É por essa razão que a dinâmica antinômica é uma vulnerabilidade no púlpito-confessionários, mas tal não acontece na torre de Meinedo. Em Meinedo, talvez apenas a ‘entoação-sussuro’. Mas se um dia frio e chuvoso pode beneficiar o calor de uma casa, também o ruído dos sinos pode sublinhar a intimidade da palavra sussurrada num espaço enclausurado.

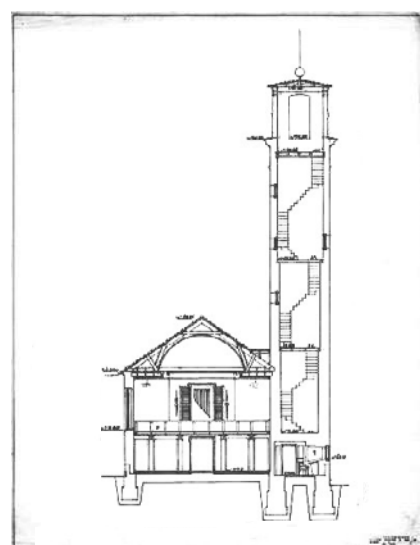
“sintamos realmente a intimidade de quatro paredes próximas à nossa volta”¹⁰⁵

Curiosamente, e em conformidade com a citação do professor Rasmussen, é precisamente no texto “Degraus da intimidade”¹⁰⁶ que Peter Zumthor convoca a espacialidade camuflada do “oco de uma torre de igreja, onde se sobe por dentro de paredes”¹⁰⁷. No caso da torre de Meinedo, pelo facto do acesso estar assegurado por uma escada exterior adossada à fachada sul da igreja - o que, à data da construção, terá simplificado os trabalhos -, o oco torna-se numa oportunidade para a concepção de um espaço de estar ao nível do rés-do-chão. É o que similarmente sucede na igreja de Muurame Kirche na Finlândia, um dos primeiros trabalhos, ainda enraizado ao classíssimo nórdico, que Alvar Aalto desenvolve entre 1926 e 1929. Não obstante o fascínio pela proeminência dos campanários na paisagem que havia registado da Toscana, descobre, pelo simples facto de desdobrar a escada em dois momentos distintos, um íntimo espaço na base da torre para o qual destina a sacristia. Não será demais acrescentar que, por se tratar de uma igreja luterana e dada a inexistência de um confessionário propriamente dito, poder-se-à pensar que serve o mesmo espaço para efeitos de confessionário.¹⁰⁸

Dadas as exigências acústicas, de amplitude espacial e de intimidade que pautam os novos confessionários, não é de admirar que num contexto de preexistência, surjam eles nos espaços disponíveis e ocasionados pelas torres sineiras. É nesses ocos que Christian Moser (1962), arquitecto da Itália nordestina, projecta no presente milénio novos confessionários para três igrejas italianas, porventura sugerindo, pela insistência, uma sistematização desta colocação, que nunca surge mencionada nos documentos orientadores da Igreja Católica. Tratam-se da Duomo de Bressanone, da igreja paroquial Madonna della Palude de Vipiteno em Sterzing e da igreja de Maria Assunta em Malles Venosta. Sobre esta última, diz o reitor, agradecendo ao arquitecto, que “o sacramento tem assim um lugar digno, convidativo e discreto na igreja paroquial”¹⁰⁹. Atente-se na discrição conseguida muito embora inserida num elemento que se faz presente no território e que o pintor William Turner (1755-1851), numa das suas rotas, registou no seu caderno.



[46] Basilica de San Domenico em Perugia
Desenho de viagem de 1922 de Alvar Aalto



Igreja de Muurame (Muuramen Kirkko) na Finlândia, projecto de 1926-29 de Alvar Aalto
[47] Perspectiva exterior
[48] Corte transversal voltado para a entrada
Desenhos de Alvar Aalto

104

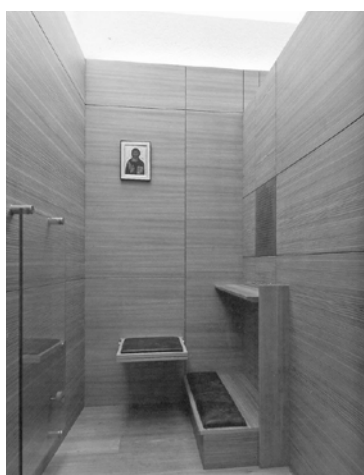
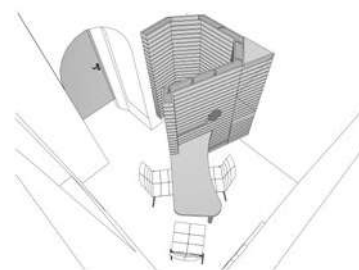
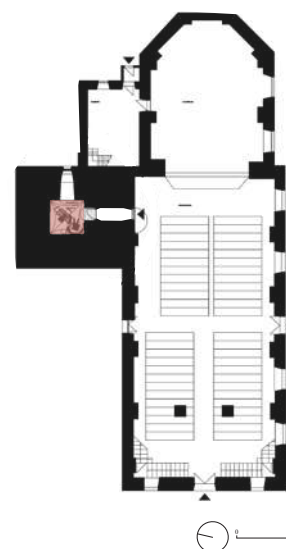
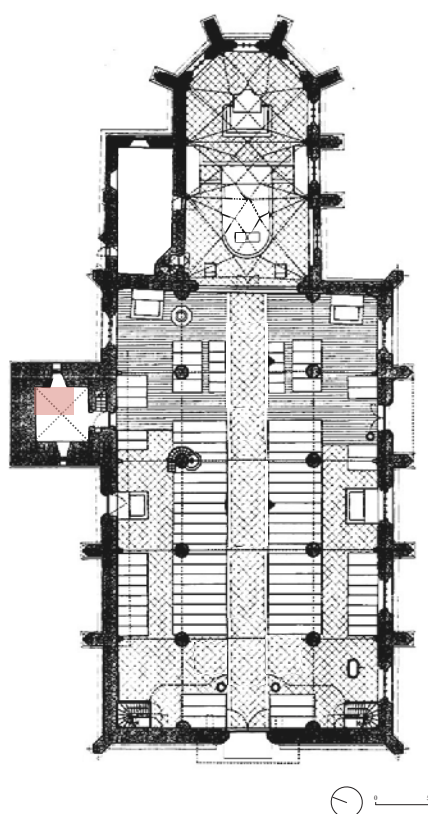
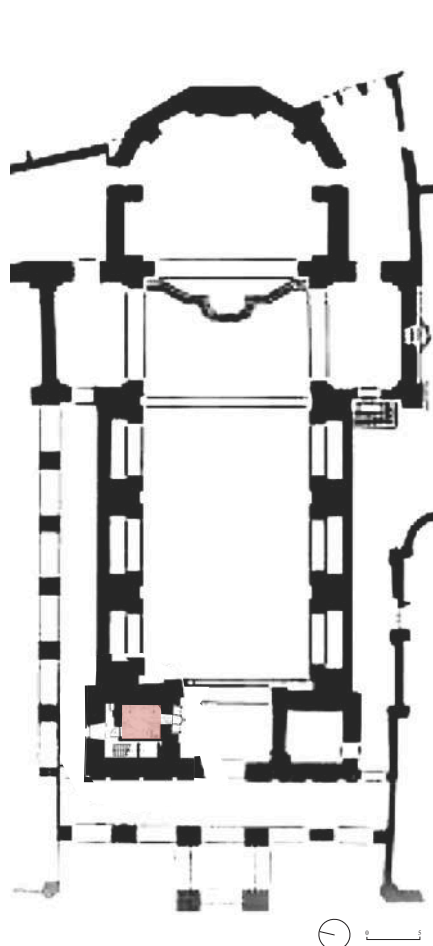
105 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 182

106 “Degraus da intimidade” intitula um dos capítulos de ZUMTHOR, Peter; “Atmosferas. Entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam”; trad. Astrud Grabow; Gustavo Gili; 2006; p. 51

107 ZUMTHOR, Peter; “Atmosferas. Entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam”; trad. Astrud Grabow; Gustavo Gili; 2006; p. 7

108 Ainda que o luteranismo preveja a confissão, ela poderá ser feita diante do altar, na sacristia ou - e apenas caso exista - num confessionário.

109 “Das Sakrament der Versöhnung hat damit in der Pfarrkirche einen würdigen, einladenden und diskreten Ort” Tradução livre de KIRCHE MALS Das neue Beichtzimmer in der Pfarrkirche von Mals



Duomo de Bressanone (Brixner Dom)
| Confessionário projectado em 2007 por
Christian Moser
[49] Planta da igreja
[50] Confessionário, lado do penitente*
[51] Confessionário, lado do sacerdote*
*Material cedido por Christian Moser

Igreja paroquial Madonna della Palude em
Vipiteno (Pfarr Maria Gubert em Sterzing)
| Confessionário projectado em 2008 por
Christian Moser
[52] Planta da igreja
[53] Confessionário
[54] Acesso ao confessionário pela nave

Igreja de Maria Assunta (Pfarrkirche Maria
Himmelfahrt) em Malles Venosta | Confessionário
projectado em 2016 por Christian Moser
[55] Planta da igreja*
[56] Perspectiva axonométrica do confessionário*
[57] Confessionário*
*Material cedido por Christian Moser



[58] Proeminências verticais da igreja Maria Assunta (Pfarrkirche Maria Himmelfahrt) e das ruínas de Fröhlichsturm em Malles Venosta
Desenho de viagem (1840) de William Turner

*“Depois de ter tomado uma decisão sobre as formas principais, ele prossegue **adicionando detalhes que brotam** como rebentos e espinhos”*

RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 37

III | detalhes que brotam

mudanças de tom

Ainda que tivesse sido sempre evidente a urgência em estabelecer uma fronteira entre as dimensões antitécticas que são a parte superior e inferior da torre, é curioso como durante o processo foi permitida uma solução que depurava integralmente o volume pelo interior, criando um espaço que ostentava a verticalidade. Era o resultado da necessidade de limar a desregrada fiada de pedra do intradorso e de fazer chegar a iluminação ao miolo, através do azulejo que, como um periscópio, captava a luz das ventanas dos sinos. Não obstante, dever-se-à admitir que era também consequência da dificuldade do arquitecto em prever as qualidades acústicas de um espaço, optando-se por uma extravagância do visual, outorgada à “arquitectura da retina”¹, que Pallasmaa tão veemente contesta.

“...também poderia perfeitamente ser dito que tem uma excelente acústica, desde que seja executado o género certo de música”²

Efectivamente, é de acordo com o uso que se pode avaliar a eficácia acústica de um espaço. E, diga-se, até mais do que a percepção do som dos sinos no interior - algo estrondoso e inoportuno, mas, ainda assim, passageiro -, o mais inquietante da proposta seria a sua ineficácia na contenção do som, que a discrição do sacramento exige, como também no conforto emocional da curta reverberação de som, sensação espacial tão conveniente para despoletar a franqueza da palavra falada.

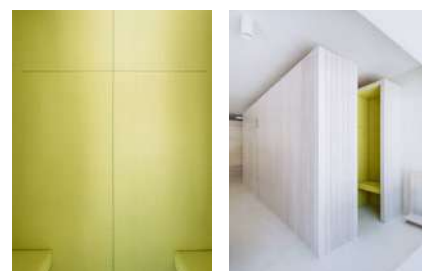
“uma acústica ligeiramente abafada dar-lhe-à confiança”³

A resposta, reactiva, procurou um tom antagónico, alterando-se, por isso, as propriedades do espaço que mais afectam a acústica - a forma e a materialidade⁴. Assim, um espaço mais baixo seria integralmente forrado - chão, paredes, tecto e bancos - por uma alcatifa azul, “como uma caixa de jóias revestida interiormente de cetim, onde (...) podiam reunir-se para conversar...”⁵. Poder-se-á dizer que o uso da cor teria também razões acústicas: sendo as paredes da nave de Meinedo rebocadas de branco, conseguiria a cor chamar a atenção para a novidade da textura aveludada, estabelecendo-se, com efeito, uma coerência entre o ‘oral’ e o ‘visual’, longe dos tectos falsos que encobrem os mais afinados tratamentos acústicos. O atelier português ‘Site Specific’, sensível a esta coerência, no projecto da capela de Jesus Mestre em Loures (2015), concebeu o confessionário como uma alcova revestida a um tecido de um intenso verde. Tendo em conta a opção de não enclausurar o espaço, o cuidado acústico dos arquitectos parece ter ainda mais fundamento.

Neste sentido, a pergunta que se segue é se o ambiente ‘entre quatro paredes’ requer o mesmo cuidado acústico e se, consequentemente, a opção de revestir tudo a tecido não poderá resultar numa alienação sonora tão



[1] ‘Alcova-confessionário’ em Meinedo
Maquete do autor



[2] ‘Alcova-confessionário’ da capela de Jesus Mestre em Loures, projecto de 2015 do atelier ‘Site Specific’

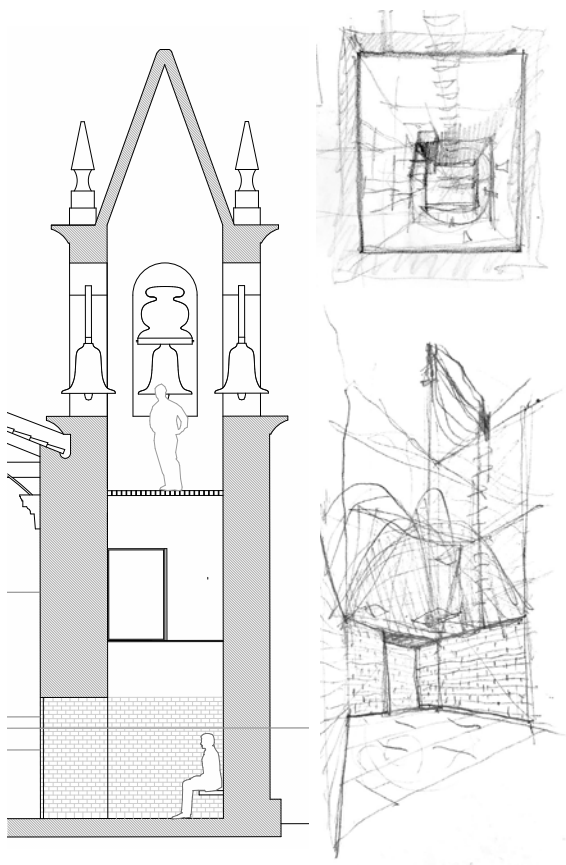
1 PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011; p. 25

2 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 189

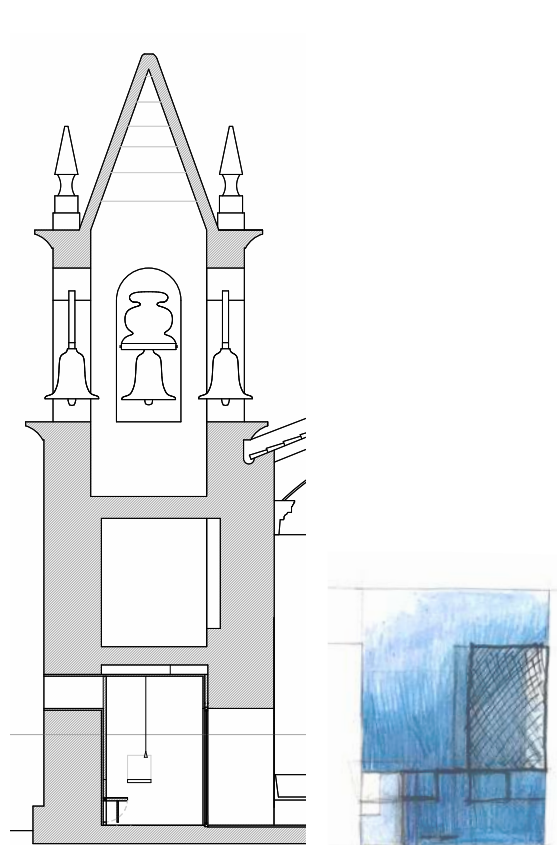
3 Tradução livre de SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; “Le corps et les mots”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 13

4 “Recintos de formatos e materiais diferentes reverberam de forma diferente” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 186

5 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 195



[3] 'Periscópio-confessionário' em Meinedo
Desenhos do autor



[4] 'Alcova-confessionário' em Meinedo
Desenhos do autor

exagerada, como patenteiam - ironicamente - os estúdios de gravação ou as salas anecóicas, aonde permanecer rapidamente se torna uma tortura.

“...começo com muito ideias e treino-me em fazer coisas muito extravagantes. Lentamente, a evolução do projecto orienta-se para uma redução à essência e uma gradual aproximação à substância”⁶

Com o desenvolvimento do trabalho, durante o qual tantos outros factores vão surgindo - e que os próximos textos tentam sistematizar -, percebe-se que existe um conjunto de elementos, numa primeira vista nada acústicos, mas capazes de afinar o tom do espaço. Talvez por essa razão tenha o professor Rasmussen sabiamente eleito o capítulo “Ouvir a arquitectura” para concluir o seu livro “Viver a Arquitectura”⁷.

“Se a mesma sala fosse (...) decorada com tapetes e cortinados para atenuar a acústica, iria provavelmente parecer-nos tépida e acolhedora, muito embora a temperatura fosse a mesma de antes”⁸

No confessionário, os inevitáveis elementos de mobiliário - ainda que mais ou menos apostos à arquitectura -, em conjunto com a possibilidade de estancar o som com uma porta e, até, de introduzir revestimentos com tempos de reverberação razoáveis, mas mais modestos, higiénicos e de melhor manutenção, poderá ser o suficiente para alcançar a atmosfera sonora desejável. Note-se, ainda, que será apenas necessário conter o som quando no confessionário estiverem reunidas duas pessoas, cujas roupas - e paramentos litúrgicos⁹ -, muito embora não sejam encorpadas e aveludadas como as da era vitoriana, são um generoso contributo¹⁰ num pequeno espaço.

“...apercebi-me de que a acústica era má. Entrei em pânico, até porque na inauguração iria actuar um coro. Correu tudo bem e a acústica até foi elogiada pelo coro. O templo tem boas condições, desde que esteja cheio.”¹¹

Posto isto, existem também questões mais subtis por provocarem contágios entre os sentidos. Para além da congruência entre o *oral* e o *visual*, que só é possível através da revelação da forma e das texturas pela luz, a própria afinação da luz pode induzir um determinado tom à comunicação. Escreve o Fr. Pierre-Benoît Samuel, a propósito do sacramento da reconciliação, que “a luz suave acompanha a fala num tom baixo”¹², o que pode ser lido em conjunto com a preocupação de Pallasmaa em escapar à ditadura da luz intensa, preferindo a arquitectura aonde “a escuridão cria uma sensação de

6 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p.137

7 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 186

8 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 186

9 “Normalmente, onde quer que seja celebrado o sacramento do perdão, o ministro veste a alva e a estola”. Tradução livre de CHAUVET, Louis-Marie; “Accueil et réconciliation”; publicado em publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 18

10 “... se o público é suficientemente numeroso para compensar a falta de panos e tapeçarias na austera galeria, a sala tem as suas maneiras alteradas, renunciando à sua voz estentóica e tornando-se tão civilizada que é possível distinguir o som de cada instrumento” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 189

11 Álvaro Siza citado em reportagem de Reis Pinto, a propósito da igreja do Marco de Canaveses, publicada no Jornal de Notícias; “Siza “explicou” a sua igreja aberta ao mundo”; 30 de Abril de 2006

12 Tradução livre de SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; “Le corps et les mots”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 13

solidariedade e reforça a força da palavra falada”¹³.

luz de leitura

“...considerava o confessionário opressivo e depressivo. Lembro-me de, em criança, estar confinado a um espaço escuro”¹⁴

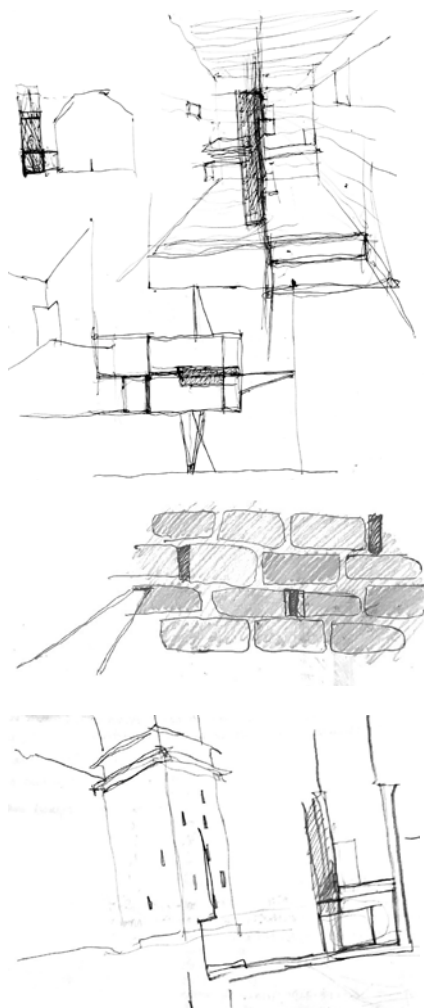
Da colocação do confessionário na torre sineira, constata-se a possibilidade de integrar a luz natural, tão conveniente para assinalar “o aspecto positivo do sacramento, recordando o clima de festa espiritual evocado pela parábola do pai misericordioso”¹⁵. Não obstante, a abertura de vãos deve resguardar-se dos enquadramentos do exterior. Em primeiro lugar, porque a envolvente da igreja de Meinedo é um amorfo espaço pautado por um somatório de edifícios, na sua maioria, descaracterizados. Em segundo lugar, porque a proximidade e concordância de cotas com o adro da igreja, lugar de permanência e de convergência de pessoas, pode facilmente transformar-se no imprudente jogo da “janela indiscreta”¹⁶ que emoldura a intimidade.

É neste contexto que surge a ideia de pequenas e inúmeras perfurações com o propósito de, tal como uma peneira, enquadrar apenas a luz. Todavia, e apesar do entusiasmo pela atmosfera proporcionada no interior, constatou-se que esta solução obrigaria a uma incómoda concentração dos vãos na base da torre, uma vez que o vazio do confessionário corresponde apenas a uma pequena porção da superfície dos alçados. De facto, sendo o vão o toque entre o interior e o exterior, submete-se o arquitecto - e por isso também o presente texto - a um constante exercício de mudança de perspectiva e de compatibilização.

“Eu realmente não posso ver uma janela sem ver do lado de lá”¹⁷

Estando o vão obrigado a ser um elemento mais singular, determinou a vontade de contenção que o gesto fosse aplacado ao longo dos três alçados da torre, tirando partido da proeminência do volume. Por dentro, observava-se uma agradável “sensação de alívio causada por toda essa luminosidade e arejamento”¹⁸ e tornava-se possível a leitura do tempo sob os efeitos da variação da “...luz diurna da manhã para o entardecer”¹⁹.

Note-se contudo que, ao contrário das pequenas perfurações dissimuladas pela repetição, os novos vãos, isolados em cada um dos alçados da torre, são já elementos que concorrem para a harmonia das fachadas, iniciando-se o desafio que Souto de Moura, sem a bengala do neoplasticismo, apelida de



[5] Perfurações no confessionário de Meinedo
Desenhos e maquete do autor

13 PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011; p. 46

14 Álvaro Siza citado em reportagem de Reis Pinto, a propósito da igreja do Marco de Canaveses, publicada no Jornal de Notícias; “Siza “explicou” a sua igreja aberta ao mundo”; 30 de Abril de 2006

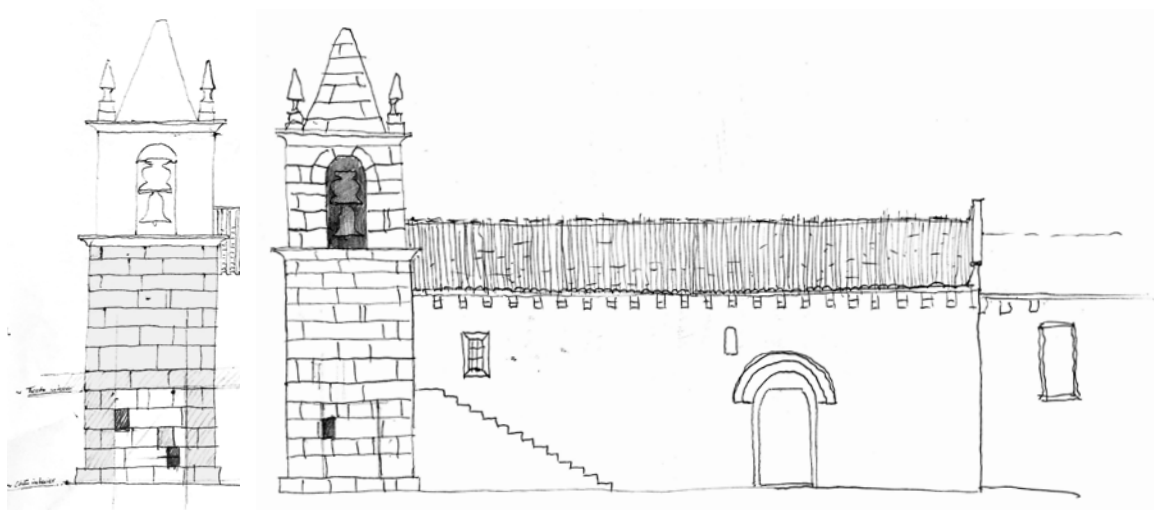
15 Em “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; 1ª Edição 1996; 2018; p. 41

16 Evocação do filme de 1954 “Janela Indiscreta” de Alfred Hitchcock

17 Entrevista a Fernando Távora, por Fernando Agrasar em DOMINGUEZ LÃINO, Ana (coord.); “Fernando Távora”; COAG; 2002; p. 22

18 Sobre “salas fechadas (...) com janelas de ambos os lados” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 157

19 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 184



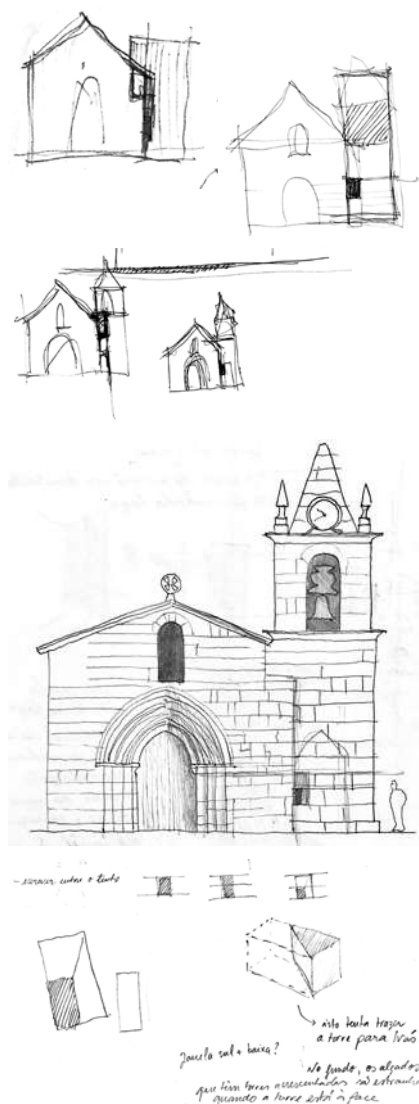
[6] Janelas no confessionário de Meinedo
Desenhos do autor



[7] Luz do dia no confessionário de Meinedo
Maquete do autor

“Essas três janelas correspondem ao Oriente, ao Sul e ao Ocidente, que são as três estações do Sol, sem qualquer abertura que corresponda ao Norte, por onde o Sol nunca passa. Trata-se, portanto, de permitir a entrada da luz nos seus três estados, e talvez sob três modalidades diferentes.”

Definição de “Janela” em Dicionário dos Símbolos, p. 382



[8] Janela poente do confessionário de Meinedo
Desenhos do autor



[9] Confessionário da igreja de Jesus em San Sebastián, projectada em 2011 por Rafael Moneo

“prova definitiva”²⁰. Prova, essa, mais complexa no alçado poente da torre, complanar com a fachada da igreja, obrigando qualquer gesto adicionado - ou subtraído - a entrar num diálogo directo com o portal principal e com a janela que o sobrepuja.

“A superfície do templo (...) é, na maioria dos casos, uma parede furada de portas e de janelas; esses buracos são amiúde destruidores de formas; é preciso torná-los reveladores de formas”²¹

Sobre o novo vão a poente, em primeiro lugar, é conveniente que ele se aloque por debaixo da linha horizontal gerada pelos capitéis do portal principal, procurando não comprometer a conotação simbólica do portal e dos seus arcos²². Simultaneamente, a linha de meação entre o edifício original e a torre sineira parece ser um pretexto para iniciar a operação. Note-se que a anexação da torre adulterou as proporções e a simetria da fachada poente, nomeadamente através da remoção de parte da cornija original. Um olhar apressado não distingue os dois corpos - ou, se distingue, tende a dar à torre a parte do alçado que, na verdade, era exclusiva do edifício original -, mas uma observação mais atenta, ao ver-lhe a cicatriz, sente a quietude por compreender a razão da forma que hoje se apresenta. O vão torna-se numa oportunidade de acentuar a linha existente, oferecendo ao observador a oportunidade de ler no rosto da igreja a simetria entretanto camuflada.

“o que distingue um belo rosto é a qualidade dos traços e um valor particular das relações que os unem”²³

Superado o pudor da eventual profanação do alçado poente, estabiliza-se, ‘do lado de lá’, a abertura no canto do espaço, que, oportunamente, se trata de uma outra forma de peneirar a luz. Moneo, no confessionário da igreja de Iesu em San Sebastián²⁴ - um dos poucos exemplos dotados de luz natural -, coloca a abertura para o exterior no canto do espaço da confissão. Isto permitiu-lhe não só resguardar a intimidade, pelo enviesamento do enquadramento, como também potencializar o efeito da luz de Sul que, durante a tarde, incide lateralmente sobre a parede branca.

Um olhar semicerrado sobre a história da arquitectura religiosa revela que a procura por este efeito de luz - lateral - não é novidade e que foi sendo adoptada pela liturgia. Na “humildade edificada”²⁵ do românico, pelo seu

20 “Então pensei que tinha de superar esta dificuldade e desenhar janelas - a coisa mais difícil de fazer em arquitectura. Para mim é a ‘prova’ definitiva” Eduardo Souto de Moura, entrevistado por Luis Rojo de Castro, em EL CROQUIS; n.º 124; “Eduardo Souto de Moura. la naturalidade de las cosas”; Madrid, 2005; p. 8

21 LE CORBUSIER; “Por uma arquitectura”; Perspectiva; 1998; p. 21

22 “Os arcos simbolizam a união entre o céu e a terra e forma parte do símbolo do círculo e da vida dinâmica na sua elevação para o céu.” em GARCÍA, Xosé Lois; “Simbologia do Românico de Penafiel”; Centro de Estudos do Românico e do Território; 1ª Edição Outubro de 2018; p. 32

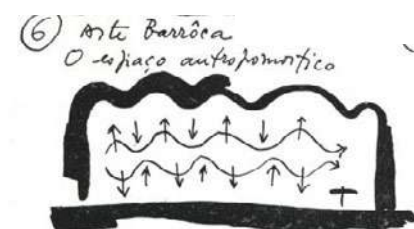
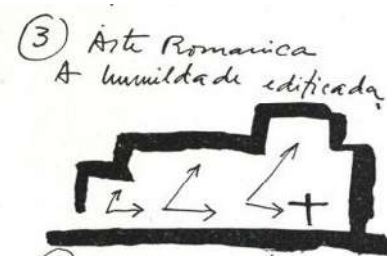
23 LE CORBUSIER; “Por uma arquitectura”; Perspectiva; 1998; p. 145

24 “Iglesia de Iesu” em San Sebastián, projectada em 2011, por Rafael Moneo (1937)

25 Expressão utilizada pelo arquitecto Luiz Cunha (1933-2019) para caracterizar a “arte românica”. Inserida num esquema que procura sintetizar a arquitectura das épocas, a partir de cortes longitudinais, elaborado em 1957. Em MARTINS, Rui Jorge; “Novas igrejas de todos os tempos: Apresentação”; publicado em 2015 na plataforma online da SPN Cultura (www.snpcultura.org/novas_igrejas_de_todos_os_tempos_apresentacao.html - consultado em 10/09/2022)

instinto protector²⁶ traduzido na robustez e opacidade das paredes, a abertura do topo da cabeceira, por contraste, torna-se capaz de monopolizar e orientar o olhar, constituindo-se como a meta do percurso. Diz Carlos Alberto Ferreira de Almeida que “a fresta do topo da cabeceira é um elemento fundamental”²⁷, responsável pela “iluminação mais importante para o interior da igreja”²⁸, aquela proveniente do sol nascente e que, segundo Joseph Ratzinger, justifica a orientação - admitindo-se o pleonasm²⁹ - a Oriente das igrejas, simbolizando, essa luz, “...o regresso do Senhor, o nascer do Sol definitivo da História (...). Poder-se-ia também dizer: o altar é simultaneamente o lugar do Céu rasgado; ele não fecha o espaço da igreja, pelo contrário, ele abre-o para a liturgia eterna”³⁰. Ora, tal importância não se coaduna com o habitual posterior encerramento deste vão, podendo tal acção apenas ser explicada perante a iminência de um bem maior. Efectivamente, o efeito de contraluz viria a tornar-se inconveniente para a leitura das pinturas parietais que se iam acomodando e a não fazer jus³¹ à “realização dramática centrada no altar”³² que caracterizava a nova liturgia romana³³ - e que o românico procurou modelar -, sendo por isso possível não só compreender a sistematização, já no românico, das frestas laterais na cabeceira³⁴, como também antever a generosidade do gótico na distribuição da luz pelo espaço. Se na igreja de Meinedo os fenómenos supramencionados estão patentes, note-se como também a leitura da talha dourada, introduzida entre os séculos XVII e XVIII³⁵, onde avulta o trabalho dos côncavos e dos convexos, só é possível através da luz que trespassa os grandes vãos entretanto abertos - ou possivelmente aumentados - nas paredes laterais da capela-mor. Com ousadia, talvez se possa pensar que o barroco apenas terá sido gerado num ambiente de luz lateral, onde a jogo das protuberâncias fica impresso.

“Se o objecto for deslocado da luz frontal para um lugar onde a luz lhe incida lateralmente, será possível encontrar um ponto que propicie uma impressão excelente de relevo e textura.”³⁶



[10] Artes Românica, Gótica e Barroca, em cortes longitudinais, segundo interpretação do arquitecto Luiz Cunha
Desenhos de Luiz Cunha de 1957

26 “Não esqueçamos também que apesar da pacificação relativa, o mundo românico continua a ser um mundo que sofre invasões e que é violento, por isso o edifício religioso é também construído para proteger a comunidade, assumindo-se, pois, como símbolo de robustez e estabilidade e, muitas vezes, mesmo como fortaleza” em MIRANDA, Maria Adelaide; SILVA, José Custódio Vieira da; “História da Arte Portuguesa. Época Medieval”; Univ. Aberta; 1995; p. 56

27 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001; p. 81

28 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001; p. 81

29 “oriens = Oriente, o sentido da palavra orientação significa em direcção a Oriente” em RATZINGER, Joseph; “Introdução ao Espírito da Liturgia”; Paulinas; 2ª Edição 2006; p. 51

30 RATZINGER, Joseph; “Introdução ao Espírito da Liturgia”; Paulinas; 2ª Edição 2006; p. 52 e 53

31 “...abertura (...) que está escondida dos olhos dos fiéis e, portanto, tem um efeito teatral” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 162

32 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001; p. 76

33 Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, a nova modelação espacial das igrejas, proposta pelo românico, surge intimamente ligada ao espírito da liturgia romana. É este o espírito litúrgico que se vai assentando como modelo com a intenção de uniformizar o mundo católico, disperso em vários ritos. Observe-se que resistia, em território peninsular, o rito hispano-moçárabe, sendo apenas determinada a sua substituição pelo rito romano em 1080, no Concílio de Burgos. Em ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001; p. 76

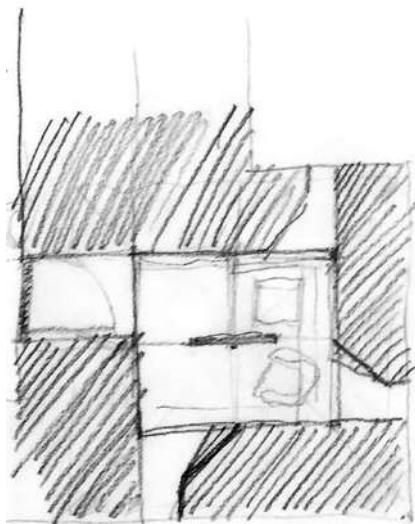
34 “Na época românica aparecem já, sistematicamente, frestas laterais na cabeceira” em ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001; p. 81

35 VIEIRA, Leonel; “Igreja de Santa Maria de Meinedo. Intervenções”; Primeiro Plano - Espaço Cultural; 1ª Edição 2017; p. 31

36 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 159



[11] Capela-mor de Meinedo, vista da nave
Fotografia da DGEMN de 1956



[12] Planta do confessionário de Meinedo
Desenho do autor

Na capela-mor existem vãos laterais de iguais dimensões de ambos os lados, o que poderia anular o efeito desejado, não fosse o sol incidir mais veemente sobre o lado Sul, deixando ao Norte a incumbência de aligeirar os contrastes. Hoje, dada a obstrução do vão a Norte, tal impressão ainda é possível, à custa dos azulejos que reflectem a luz. Na verdade, quando o professor Rasmussen apresenta o seu conceito de “luz excelente”³⁷, não fica apenas pelo elogio à luz lateral, mas associa-lhe um ligeiro grau de reflexão, o que permite que as zonas em sombra não sejam de tal modo escuras ao ponto de não lhes avistar forma alguma. Este conceito nada mais é do que uma luz qualificada para a leitura.

Mas se parece interessante replicar a colocação da janela no canto ao longo dos vários alçados do confessionário, a repetição da altura, baixa, elegida no alçado poente, por outras razões, não era conveniente. Para começar, as representações tridimensionais do espaço mostravam como os vãos - “amiúde destruidores de formas”³⁸ - colocados a uma mesma altura num pequeno espaço poderiam facilmente disformá-lo, perdendo-se a leitura quadrangular imaginada em planta. Em segundo lugar, também a altura baixa pode ser uma afronta ao ambiente de recolhimento do românico, marcado pela colocação das frestas bem acima dos olhares. Se o vão poente estaria isento desta questão, já que não é visível da nave, deveriam os restantes ser alteados de maneira a encontrem a lógica existente na igreja, num acerto progressivo. Forma-se, assim, um percurso que culmina na descoberta daquele vão baixo que, pela sua singularidade na igreja, pode agora propor um novo recolhimento, redireccionando o corpo para uma posição “assim inclinada”, com “os pés por terra e a cabeça entre as mãos (...) para meditar, para pensar”³⁹.

“Alguns lugares oferecem assentos mais baixos do que o habitual, criando assim uma postura inusitada e interessante: cria-se uma atitude de confiança entre o fiel e o confessor.”⁴⁰

A última inconveniência está relacionada com a posição das pessoas e dos móveis no espaço. Repare-se que os vãos baixos entram em conflito com a acomodação do corpo, ou do mobiliário, ficando também o efeito da luz obstruído por estas presenças. Tornava-se evidente a necessidade de montar o cenário⁴¹, coordenando as alturas dos vãos, ao abrigo das colocações dos intervenientes que na peça ritual actuam. Também Siza, enquanto dava corpo aos elementos - alguns deles de mobiliário -, que viriam a compor o altar da igreja do Marco, “no respeito pelos movimentos pré-estabelecidos, da missa”⁴², apercebeu-se que a igreja adquiriria a “forma como uma escultura em

37 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 159

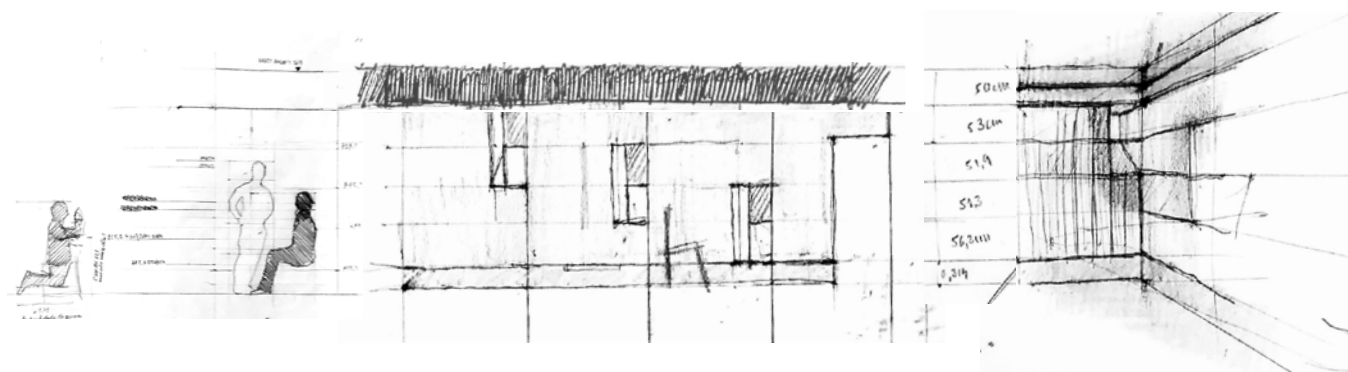
38 “...uma parede furada de portas e de janelas; esses buracos são amiúde destruidores de formas” em LE CORBUSIER; “Por uma arquitectura”; Perspectiva; 1998; p. 21

39 Posição do corpo que Eduardo Souto Moura imagina para a capela que projectou no âmbito da Bienal de Arquitectura de Veneza. Transcrição livre da entrevista ao arquitecto, por Fátima Campos Ferreira, no programa “Primeira Pessoa”, episódio 2, transmitido pela RTP a 26/10/2020.

40 Tradução livre de SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; “Le corps et les mots”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 12

41 “O arquitecto é uma espécie de produtor teatral, o homem que planeia os cenários. Quando as intenções são bem sucedidas, é como o perfeito anfitrião que proporciona todo o conforto aos seus hóspedes...” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 11

42 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p.56



[13] 'Corpos, móveis e luz' no confessionário de Meinedo
Desenhos e maquete do autor



[14] ‘Móveis, luz e cor’ no confessionário de Meinedo
Desenhos do autor

negativo”⁴³.

“O desenho de mobiliário, por exemplo, não pode abstrair-se da concepção do espaço a que pertence (...) Existe portanto uma relação, e em conjunto uma clarificação recíprocas, definidas por dois extremos”⁴⁴

Assim, no projecto de Meinedo: a janela a poente - rasante ao chão -, servindo como meta do olhar, induz a posição inclinada de recolhimento; o vão a Sul - de altura intermédia -, deixando uma folga para o encosto do sacerdote, oferece-lhe uma luz de leitura para as horas vagas; já o vão a nascente - rasante ao tecto -, cria abaixo um recanto mais sombrio, tão adequado para a discríção do penitente, onde “a face é envolvida pela escuridão, como um objecto precioso sobre uma superfície de veludo escuro”⁴⁵.

“De manhã, quando o sol renasce e ilumina as coisas (...) tenho a sensação que existe algo maior que eu não percebo. (...) E o facto de o arquitecto dispor desta luz é mil vezes melhor que a luz artificial”⁴⁶

É compreensível que, havendo a possibilidade de luz natural no projecto, o tema da luz artificial seja secundarizado. O professor Rasmussen (em “Experiencing Architecture”) intitula o capítulo sobre a luz - descartando a artificial - de “luz do dia em arquitectura”⁴⁷, enaltecendo a sua constante imprevisibilidade em intensidade, cor e temperatura, e a sua impossível manipulação. O facto do arquitecto não ter controlo sobre a luz natural contribuirá para que Peter Zumthor lhe atribua um valor transcendental.

Não se poderá negar, contudo, a comodidade da luz artificial no confessionário como garantia da extensão do uso para a noite e enquanto complemento à rebeldia da luz natural. Sobre este último, note-se como muitos edifícios agregam a iluminação artificial às clarabóias, reforçando a luz do dia e promovendo uma constância, que é tão conveniente numa biblioteca ou num espaço de exposições. No entanto, surge, simultaneamente, uma alienação do tempo, recurso do qual também os centros comerciais tirarão bastante proveito, dando um renovado sentido àquela máxima de que o ‘tempo é dinheiro’. No confessionário de Meinedo, onde o som dos sinos e a variação da incidência de luz ao longo do dia convida à leitura do tempo, seria incoerente a incorporação da iluminação artificial nos vãos, perdendo-se, por homogeneização, a intermitência e surpresa que remete para o transcendente.

Parecia melhor, por isso, desassociar a iluminação, mesmo com o prejuízo de, à noite, os vãos se tornarem nos momentos mais escuros do confessionário. Não deve ser confundida, porém, esta transformação do espaço com uma inversão de valores. Repare-se que sobre a sanca da igreja de Meinedo foram recentemente colocadas umas fitas LED que, com intensidade, iluminam uma zona que estaria em sombra, propiciando a impressão de que as paredes, ainda que de granito, são supérfluas para o sustento do tecto e da cobertura. Neste caso, não se trata de uma procura por diferenciar, ou conviver com a diferença,

43 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p.56

44 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p.131

45 PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011; p. 54

46 ZUMTHOR, Peter; “Atmosferas. Entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam”; trad. Astrud Grabow; Gustavo Gili; 2006; p. 63

47 Título do capítulo 8 do livro “Viver a Arquitectura” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007



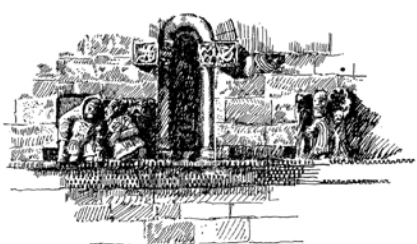
[15] Dormitório dos monges, no Mosteiro de Alcobaça

da noite e do dia, mas por um gosto em banhar de luz precisamente o contrário - o que cria “imediatamente uma atmosfera de encantamento e irreabilidade”⁴⁸ -, e, porventura, de dar ao observador um espectáculo no qual a luz - enquanto luz própria e não de leitura - se constitui como seu protagonista. Ao invés de integração e colaboração, trata-se, como diria Távora, de uma pura ocupação do espaço, ditada pela “barbárie do especialismo”⁴⁹ e resultando num somatório de egos.⁵⁰ A recente aparição de expressões como ‘lightning design’ e ‘designer de luz’ atesta um desejo de autonomia e um grau de amor-próprio preocupantes, tendo em conta a influência na percepção do espaço. Concordará o leitor que se tinta correctora for aplicada sobre as linhas de um livro perder-se-à, por completo, a sua leitura.

arquitectura paralela

“O confessionário ‘borromeano’ tende a enfatizar uma corporeidade penitencial (...) à meia-luz, ele sussurra, a face contra o crucifixo (...) No entanto, o novo ritual torna possível redistribuir uma diversidade de expressões corporais. Há aqui uma aposta que é ao mesmo tempo pastoral, psicológica e espiritual”⁵¹

A relação lateral entre os corpos, na qual o penitente fala justamente ao ouvido do sacerdote - consagrada no modelo de confessionário proposto por S. Carlos Borromeu -, é, na verdade, uma consequência clara da deficiência das estruturas abertas e colocadas nas naves em estancar o som. É curioso pensar que também a insistência das artes na representação do sacramento sob esta forma - e que a escultura do friso da igreja românica de Murbach em França é um dos inúmeros exemplos -, pode ser justificada pela incapacidade acústica da própria pintura e da escultura. Libertos desta disposição fotogénica e escultural, o frente-a-frente, tanta vezes adoptado nos espaços contemporâneos da confissão, pode, no entanto, tornar o momento embaraçoso e pôr em causa a honestidade necessária para a validade do sacramento⁵². Concluía o arquitecto Patrick Quinn⁵³, quando em 1967 projectava a igreja de Chico na Califórnia, que o frente-a-frente torna a “relação difícil para os tímidos, sobretudo se o padre for desconhecido”⁵⁴. Talvez por essa razão seja comum, nesses casos,



Da relação lateral da confissão

[16] (em cima) Escultura de 1134 do friso da igreja românica de Murbach em França

[17] (em baixo) Escultura de 1200 no portal da Basílica da Natividade de Nossa Senhora (Alte Kapelle) em Ratisbona

Desenhos de Wilhelm Schlombs

48 “Antigamente, a luz que incidia sobre os actores vinha de baixo (...). Essa espécie de iluminação tornou-se uma convenção no teatro, e quando as luzes da ribalta eram acesas, criavam imediatamente uma atmosfera de encantamento e irreabilidade que é próprio do mundo do palco” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 160

49 GASSET, José Ortega y; “La rebelion de las massas”; Madrid; 1943; p. 127-135; citado em TÁVORA, Fernando; “Da Organização do Espaço”; FAUP Publicações; (1ª Edição 1962) 2006; p. 21

50 TÁVORA, Fernando; “Da Organização do Espaço”; FAUP Publicações; (1ª Edição 1962) 2006; p. 21

51 Tradução livre de SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; “Le corps et les mots”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 12

52 “Quando os fiéis se esforçam por confessar todos os pecados de que se lembram, não se pode duvidar de que os apresentam todos ao perdão da misericórdia divina. Os que procedem de modo diverso, e conscientemente ocultam alguns, não se apresentam à bondade divina nada que ela possa perdoar por intermédio do sacerdote. Porque, “se o doente tem vergonha de descobrir a sua ferida ao médico, a medicina não pode curar o que ignora” em “Catecismo da Igreja Católica”; Libreria Editrice Vaticana; 1992; cânone n.º 1456

53 Patrick Quinn (1931), arquitecto americano

54 Frase anotada por Patrick Quinn para descrever a desvantagem do sacramento da confissão sob a forma de frente-a-frente. Encontra-se inserida num conjunto de esquemas preparatórios que o arquitecto desenvolveu a propósito do seu projecto para a igreja de Chico, na Califórnia. Em DEBUYST, Frédéric; “Quels lieux pour la réconciliation?”, publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 13

a presença de uma mesa na mediação dos intervenientes, assegurando uma distância de segurança⁵⁵. Posto isto, parece ser a posição diagonal - que se adopta espontaneamente numa conversa de café - a mais vantajosa, já que possibilita a alternância entre o olhar para o outro e o olhar para um qualquer motivo alheio, sem que isso ocasione a sensação de que o teor da conversa não é relevante o suficiente.

“O importante é cada uma delas poder olhar para outro lado, ou seja, não para o outro (o que pode ser embaraçoso para cada um deles)”⁵⁶.

O interesse em estabelecer em Meinedo uma relação diagonal entre os intervenientes conduziu ao ensaio da planta circular. Contrariamente ao que se previa - dada a carência de ângulos rectos⁵⁷ -, o acto de mobilar, necessário na garantia das posições, tornava-se natural, observando-se a eficácia da forma côncava no agradável contacto com as costas ou com as cadeiras. Repare-se como as cadeiras, por razões de conforto, patenteiam muitas vezes a forma côncava. Era como se do próprio móvel, paralelo à anatomia, surgisse a arquitectura.

No entanto, a curva apertada - ocasionada pelo diâmetro máximo na torre - provoca uma sensação de fuga para a porta, como se o espaço nunca se chegasse a individualizar. Não será por acaso que no novo confessionário de planta circular, projectado recentemente pelo atelier ‘Löffler Weber’ para a igreja de 1955 de St. Augustinus em Munique, a porta se encontra voltada para uma parede e não para o espaço da igreja. Além do mais, a supressão dos cantos da torre de Meinedo, implicaria também a perda de úteis pausas do olhar e da impressão de esconderijos resguardados da igreja.

“Em nossos lares temos esconderijos e cantinhos nos quais gostamos de nos aconchegar com conforto. Aconchegar-se pertence à fenomenologia do verbo habitar, e somente aqueles que aprendem a fazê-lo conseguem habitar com intensidade”⁵⁸

Prescindido-se da planta circular, não se abdica necessariamente da posição diagonal. Repare-se como duas pessoas sentadas num banco comprido muito provavelmente rodam os troncos, ainda que ligeiramente, para que possam conversar. Certamente que estas questões desvanecem, ou no limite nem se colocam, no caso em que seja imaginado mobiliário solto.

“Em cada confessionário haja (...) a cadeira para o celebrante, a grade com possibilidade também para o colóquio directo, o genuflexório, e o assento para o penitente”⁵⁹

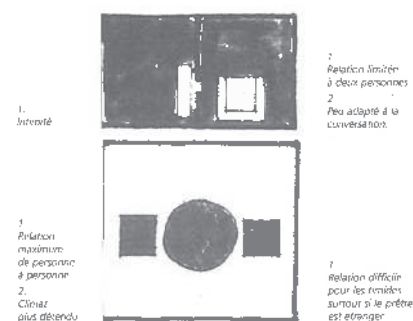
55 “Uma mesa de centro pode estabelecer um vínculo entre as duas pessoas, mantendo uma certa distância física”. Tradução livre de SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; “Le corps et les mots”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 12

56 Tradução livre de RENAUD-CHAMSKA, Isabelle; “Un projet de Jean Cosse”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 23

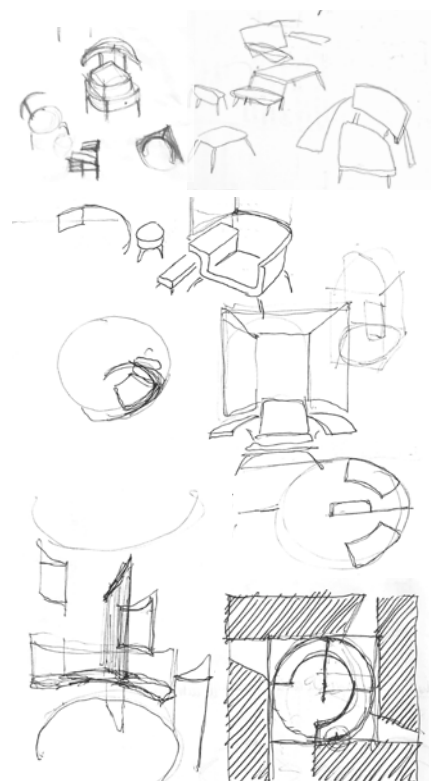
57 Frank Loyd Wright “...criou muitas composições completamente simétricas e outras em que abandonou a simetria e o ângulo recto em favor de triângulos e hexágonos, ou de formas inteiramente redondas. Isso pode facilmente tornar-se algo forçado, uma espécie de artificialismo, como na Hannah House, em Palo Alto, onde não só a garagem, feita para alojar automóveis rectangulares, mas também a cama do casal foram formadas como rombóides com ângulos de 60 e 120 graus” em *experienc* p 126

58 BACHELARD, Gaston; citado PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011; p. 55

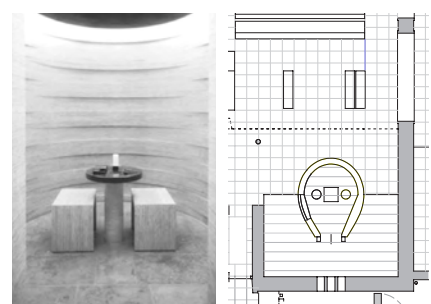
59 “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p. 44



[18] Esquema comparativo das posições ‘lateral’ e ‘frente-a-frente’ no confessionário. Desenhos e comentários do arquitecto Patrick Quinn, elaborados a propósito do projecto de 1967 da igreja de Chico na Califórnia



[19] Confessionário circular em Meinedo. Relação diagonal entre os corpos. Desenhos do autor

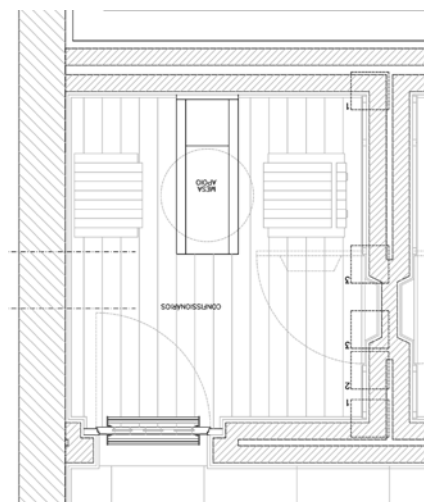


[20] Novo confessionário da igreja de St. Augustinus em Munique, projectado em 2016 pelo atelier ‘Löffler Weber’

Viu-se, até aqui, as questões concernes à relação entre os dois intervenientes no espaço, mais concretamente ao ângulo, medido em planta, por eles formado. Não se abordou, ainda, as possibilidades que o novo ritual ofereceu especificamente ao penitente. Note-se que os documentos orientadores⁶⁰, criados pelas conferências episcopais na sequência do Concílio Vaticano II, recomendam, para além do assento do sacerdote, a existência de um assento e um genuflexório para o penitente, de uma grade que permita a sua discrição e, ainda, a possibilidade de prescindir dela para um colóquio sem barreiras. Ora, destes elementos, aparentemente de mobiliário, resultam quatro possibilidades para o confessando - o ‘**sentado resguardado**’, o ‘**sentado exposto**’, o ‘**ajoelhado resguardado**’ e o ‘**ajoelhado exposto**’⁶¹ -, representando estas directrizes não só uma sensibilidade a um grau de liberdade concedido ao penitente - próprio da estrutura personalista do sacramento -, como também um desafio de difícil conciliação para o projectista.

A dificuldade em dar resposta, ou o entusiasmo pela nova forma de diálogo, justifica a ausência da grade em muitas respostas contemporâneas, com claras consequências na garantia do anonimato⁶². Uma outra solução comum neste tempo pós-conciliar é aquela que, querendo sintetizar o desafio, redu-lo para apenas duas hipóteses: o ‘ajoelhado resguardado’ - a posição tradicional - e o ‘sentado exposto’ - que marca a novidade do diálogo. Não promovendo as outras também lícitas hipóteses, trata-se de uma resposta estereotipada e simplista. Em bom rigor, e para bem de uma maior e melhor participação dos fiéis, deve o projecto do confessionário ser capaz de integrar todas as posições.

Este desafio é claramente aceite por Manuel Abreu Lima⁶³ quando em 2002 concebe a nova igreja paroquial de Santo Ovídio. A resposta do arquitecto passou por rodear o lugar do sacerdote com elementos fixos e móveis, destacando-se o painel que se desdobra da parede e que possibilita a escolha pela discrição. Mas se todas as formas são oferecidas ao penitente, note-se como também lhe é atribuída a tarefa de modificar o espaço. Ainda que a manipulação destes mecanismos seja intuitiva, a tarefa torna-se árdua para um simples visitante, especialmente se existir algum constrangimento com a ideia de vir a admitir os seus pecados. Na verdade, pode um determinado estado de espírito⁶⁴ transformar algo que é leve e manobrável em algo pesado e imóvel, podendo não se concretizar, por isso, as boas intenções do arquitecto.



[21] Confessionário da igreja paroquial de Santo Ovídio, em Gaia, projectada em 2002 por Manuel Abreu Lima
Planta e fotografia cedidas por Manuel Abreu Lima

60 Utilizam-se os documentos orientadores, já que o Código de Direito Canónico, promulgado em 1983 pelo Papa João Paulo II, concede liberdade às conferências episcopais para estabelecerem as normas respeitantes ao lugar da confissão. Tratam-se de documentos orientadores para a concepção de espaços litúrgicos. Em 1988, a Conferência Episcopal Alemã publica um documento, traduzido em 2005 para português como “Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos” e frequentemente citado ou referenciado por Klemens Richter em “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva” de 1988. Em 1996, Conferência Episcopal Italiana publica “L’adeguamento delle chiese secondo la riforma liturgica” que foi imediatamente aprovado e adoptado pela Conferência Episcopal Portuguesa.

61 Expressões criadas no âmbito da presente dissertação

62 Existe, sem dúvida, nos arranjos contemporâneos, uma qualidade de discrição que deve ser recuperada: trata-se de garantir a forma de anonimato que pode ser procurada” Tradução livre de SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; “Le corps et les mots”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 13

63 Manuel Abreu Lima (1955), arquitecto português

64 “Depende também do estado de espírito em que se estiver nesse momento” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 31 | “o mobiliário deve dar confiança a quem se aproxima” Tradução livre de SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; “Le corps et les mots”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 12

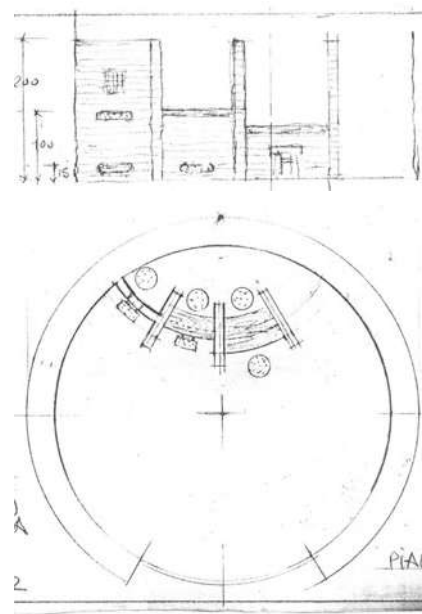
“O arquitecto é uma espécie de produtor teatral (...). Mas o trabalho de produtor é difícil por várias razões. Em primeiro lugar, os actores são pessoas comuns. Ele deve estar consciente do seu modo natural de actuar; caso contrário o resultado será um completo fiasco.”⁶⁵

De uma outra forma, seguramente inteirado de que “o mobiliário deve dar confiança a quem se aproxima”⁶⁶, tenta o arquitecto Julio Lafuente no projecto para o santuário de Colvalenza. Durante o processo, procurou retirar da responsabilidade do penitente os ajustes no espaço, exigindo-lhe a simples tarefa de escolher o posicionamento que mais lhe fosse conveniente. Todavia, é claro nos seus desenhos uma excessiva replicação de elementos - sem espaço na torre de Meinedo - que nunca serão usados ao mesmo tempo, e, também, uma eventual contradição com o acolhimento personalista, acabado o penitente por ser confrontado com todas as opções rejeitadas em prol daquela por ele escolhida. Não passando do papel, Lafuente acabaria por optar por uma configuração tradicional que, não sendo tão interessante para o presente estudo, permitiu-lhe colocar tantos confessionários quanto cabiam naquele mesmo espaço.

“... na igreja, alguns lugares ou sinais (...) são únicos: não devem ser nem ignorados, nem repetidos”⁶⁷

Ainda sobre as quatro posturas enunciadas, urge esclarecer que embora sejam todas lícitas, não são totalmente equivalentes, devendo existir uma sequência para que o seu sentido não se perca. Repare-se que de nada adianta àquele que se quer resguardar se a barreira - o “diafragma protector”⁶⁸ - for um elemento que se coloca posteriormente ou que não resguarde o momento de entrada no espaço, o que, na maioria dos casos, confere ao diafragma um sentido caricatural. Isto leva, antes de mais, a posicionar o lugar de sacerdote de Meinedo no canto oposto ao da entrada no confessionário, escondido por detrás do eventual separador.

Apesar das tentativas de integrar o separador numa outra peça de mobiliário, foi óbvio que, para dar sentido ao anonimato e dar vazão à variedade das posições, deveria ele ser um mecanismo autónomo que atravessasse toda a largura do espaço. O desejo de, com isso, não anular o efeito lumínico do confessionário conduziu à ideia de um painel de tecido translúcido colocado no meio do espaço e procurando não se encostar, tanto quanto possível, às paredes e ao tecto. Se o descolamento permite que a luz lateral possa seguir o seu curso nas superfícies do espaço, também o tecido parece tirar algum proveito da luz. Isto porque, um mesmo tecido pode tornar-se mais ou menos opaco consoante o efeito de luz que se lhe é empregue. Note-se como o penitente, estabelecido no lado mais sombrio, consegue ter uma maior percepção do espaço, vendo para além dos vazios da malha, e o sacerdote, do lado mais luminoso observa apenas os fios - os cheios -



[22] Confessionário(s) do santuário do Amor Misericordioso em Colvalenza, projectado por Julio Lafuente
Desenhos de processo de Julio Lafuente, cedidos por Clara Lafuente



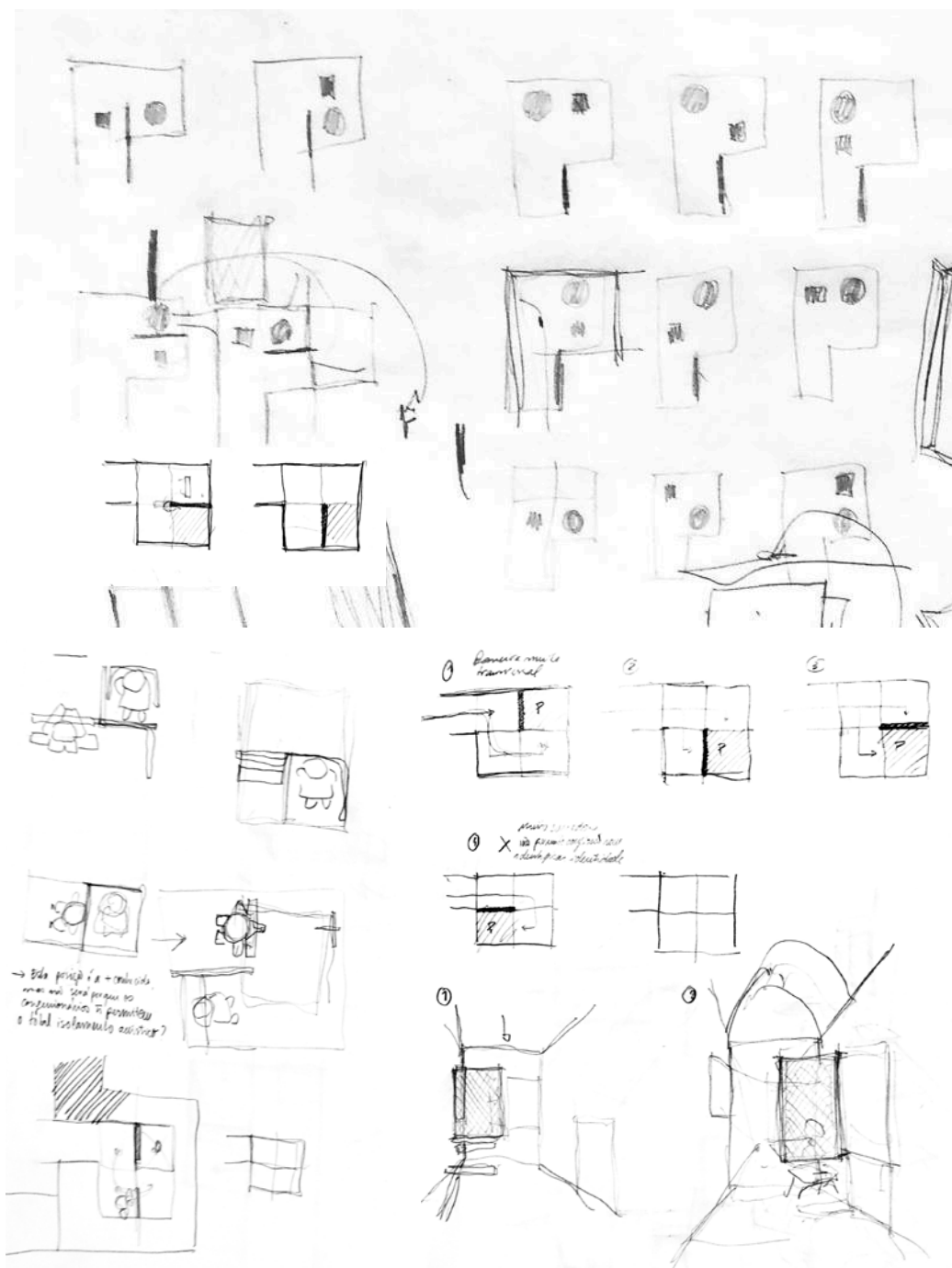
[23] Confessionário da igreja do Colégio Apostólico dos Padres Dominicanos em Valladolid, projectado por Miguel Fisac em 1952-53

65 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 11

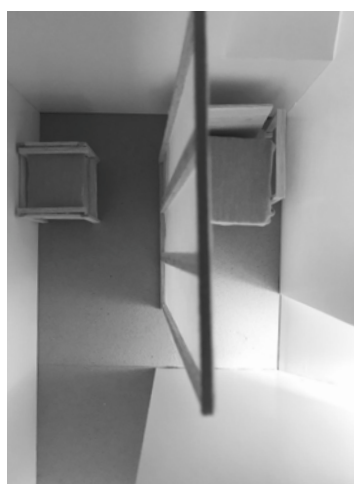
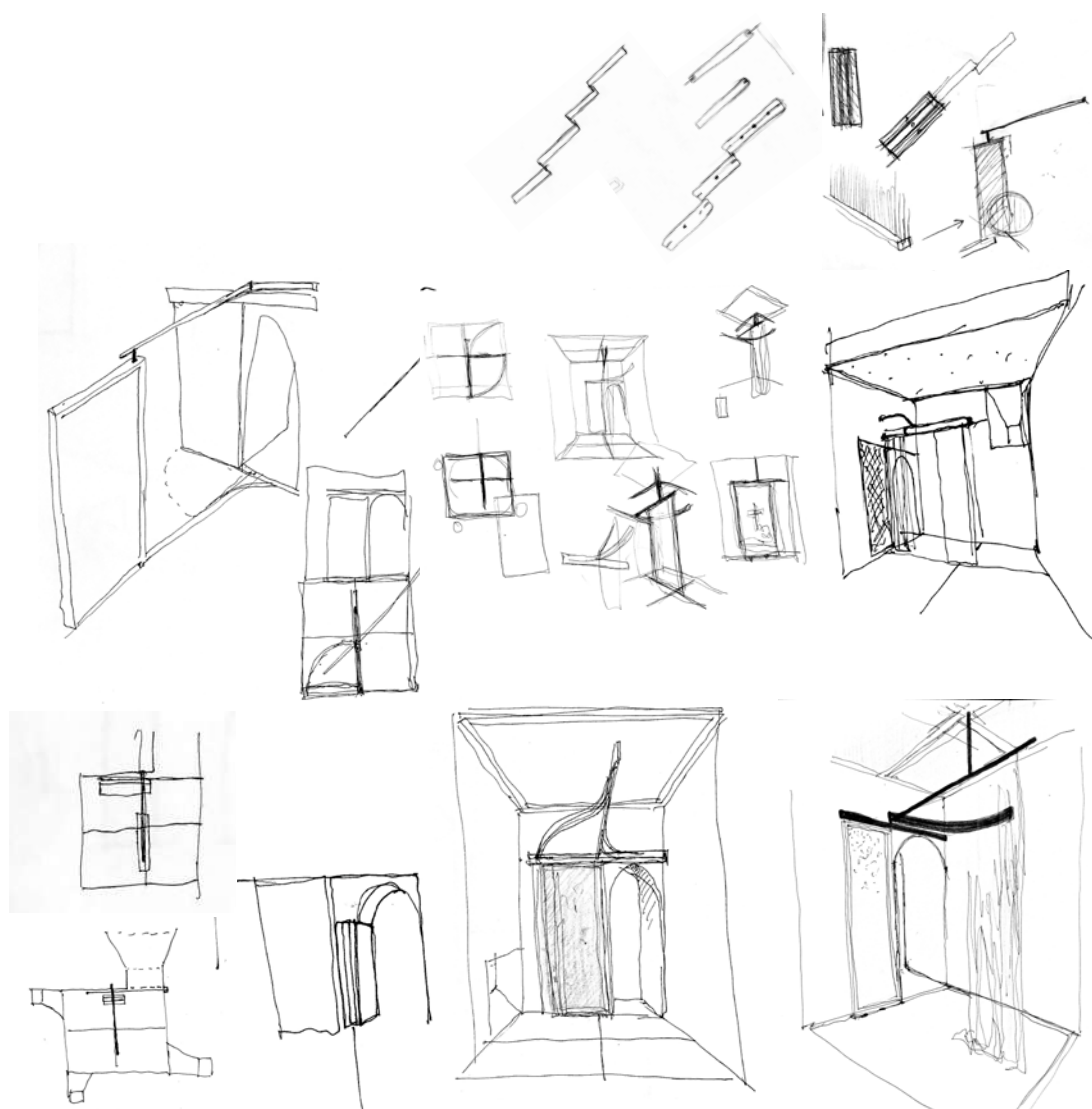
66 Tradução livre de SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; “Le corps et les mots”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007; p. 12

67 “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018; p. 42

68 Tradução livre de expressão utilizada pelo beato Paulo VI na audiência geral de 3 de Abril de 1974, (disponível em https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1974/documents/hf_p-vi_aud_19740403.html)



[24] Estudo das relações entre os intervenientes no confessionalário de Meinedo
Desenhos do autor



[25] Estudos do separador (e arrumação) do confessionário de Meinedo
Desenhos do autor



[26] Confessionário de igreja católica em Qin Zhou na China

do tecido, resguardando-se assim, o anonimato do penitente. Sucederam-se tentativas para que o painel se pudesse arrumar de forma intuitiva no vão da porta ou rebater para uma parede. De facto, apesar da transparência, tratava-se de um estorvo hirto no espaço, sujeito aos encontrões, e um obstáculo para a imposição das mãos pelo sacerdote - gesto litúrgico que caracteriza o sacramento, mas que foi sendo obscurecido por detrás dos separadores.⁶⁹ Assim, reclamava o projecto que o painel fosse reduzido a uma cortina, de toque agradável e manipulação intuitiva e cuja arrumação, no caso de não ser necessário o anonimato, não anulasse as suas vantagens acústicas. Fechada, ela torna-se num elemento vertical que participa no espaço, como um pilar, mas suspenso, com o mesmo sistema com que foram suspensos os sinos do piso superior.

“... MÓVEIS (...). Não são imagens mas presenças, e sobretudo exercícios de raciocínio, e daí de desenho com a ideia de melhorar a nossa relação com o mundo, tornando-o mais habitável...”⁷⁰

Para o posto do penitente, é exigido um assento e um genuflexório. Porque se tratam de duas presenças, com alguma desenvoltura num pequeno espaço, procurou-se reduzir os seus formatos ao essencial: um banco e um ‘repousa Joelhos’ ou uma almofada no chão. Contudo, percebe-se que a essência do genuflexório não pode prescindir do apoio de braços, tão conveniente para o equilíbrio do corpo. Repare-se que na solução de Manuel Abreu Lima, o ‘repousa Joelhos’ aparentemente solto apresenta o apoio de braços associado ao painel, o que na verdade vincula mais a relação dos intervenientes do que um genuflexório, que pode experimentar as variações no espaço em torno do sacerdote.

Um dado relevante é que o banco e o genuflexório nunca serão usados em simultâneo, o que abre a possibilidade da agregação destes dois elementos. Existem já cadeiras com genuflexório, nas quais o encosto é também o apoio de braços, como se vê nos bancos corridos da maioria das igrejas, ou na cadeira, aparentemente autónoma, que Siza desenha para a igreja do Marco. Contudo, elas destinam-se ao uso simultâneo das duas funções, o que se revela ineficaz a propósito do sacramento individual, já que obrigaria, por exemplo, o penitente ajoelhado a distanciar-se do sacerdote à custa da profundidade do assento. Curiosamente, os exemplos em que o uso é assíncrono, a dupla função implica também uma dupla orientação. Nesses casos, torna-se necessário, com alguma ousadia, rodar o móvel. É neste espírito, ditado pelo problema em mãos, que se desenha um assento com genuflexório, de igual orientação e de uso assíncrono - solução aparentemente original.

“...quando o arquitecto foi inspirado por algo no problema, cuja solução dará ao edifício um cunho distinto”⁷¹

Já sobre o assento do padre, em muitos exemplos ele surge igual ao



[27] ‘Cadeira-genuflexório’ para a igreja do Marco, projectada em 1996 por Álvaro Siza

69 “Deve haver a possibilidade (...) para os gestos litúrgicos, a imposição das mãos - (...) praticamente impossíveis no confessionário tradicional” em RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; trad. Vítor Coutinho; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998; p. 112

70 LOPES, Nuno Lacerda; “Design de mobiliário”; Transnética; 2000; em texto “Do PENSAMENTO e do desenho. Algumas ideias de uma conversa por acabar”

71 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 28



[28] Estudos do 'banco-genuflexório' para a igreja de Meinedo
Desenhos e maquetes do autor

do penitente, promovendo a ideia da reciprocidade no diálogo. Contudo, estabelecer a diferença no projecto tornava-se conveniente. Desde logo, porque a distinção, por si só, dá sinal dos diferentes destinatários. Depois, tanto a expectável ocupação prolongada no espaço como a atitude predominantemente de escuta do sacerdote obrigam a uma particular atenção às questões da comodidade. Repare-se como durante o acto da fala, o penitente, entretido por outras sensações e preocupações, não será tão escrupuloso na avaliação do grau de conforto e o mesmo não poderá ser dito acerca da atitude passiva em que os sentidos, especialmente a audição, estão em modo de espera. Isto explica porque é que um orador aguenta permanecer de pé durante o tempo que durar uma apresentação e porque é que tal posição poderia ser um absurdo para a plateia que o observa.

Neste sentido, procura-se que o móvel do sacerdote - paralelo ao corpo - obtenha tantos membros quantos são possíveis: pernas, costas e braços. Seria útil oferecer-lhe uma mesa para as horas vagas, que se desdobrasse da parede, ou da própria cadeira, mas o receio de sobrepovoar o espaço ou de o tornar num “simples escritório administrativo”⁷² ou “numa espécie de anexo algo heterogéneo, meio ofício, meio sacristia”⁷³ - que, aliás, é recorrente servir como lugar da confissão, ficando apenas disponível para aqueles que lhe reconheçam tal função -, motivou o estudo da função no próprio corpo. Assim, cadeira do sacerdote é ligeiramente mais baixa para que os joelhos, alteados, possam dar suporte a um livro e a não existência da mesa indica que nada no espaço será mais importante do que a acção sacramental.

Não sendo possível, na presente dissertação, “uma ligação muito estreita entre o desenho e a produção”⁷⁴ e o “contacto com o artesão ou um carpinteiro”⁷⁵, a concepção dos móveis aguarda uma revisita, para que o exercício proceda verdadeiramente de uma compreensão das limitações e potencialidades.

ponto de encontro

É a necessidade de conter o som e a conveniência em permitir o encerramento do espaço⁷⁶ que determinam a integração de uma porta, como limite derradeiro, na mediação dos espaços.

Num primeiro momento, imaginando-se um plano apostado à preexistência, tal como uma segunda pele, parecia a porta estar condenada a apenas duas hipóteses de posicionamento: na face do espaço da confissão ou na face da nave. Contudo, no caso em que se trabalha sobre um vão profundo, o aparente dilema, fabricado pelo desejo de não criar compromissos no miolo da parede, torna evidente a habilidade da porta em conceder o domínio - ao



[29] Estudos para a cadeira do sacerdote do confessionário de Meinedo
Desenhos e maquetes do autor

72 “...as instalações devem ser suficientemente bonitas para proporcionar um clima diferente do de um simples escritório administrativo” Tradução livre de CHAUVET, Louis-Marie; “Accueil et réconciliation”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 17

73 Tradução livre de DEBUYST, Frédéric; “Quels lieux pour la réconciliation?”, publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 13

74 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p. 137

75 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p. 137

76 S. Carlos Borromeu advertia para a necessidade de fechar o espaço fora do uso litúrgico: “Poderá, todavia, ter, sobretudo nas igrejas mais frequentadas, uma porta gradeada ou um portão de madeira (...) munidos de fechadura e chave, de modo que não se possam sentar nem dormir os ociosos, com irreverência para o ministério que lá é realizado.” Tradução livre de BORROMEI, Caroli; “Instructionum Fabricæ Et Supellectilis Ecclesiasticæ”; Livro II; trad. Massimo Marinelli; Libreria Editrice Vaticana; (1ª Edição 1577) 2000; p. 113

confessionário ou à nave - do nicho sobranceiro.

“Uma porta revela a possibilidade de entrar num ambiente reservado e, ao mesmo tempo, o propósito de assegurar um território de intimidade”⁷⁷

Esta questão parece importar num projecto que trabalha com áreas tão exíguas. Na verdade, a porta justaposta do lado da nave cede área que é útil para o confessionário, promovendo inclusivamente uma entrada menos precipitada no espaço. No entanto, verifica-se também que, no caso do nicho ser oferecido à nave, para além de abrigar o momento de manuseio da porta - “o aperto de mão”⁷⁸ -, possibilita um acerto que possa vir a acautelar as divergências de escala entre os espaços. É assim, ao persistirem as vantagens na revelação dos nichos de ambos os lados, que a porta vai admitindo posições intermédias no vão, domesticando-se, por essa via, uma radicalidade inicial, porventura preguiçosa, disfarçada de respeito e reversibilidade. A posição intermédia da porta consegue ainda aproximar os espaços, ao anular a autonomia espacial do acesso, evitando-se o corredor ou o túnel.

“Nós precisamos de estádios, mas eu só percebi isso mais tarde. Quando se é novo é se radical. (...) Depois, comecei a perceber que não havia nuances nas casas que eu fazia”⁷⁹

Apesar de tentativas em contrário, o nicho de acesso ao confessionário deveria descolar-se - ainda que por pouco - do canto da igreja. Abrindo-se o canto da nave, dar-se-ia a ilusão de que as paredes são planos que se estendem, perdendo-se a leitura da forma estável - o pouco que resiste do românico - e a impressão de peso, como também tal deslize entre espaços não se coaduna com o espírito do sacramento, envolto numa certa timidez⁸⁰, a que projecto procura ser sensível. Mas, do lado da confissão, a abertura do canto não seria um problema, já que estaria em conformidade não só com o posicionamento escolhido para os janelas, como também com o sentido de saída da confissão que deve escorrer para a eucaristia, despoletando um sentimento de leveza⁸¹. Assim, a forma do vão assume-se como o toque que medeia e calibra as duas realidades e escalas distintas.

“Não se pode simplesmente dizer, grande é mau, falta a escala humana. (...) não é assim tão simples. (...) O fazer para mim individualmente ou para mim inserido num grupo é uma história bastante diferente.”⁸²

77 SIZA, Álvaro; “01 Textos”; Civilização Editora; 2009; p. 305

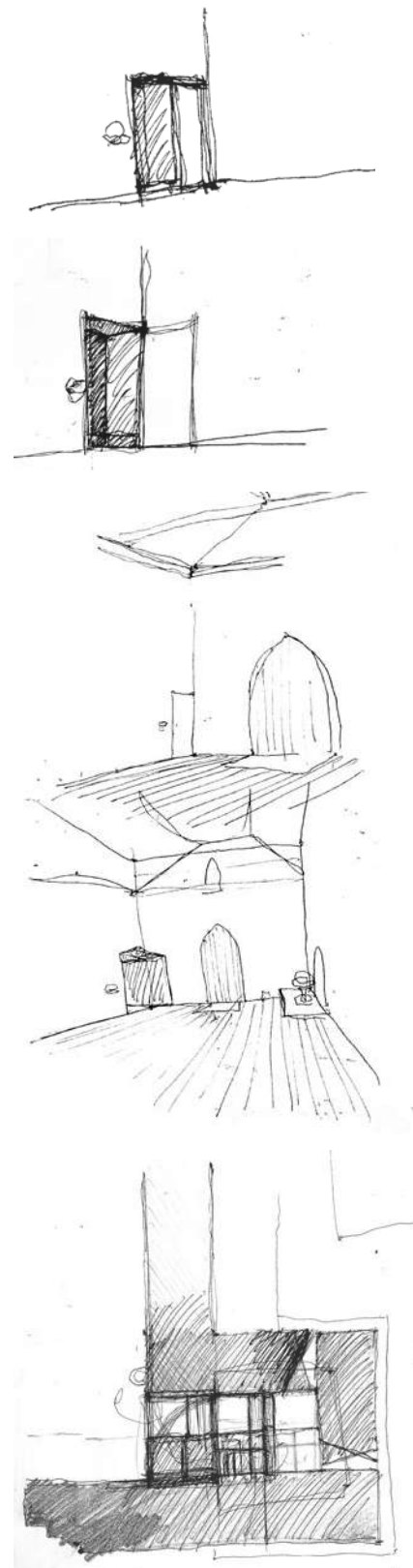
78 “A maçaneta da porta é o aperto de mão” em PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011; p. 53

79 Transcrição livre da entrevista a Eduardo Souto de Moura, por Fátima Campos Ferreira, no programa “Primeira Pessoa”, episódio 2, transmitido pela RTP a 26/10/2020.

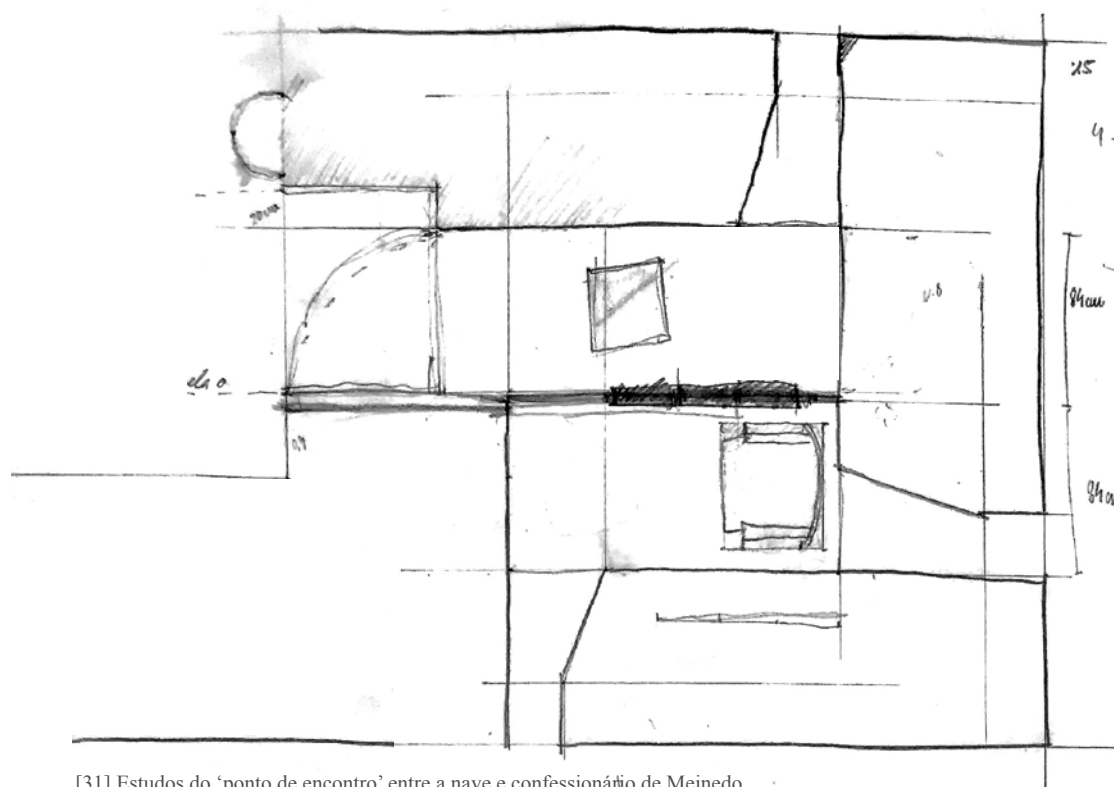
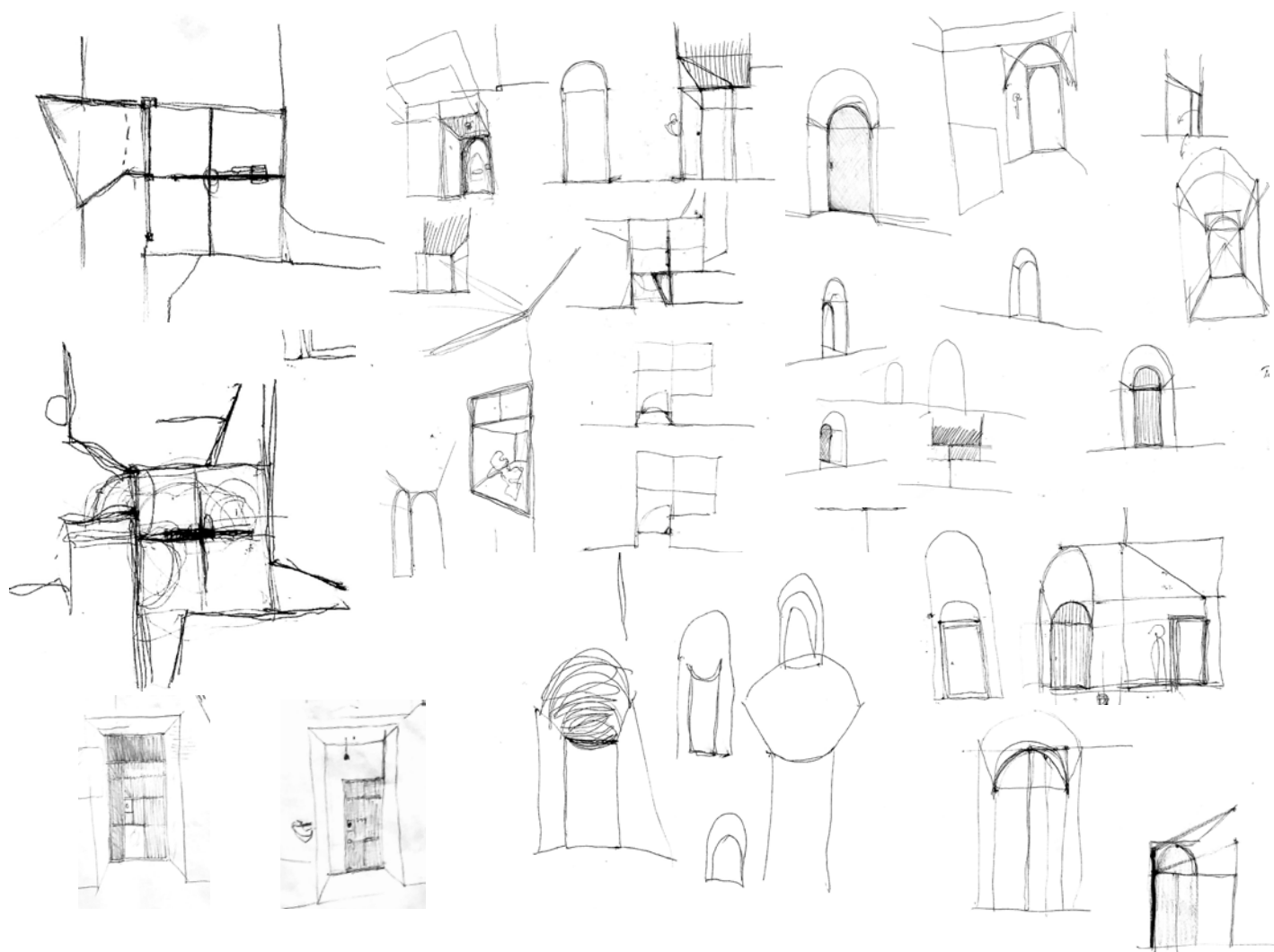
80 “Nem tribunal, nem divã psicanalítico: onde está o lugar cristão do encontro pessoal com um Deus misericordioso? E, acima de tudo, como é? Espontaneamente, podemos dizer que é tão acolhedor quanto discreto, ao mesmo tempo escuro e aberto à luz, anónimo mas pronto para encontrar alguém.” em PLATEAUX, Alain; “Quels lieux pour la réconciliation?”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p. 10

81 Do inquérito realizado por Luís Leitão, sobre o significado do sacramento da Reconciliação, destacam-se as respostas: “...momento em que tiramos todas as pedras da nossa mochila podendo andar agora mais facilmente e livremente” e “Para mim é uma maneira de nos sentirmos mais leves...”. Destaca-se, ainda, o relato de um sacerdote: “Tive a ocasião de experimentar a força libertadora e salvífica que o diálogo da confissão tinha...” em LEITÃO, Luís Manuel; “O sacramento da Reconciliação e a consciência de pecado”; dissertação para a obtenção do 1º grau canónico pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (sob a orientação do Prof. Dr. José Paulo Abreu); 2013; p. 166

82 ZUMTHOR, Peter; “Atmosferas. Entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam”; trad. Astrud Grabow; Gustavo Gili; 2006; p. 55



[30] Estudo da porta do confessionário de Meinedo ao canto da igreja
Desenhos do autor



[31] Estudos do 'ponto de encontro' entre a nave e confessionário de Meinedo
Desenhos e maquetes do autor

A escala não pode ser traduzida em valores fixos. Note-se como um bailarino ostenta uma escala que extravassa o próprio corpo e como entrar sozinho numa catedral poderá parecer fora de escala, quando, de imediato, não ocorre a imagem das tão densamente povoadas procissões solenes para as quais serve de moldura. Ora, não é de admirar que no caso dos confessionários, sabendo-se o número de pessoas e imaginando-se - ainda que com salvaguarda - a atitude e os movimentos no interior, as estratégias de acerto da escala ocorram com incomparável insistência do lado da nave. Repare-se, por exemplo, nos confessionários projectados entre 1671 e 1675⁸³ por Carlo Rainaldi⁸⁴ para a vasta nave da igreja de Gesù e Maria em Roma, onde a inserção dos pequenos alvéolos de madeira, - de dimensões tão literais ao corpo que se assemelham a caixões colocados na vertical - é possível graças à composição plástico-arquitectónica de mármore que se desenvolve acima, acabando o frontão por tocar no entablamento da nave.

Também em Meinedo, estabelecendo-se as dimensões mínimas razoáveis para o vão do lado do confessionário, o exercício de coordenação de escalas realiza-se, na verdade, do lado da nave, aonde pode adquirir altura e largura. Para esse nicho, ainda que o espírito interno do projecto sugerisse um remate em verga recta, o arco parecia estabelecer-se mais facilmente: em primeiro lugar, pela analogia com os vãos existentes da nave; em segundo por evitar a imposição, na parede rebocada, de uma linha horizontal marcada por arestas vivas e sombras profundas; em terceiro por se descomprometer, em parte, com o canto da nave, já que as linhas deixam, entretanto, de ser paralelas.

Note-se que todo este processo de afinação é possível graças à posição intermédia da porta, ao invés do plano apostado numa das faces. Desta opção, todavia, - tendo presente que uma porta embutida contrariaria o peso e o vigor estrutural da parede românica - remanesce a tarefa de desenhar uma porta com o comum sistema de batentes, ou pivotante, ainda que aparentemente reclame mais espaço para a abertura e não seja possível iludir-se a sua presença. Percebe-se, contudo, que os dissabores podem ser, tal como os arcobotantes de uma catedral⁸⁵, uma virtude.

Efectivamente, a coreografia prescrita por estes sistemas é mais natural, uma vez que a sua manipulação, tanto para abrir como para fechar, faz-se com um suave movimento do braço e mantendo-se o dispositivo próximo do corpo. Além disso, ainda que normalmente se atribuía uma poupança de espaço à porta de correr, repare-se como ela compromete o uso das paredes adjacentes, ao contrário da porta de batente que, em Meinedo, pode aninhar-se na profundidade nicho, reforçando, inclusivamente, o seu sentido de existir. Esta reciprocidade - entre a porta que reclama de espaço e o nicho que a pode albergar - existe já na igreja, nas duas passagens entre a sacristia e a capela-mor, não obstante a infelicidade da pormenorização escolhida.

Em memória da orientação eucarística do sacramento, abre-se a porta para o altar e não para a entrada. Curiosamente, trata-se do sentido de abertura contrário àquele eleito por Henri Matisse para a porta do confessionário da



[32] “Bailarina”
Fotografia de 1947 de Thomaz Farkas

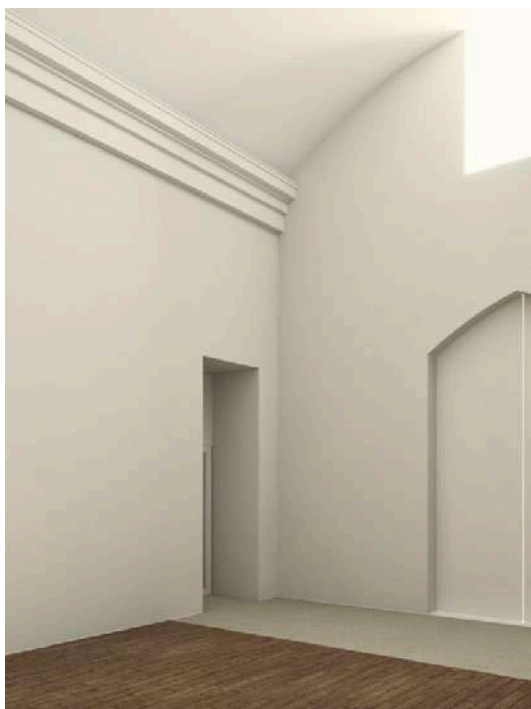


[33] Um dos confessionários da igreja de Gesù e Maria em Roma, projectados no séc. XVII por Carlo Rainaldi

83 BEDOGNI, Paolo; “Luoghi di riconciliazione. Il mestiere dell’architetto”; If Press; 2014; p. 65

84 Carlo Rainaldi (1611-1691), arquitecto italiano.

85 “E os construtores estavam, ao que parece, tão fascinados por esse problema puramente estrutural que fizeram da necessidade uma virtude e converteram os membros de sustentação numa rica composição de pilares, arcos e botaréis, embelezados com esculturas”, sobre a Catedral de Beauvais, RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 37



[34] Estudos do ‘ponto de encontro’ entre a nave e confessionário de Meinedo
Imagens do autor

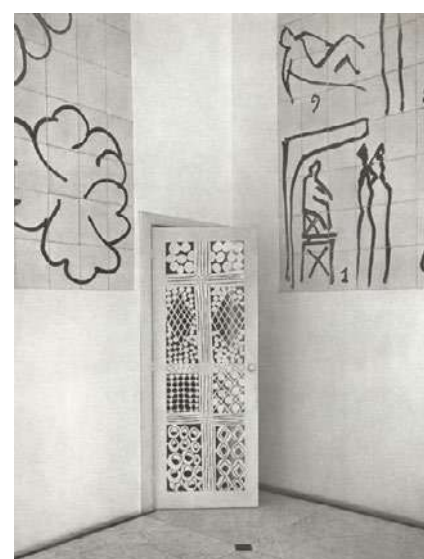
capela do Rosário, em Vence. O arquitecto, ciente do conforto emocional e da sensação de sigilo, fecha-a para o altar, formando um biombo, já que não dispunha, como recurso, da profundidade do vão de Meinedo.

pelo buraco da fechadura

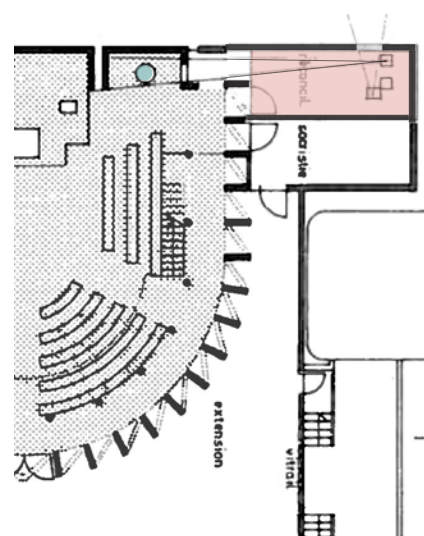
Ao contrário do que sucede com as aberturas do miolo da torre para o exterior, existem vantagens em permitir a conexão visual com a nave, sobretudo no decorrer da reconciliação sacramental. O arquitecto Jean Cosse⁸⁶ para o concurso da igreja de Notre-Dame-de-Pentecôte⁸⁷, criou, através do vidro, um enquadramento do interior da igreja, nomeadamente da pia baptismal, formulando um convite a lembrar o primeiro momento da remissão dos pecados. Mas, o mais interessante é, segundo a teóloga Isabelle Renaud-Chamska⁸⁸, a possibilidade do arquitecto fornecer um “escape visual”⁸⁹, que intercala o olhar directo e potencialmente embaraçoso entre os arguentes, e um conforto psicológico, decorrente do domínio visual sobre a entrada no espaço. Trata-se do que Fernando Távora entendia por “segurança emotiva”⁹⁰, aquela que, pela impressão causada, se torna real.

Também do lado da nave, espaço onde se aguarda o uso do sacramento, é conveniente ter a percepção da situação interior, evitando a sinalética de aviso por cores, tão apregoada pela regulamentação rodoviária, ou os televisores que habitualmente se encontram nos atendimentos presenciais ao cliente.⁹¹ Curiosamente, no Santuário do Padre Pio em San Giovanni Rotondo⁹² desenhado por Renzo Piano, onde se assiste a uma enorme vivência do sacramento da reconciliação, nas originais portas opacas dos confessionários foram mais tarde recortados vãos⁹³, pela altura do olhar, certamente para que o interior deixasse de ser incógnito.

Esta conveniência é pressentida por Siza, embora noutro contexto, ao desenhar pequenos óculos translúcidos nas portas dos auditórios da FAUP. Pelo contrário, no confessionário da igreja do Marco de Canaveses o arquitecto utiliza o vidro fosco para as portas. Diz-se ‘pelo contrário’, porque tal tipo de vidro não favorece a permeabilidade visual. Repare-se que ele é utilizado no vão norte da capela-mor de Meinedo para esconder o desvão da cobertura da



[35] Porta do confessionário da Capela do Rosário em Vence, projectada em 1947-1951 por Henri Matisse



[36] Planta parcial do projecto para a igreja de Notre-Dame-de-Pentecôte em Paris, projectado por Jean Cosse
Publicada em “Un project de Jean Cosse” por Isabelle Renaud-Chamska

86 Jean Cosse (1931-2016), arquitecto Belga. Entre os vários edifícios religiosos que projectou destacam-se a igreja de São Paulo em Waterloo (1968) e mosteiro de Santo André de Clerlande (1970-71). Neste último, trabalhando o tema da contemplação, o arquitecto desenhou um espaço de reconciliação que se abre para um jardim murado.

87 Acabando o projecto de Jean Cosse por não ser seleccionado, o edifício que hoje se vê foi projectado por Franck Hammoutène (1954-2021), arquitecto francês.

88 Isabelle Renaud-Chamska (1951), doutora em Letras e graduada em Liturgia pelo Instituto Católico de Paris. Foi, entre 1994 e 2003, secretária-geral da Comissão Nacional de Arte Sacra em França.

89 Tradução livre de RENAUD-CHAMSKA, Isabelle; “Un project de Jean Cosse”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p 23

90 Entrevista a Fernando Távora, por Fernando Agrasar em DOMINGUEZ LÃINO, Ana (coord.); “Fernando Távora”; COAG; 2002; p. 23

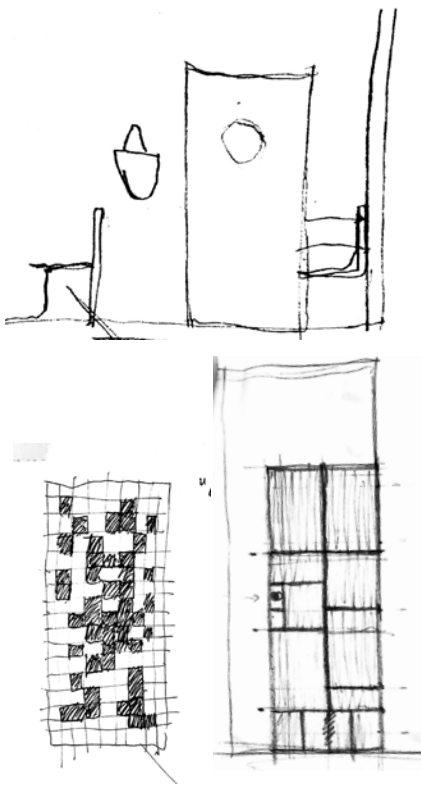
91 Note-se, por exemplo, que na Basílica da Santíssima Trindade, inserida em 2004 no complexo do santuário de Fátima e projectada por Alexandros Tombazis (1939), foram adicionados televisores nas capelas da Reconciliação que indicam a disponibilidade e os idiomas possíveis para cada confessionário. Embora se compreenda a dificuldade causada pela adesão imensurável, e por isso a utilidade da opção, o resultado não deixa de ser contraditório com o sentido de acolhimento personalista que se espera do sacramento.

92 Santuário do Padre Pio / Padre Pio Pilgrimage Church em San Giovanni Rotondo (Itália), projecto de 2004, do arquitecto italiano Renzo Piano (1937)

93 “Mando-lhe a digitalização de um livro que aborda especificamente o confessionário da igreja do Padre Pio. Tenha presente que o livro é velho: neste momento os confessionários têm, nas portas, janelas de vidro” Tradução livre de email recebido pelo Ufficio Pellegrinaggi, departamento oficial do Santuário do Padre Pio (recebido a 20/07/2021)



[37] Portas dos confessionários - com os novos vãos recortados - do santuário do Padre Pio em San Giovanni Rotondo, projectado em 2004 por Renzo Piano



[38] Estudo das portas do confessionário de Meinedo
Desenhos do autor

sacristia que terá sido entretanto anexada ao edifício original. Na verdade, este tipo de vidro, e outros semelhantes, são muitas vezes utilizados para permitir a contaminação de luz, mas dissimular aparelhagens e espaços de serviços. Mas até mesmo sobre a contaminação de luz, deve ainda ser dito que o vidro fosco, por permitir uma refração da luz no seu núcleo, é o paradigma da “paisagem de gelo”⁹⁴, comparação tão útil não só pela desqualificação da luz, infiel à nitidez e aos reais contrastes, como pela aparente frieza, provocada pela distorção cromática e natural antipatia do material.⁹⁵

Todavia, e apesar do elogio ao vidro translúcido - que permite ver o interior -, repare-se como nos exemplos anteriores ele é reduzido a pequenas porções nas portas - os óculos -, o que obriga o curioso observador a uma abeiramento abusivo, pondo em causa a discrição do interior. Assim, fica claro que ao vidro translúcido de alto a baixo - que permite ver o interior a uma distância de segurança - é necessário agregar algo que regule a opacidade e, consequentemente, o sentimento de intromissão.

Para a igreja matriz da Benedita, projecto dos anos 50 de Lucínio Guia da Cruz⁹⁶, foi proposto em 2002 a Fábio Veríssimo Santos⁹⁷ que requalificasse os vários nichos da confissão, segundo o espírito pós-conciliar e assegurando a estanquidade do som. Limitado aos pequenos espaços originais - de 90 centímetros por 3,5 metros -, o arquitecto, querendo manter alguma transparência com a nave, intercala, num mesmo plano, o vidro e um material opaco, porventura com qualidades absorvedoras de som, apoiando-se no princípio métrico da estereotomia da parede adjacente. Repare-se, contudo, como de determinados pontos da nave - possivelmente aleatórios -, será possível ver com nitidez a face do penitente.

O famoso e pequeno buraco da fechadura de Roma exige um posicionamento nada aleatório: apenas quem espreita, de frente, dobrado e com um dos olhos fechados, pode vislumbrar o enquadramento barroco da cúpula de São Pedro. Também a grelha que Matisse utiliza na porta do confessionário da capela de Vence, pela escala dos vazios, obriga a uma determinada posição: apenas quem entra na capela, e daí a vê de frente, terá a percepção do interior sem ter que se aproximar. Apesar deste cuidado com a permeabilidade, inclusivamente desenhando tramas com densidades diferentes, a porta não garante a estanquidade do som.

Para Meinedo, opta-se por desenhar uma porta de vidro com uma trama de tecido agregada, permitindo o diálogo visual e promovendo um conforto acústico. Mas existe também a preocupação em sinalizar a função através porta, já que ela “é a cara de uma casa”⁹⁸. Assim, acredita-se que: vindo no

94 “A cintilação e a luz dos cristais individuais penetra um pouco abaixo da superfície, o que torna impossível obter uma impressão exacta da forma. (...) Todos gostamos de uma paisagem de blocos de gelo fulgurantemente brancos com profundas sombras azuladas, compostos inteiramente por cintilantes cristais numa combinação tão solta que os raios de sol penetram e criam estranhos reflexos verdes por detrás das cortinas dos pingentes cristalinos de gelo. Os palácios dos contos de fadas podem ser construídos de gelo mas, para os edifícios do nosso mundo mais prosaico, são necessários efeitos texturais firmes (...) a fata morgana da paisagem de gelo é transitória.” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 147

95 “quando afirmamos que uma sala é fria e formal, (...) decorre de uma antipatia natural pelas formas e materiais que se encontram nessa sala - (...) decorrente de algo que sentimos (...). Ou talvez as cores sejam frias, e, nesse caso, a impressão advém de algo que vemos.” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 186

96 Igreja de Nossa Senhora da Encarnação na Benedita em Alcobaça, projecto de 1955 (ano de inauguração), do arquitecto Lucínio Guia da Cruz (1914-1999)

97 Fábio Veríssimo Santo (1988), arquitecto português

98 SIZA, Álvaro; “01 Textos”; Civilização Editora; 2009; p. 305

enquadramento do arco o ofício empregue na porta através do tecido e a luz, que provém do interior do espaço, reconhecerá o observador o lugar digno e íntimo da reconciliação.

“Se virmos a letra L, reconhecemos sem saber que espécie de L é, se negrito ou itálico, se grotesco ou gótico, ou qualquer outro tipo. Ver os traços vertical e horizontal simplesmente juntos indica-nos que se trata de um L.”⁹⁹

pedra de fecho

“Naquele momento, começava a tornar-se evidente a necessidade de coordenar as intervenções na zona, a fim de que esta relação e o carácter do lugar não se perdessem”¹⁰⁰

Não sendo possível escapar à indivisibilidade da arquitectura¹⁰¹, a proposta de colocação do confessionário carrega consigo a vontade, ou a necessidade, de prolongar a intervenção para a zona de entrada, inclusivamente para que a relação visual entre os sacramentos da iniciação cristã, entretanto permitida, não seja em vão. Apesar de ser este o último texto do presente trabalho, não se ocupa, contudo, de ajustes finais, mas de influxos que ocorreram passo a passo com o projecto. Este desencontro acontece, sem embargo, porque a acção discursiva, escrava de uma certa linearidade, dificilmente traduz o complexo acto de criar.¹⁰²

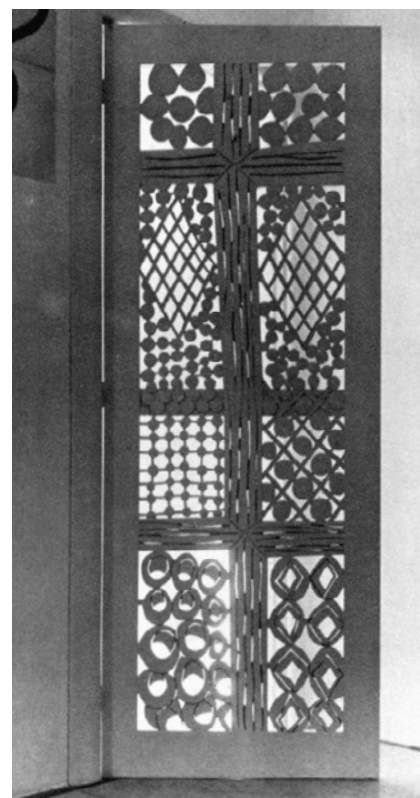
Uma visita à igreja de Meinedo - projecto à parte - traduz-se, desde logo, numa desconcertante experiência do espaço. No interior assiste-se, pelo carácter das superfícies¹⁰³, a uma perda, ou até subversão, de pesos e durezas.¹⁰⁴ Ao atravessar o portal principal, verifica-se uma transição abrupta entre o granito exterior e o tapete de cairo que apenas existe porque o pavimento interior, um tabuado de madeira liso e encerado, não convive bem com as sujidades e os fragmentos de pedra que parasitam nas solas dos sapatos. Repare-se, também, na camada fina e uniforme de reboco que cobre as paredes interiores e que esconde a textura do granito e o seu - imagina-se - cuidado aparelho¹⁰⁵. Como se não bastasse, as mesmas paredes assentam numa cantoneira que, desenhando uma alheta, propõe, intencionalmente ou não, uma levitação da construção. Arruína-se, assim, qualquer expectativa de peso e rudeza que o exterior propagandeava.

As experimentações de lambris, feitas pelo autor, são um claro sinal da



Novos confessionários projectados em 2002 por Fábio Veríssimo Santos para a igreja matriz da Benedita, projecto original de Lucínio Guia da Cruz de 1995

[39] (em cima) Confessionário preexistente
[40] (em baixo) Novo confessionário Colagem de Fábio Veríssimo Santos



[41] Porta do confessionário da Capela do Rosário em Vence, projectada em 1947-1951 por Henri Matisse

99 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 36

100 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p. 27 e 29

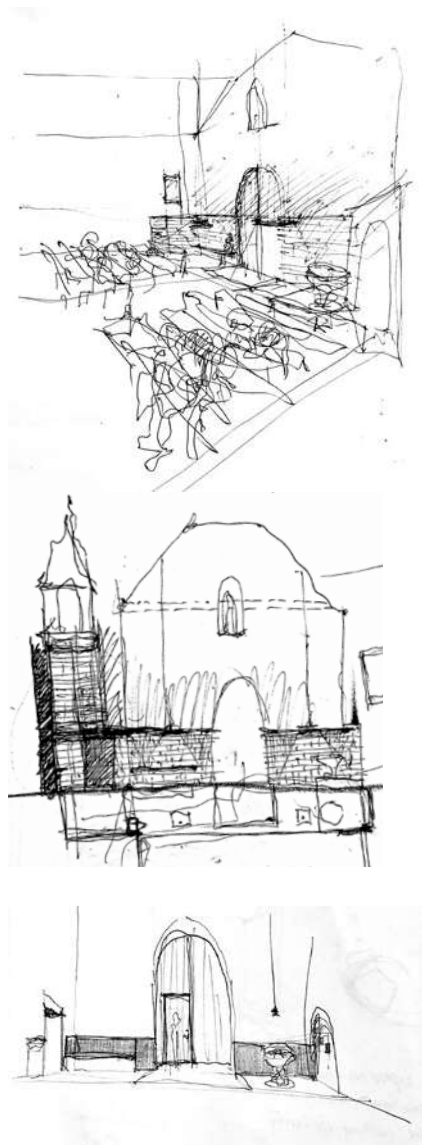
101 “...ideia correcta de arquitectura como algo indivisível, algo que não se pode separar...” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 9

102 “o processo (...) é difícil de explicar porque não é linear (...)” em SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p. 137

103 “Impressões de dureza e maciez, de peso e de leveza, estão relacionadas com o carácter superficial dos materiais” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 20

104 “É difícil explicar porque minúsculas diferenças no carácter textural, que são quase impossíveis de serem medidas por instrumentos científicos, nos afectam tão fortemente” em RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 138

105 Considerando que as pinturas murais “românicas” são, em Portugal, sempre posteriores aos edifícios românicos, Carlos Alberto Ferreira de Almeida sugere uma intencional auto-suficiência das paredes bem aparelhadas do românico em Portugal em ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001; 167



[42] Experimentações com lambris em Meinedo
Desenhos e colagem do autor

urgência em colmatar as incongruências supramencionadas e em ligar os elementos - o portal, as pias e o confessionário -, valorizando o momento de entrada no templo. Por uma atitude reivindicativa face ao reboco, ou talvez pela memória do azulejo, é compreensível que estes acertos tenham sido testados primeiramente nas paredes. No entanto, o lambril estabelece uma linha horizontal que nada tem que ver com a homogeneidade das paredes preexistentes e que o reboco, apesar de tudo, consegue garantir ao cobrir de forma indiscriminada todas as superfícies verticais. Ademais, o acto de sobrepor uma outra materialidade parece, de certa forma, validar o erro do reboco, como se mais uma camada se adicionasse, ficando cada vez mais esquecida a verdade que subjaz nas paredes.

Pela zona da igreja e pelos sacramentos envolvidos, estas experiências remetem inevitavelmente para o conceito de nártex. Era, nas igrejas e basílicas paleocristãs, a partir do século IV o espaço destinado aos penitentes e aos catecúmenos de onde assistiam às celebrações antes da sua entrada “in gremio aecclesiae”¹⁰⁶, respectivamente pela reconciliação ou pelo baptismo, e cujo processo poderia durar vários anos. Uma leitura parcial pode considerar este espaço como um mecanismo de exclusão, dada a barreira transversal no percurso, mas uma correcta contextualização permite perceber, na verdade, a sua tendência e vocação inclusivas. Em primeiro lugar, repare-se que ele não existia no ambiente recolhido e circunscrito das igrejas domésticas e das catacumbas dos primeiros séculos do cristianismo, sendo a entrada na comunidade sujeita à dura pena da iminência do martírio, ocasionada pelas constantes perseguições. Ele só surge mais tarde, durante a paz de Constantino, sob a forma de um espaço exterior associado ao átrio e, no ocidente, foi paulatinamente tornando-se interior.¹⁰⁷ Mais tarde, o sacramento da reconciliação, por influência de monges irlandeses que consideravam os pecados veniais e quotidianos como matéria para confissão¹⁰⁸, deixa a sua concepção de barreira em prol de um caminho espiritual, feito dentro da comunidade, perdendo-se por isso grande parte do sentido ritual do nártex.

106 “Desde as primeiras fontes litúrgicas que descrevem o rito da penitência pública (...) a imagem física do seio ou ventre e a dicotomia dentro/fora, ser expulso/ser acolhido sintetizam espacial e simbolicamente o “movimento essencial” da reconciliação, assim como a integração do pecador convertido na madre Igreja. A comunhão na comunidade dos crentes como “espaço” de salvação é maravilhosamente simbolizada pela expressão ‘in gremio aecclesiae’ (“no seio da Igreja”)”. Tradução livre de ARIAS, Fernando López; “Arquitectura de la Misericordia. El espacio celebrativo de la penitencia sacramental en la historia”; publicado na revista “Phase”, Revista de Pastoral Litúrgica; n.º 56; 2016; p. 323 e 323

107 “Os nártexes, no Ocidente, foram de dois tipos, um externo e outro interno, que se sucederam no tempo: o primeiro consistia num átrio aberto, de arcada contínua, ao longo da fachada da igreja; o segundo, por sua vez, formado por corredor e galeria, situava-se junto à nave (...) como exemplo de nártex externo o que se encontra na Basílica de Santo Ambrósio (379-386), em Milão, e de interno, o da Basílica de Santa Inês Fora do Muro (séc. VII), em Roma. Um interessante e belo caso de nártex externo pode ser verificado, também, no Batistério Laterano (séc. V), em Roma.” em LEITE, Pedro Queiroz; “Barbarus Ad Portas: Homilética e Catequese na pintura dos nártexes de algumas igrejas e capelas barrocas e rococós de Minas Gerais”; publicado em VIII EHA - Encontro de História de Arte; 2012; p. 527 e 528

108 “Durante século VII, inspirados pela tradição monástica do Oriente, os missionários irlandeses trouxeram para a Europa continental a prática «privada» da penitência que não exigia a realização pública e prolongada de obras de penitência, antes de receber a reconciliação com a Igreja. O sacramento processa-se, a partir de então, dum modo mais secreto, entre o penitente e o sacerdote. Esta nova prática previa a possibilidade da repetição e abria assim o caminho a uma frequência regular deste sacramento. Permitia integrar, numa só celebração sacramental, o perdão dos pecados graves e dos pecados veniais. Nas suas grandes linhas, é esta forma de penitência que a Igreja tem praticado até aos nossos dias.” em “Catecismo da Igreja Católica” promulgado pelo Papa João Paulo II; Vaticano; 1992; art.º n.º 1447

Isto explica porque é que a partir do século VI¹⁰⁹ surgem os labirintos associados ao caminho da purificação, através dos mosaicos no pavimento, em plena nave da igreja e que veriam, sobretudo no gótico francês - a catedral de Chartres é testemunho -, um enorme desenvolvimento.

Na verdade, existe uma subtilidade na marcação no pavimento que não se verifica se aplicada nas paredes. Repare-se na capacidade de ser visível e tacteável na imediação, mas imperceptível para quem já ultrapassou - ao contrário da presença constante do lambril -, temperando-se assim uma vontade de destinar o espaço sem perder a continuidade do conjunto.

Não houve dúvidas que a marcação da entrada, sendo feita no chão, devesse ser em granito. Efectivamente, trata-se de um material com presença na região, que compõe toda a igreja e que formava o pavimento onde hoje se encontra o tabuado de madeira, devolvendo-se assim parte da crueza entretanto perdida. Em segundo lugar, trata-se de dar ao confessional e à pia, ligando-os, o mesmo tratamento de pavimento que os restantes pólos litúrgicos. Na verdade, existe uma preferência pela pedra natural para os lugares sagrados¹¹⁰ e não queria o confessional abster-se ou reverter uma lógica que é tão afirmativa em Meinedo. Não menos importante, procurou-se dar continuidade ao pavimento exterior, para que o observador, seguindo “a densidade e a textura do chão através da sola dos nossos pés”¹¹¹, seja convidado a entrar no templo.

“Como pedras vivas, entraís na construção de um edifício espiritual”¹¹²

A pia baptismal, de granito, contacta já um pavimento em granito. Seria isto coerente, caso não existisse nem o pódio onde assenta, que revela o entendimento superficial da pedra - a “arquitectura de prancheta”¹¹³ que contrasta com o românico -, nem o rodapé negativo que o contorna e dá a ilusão que a plataforma está a levitar, ou que se trata de um frágil desdobramento da parede. É no lugar da pia que se lê o resultado da convergência das acções insensíveis.

O novo pavimento em granito que se propõe, e que se estende do confessional ao lugar do baptismo, permite que a pia, soltando-se do pódio, possa tocar o chão e, também com isso, possa ser revista a sua exacta posição. Viu-se, no subcapítulo ‘entre quatro paredes’, a conveniência do lugar actual do Baptismo em Meinedo, símbolo inequívoco da admissão na comunidade e, agora, em relação com o novo confessional. Todavia, repare-se como a forma circular da pia parece estar reprimida junto à parede, como se algo tridimensional tivesse sido plasmado, o que, em conjunto com o desnível do pódio, fragiliza a reunião dos intervenientes durante a acção sacramental. A pia deveria por isso, assumir uma posição mais envolvente.

109 “A partir do século VI, sobretudo nas igrejas italianas, surgem labirintos de maiores dimensões, cuidadosamente integrados no espaço. O labirinto da basilica de São Vital em Ravena foi o primeiro a ser construído em catedrais europeias. Contudo, foi nas grandes catedrais góticas francesas que o labirinto alcançou o seu apogeu” em MARQUES PINTO, Luís Filipe; “A simbologia e os Enigmas do Labirinto”; publicado na Revista Arquitectura Lusíada; n.º 8; 2015; p. 35 e 36

110 “...a mesa do novo altar deveria ser preferentemente de pedra natural” em “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; trad. Vitor Coutinho; Secretariado Nacional de Liturgia; 1ª Edição 1996; 2018; p. 28

111 PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011; p. 55

112 “Bíblia Sagrada”, 1ª Carta de São Pedro; 1 Pe 2:5

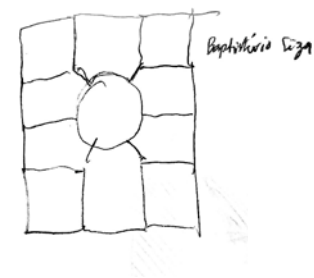
113 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 61



Da barreira ao caminho espiritual
[43] Anunciação da absolvição aos penitentes que aguardam no exterior, antes da sua entrada no templo
[44] Labirinto penitencial da nave na Catedral de Chartres



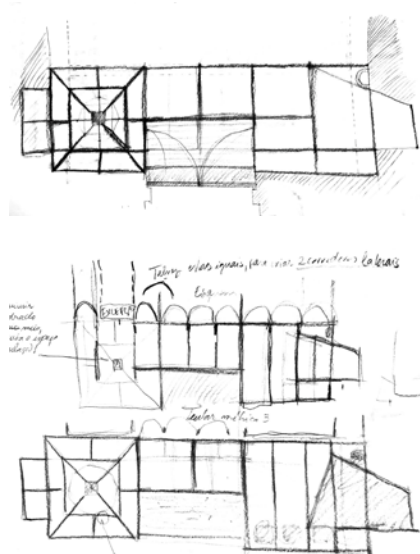
[45] Pia baptismal da igreja do Marco de Canaveses, projecto de Alvaro Siza



“A amplitude do baptistério e da área que rodeia a fonte seja tal que possa acolher pelo menos as pessoas que aí se dirigem em procissão (...) os baptizados, os padrinhos, os pais e os ministros”¹¹⁴

Todavia, a proximidade da pia com o portal - apesar de tudo, uma zona de circulação - suscita a necessidade de demarcar a zona do baptistério através do chão. E se o contraste de materialidade no pavimento tem a capacidade de destinar espaços, também terão as linhas que separam as lajetas de pedra, ainda que de forma mais subtil. Note-se como na igreja do Marco o formato quadrangular das lajetas de pedra é transformado na imediação da pia, como se ela tivesse emergido do próprio pavimento. Trata-se, sem embargo, de “adicionar os detalhes que brotam”¹¹⁵.

“...o granito, que permite mil tratamentos e acabamentos, e é muito generoso nas possibilidades de aplicação”¹¹⁶



Não apenas a estereotomia, mas também as diferenças texturais empregues no granito podem acentuar uma intenção, não se limitando ao que é visível, mas considerando também o que é tacteável e audível, já que “o dançarino tem ouvidos nos dedos dos pés”¹¹⁷. No crematório de Woodland (1915-1940) - um autêntico testemunho de texturas de pavimento -, Gunnar Asplund¹¹⁸ transforma a pedra do interior em superfícies aveludadas e macias, mediante o emprego de rasuras milimétricas. Também o tapete de cairo de Meinedo pode ser substituído por um acabamento riscado na pedra, não se perdendo a continuidade da matéria entre o interior e exterior.

“O olho é o órgão da distância e da separação, enquanto o tacto é o sentido da proximidade, intimidade e afeição”¹¹⁹

[46] Estereotomia de Meinedo
Desenhos do autor

Para que o momento de entrada na igreja e o acesso ao confessionário não sejam encobertos, torna-se necessário prescindir dos bancos da entrada. Se, por um lado, se perdem parte dos lugares da igreja, que são estimados pelo pároco e, ademais, como se viu no subcapítulo ‘pedras no caminho’, daqueles com melhor visibilidade eucarística, por outro, a supressão oferece à igreja uma parcela mais flexível de ocupação do espaço: para quem queira estar de pé - inclusivamente nos momentos de sobrelocação -; para quem chegue atrasado; para as cadeiras de rodas e para os carrinhos de bebés. Não se trata de uma justificação lata: repare-se que apenas seria possível descobrir o lugar para estes momentos precisamente onde está a ser proposto, uma vez que não interfere com a visão dos demais. Simultaneamente, serve o espaço como prolongamento do sacramento da reconciliação para a preparação dos penitentes, tal como recomenda a CEP.¹²⁰

Porque, por vezes, a entrada na igreja se faz pela capela de Santo Tirso,

114 “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; trad. Vítor Coutinho; Secretariado Nacional de Liturgia; 1ª Edição 1996; 2018; p. 38

115 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 37

116 SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p. 47

117 NIETZSCHE, Friedrich; “Assim falou Zaratustra” citado em PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011; p. 13

118 Gunnar Asplund (1885-1940), arquitecto sueco

119 PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011; p. 43

120 “os confessionários devem ser (...) dotados de um espaço conveniente que permita a preparação dos penitentes” em “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; trad. Vítor Coutinho; Secretariado Nacional de Liturgia; 1ª Edição 1996; 2018; p. 43

e também para evitar uma eventual adição, no futuro - o “...edifício deve, de preferência, estar a frente do seu tempo quando é projectado...”¹²¹ -, de um corta-vento, propõe-se ainda um trinco no portal principal que possa fixar uma posição entre-aberta da porta para um uso quotidiano, “...enquanto a porta grande só é aberta em circunstâncias especiais”¹²².

No interior do confessionário, por compromisso com os alçados exteriores, o vão poente não podia ser rasante ao chão, pelo que o rodapé de granito que se desdobra do chão tem também como objectivo devolver parte dessa sensação inicialmente pretendida. O rodapé surge apenas no interior e termina na porta do confessionário, rematando uma possível obsessão por uma linha que nunca mais veria um fim na igreja. Em suma, imagina-se um confessionário com o pavimento e o rodapé em granito flamejado ou com um acabamento em jacto de areia, as paredes e vãos forrados a uma madeira escura, como é a afizélia, e o tecto rebocado e pintado de branco.

“Um teórico alemão descreveu em detalhe como a cor pode ser usada para realçar não só o que é grande e o que é pequeno, mas também o que está em cima e o que está em baixo. O piso, diz ele, como a terra em que caminhamos, deve propiciar uma impressão de gravidade. Portanto, deve ter os tons cinzentos ou castanhos do barro ou do solo rochoso. As paredes, por outro lado, devem ter mais cor, como arbustos e árvores em flor e tudo o que se eleva acima da superfície da terra sólida. E, finalmente, o tecto deve ser leve e incorpóreo, em tons de branco ou delicados matizes de rosa e azul, como o céu acima das nossas cabeças. Geraria um sentimento de insegurança, afirma ele, caminhar sobre pisos rosados ou azuis, e sentiríamos o tecto como uma pesada carga empurrando-nos para baixo se o pintássemos numa cor escura. Enquanto estou sentado a ler essa explicação teórica, ergo os olhos do livro e passeio-os pela sala. O piso está coberto com um tapete chinês num encantador azul-anil, sobre o qual caminho todos os dias sem o mais leve sentimento de insegurança. (...) Apesar de todas as teorias, podemos dizer a respeito da cor, como a respeito de todos os outros elementos de arquitectura, que não existem regras definitivas nem directrizes que, se forem estritamente obedecidas, garantem uma boa arquitectura.”¹²³



[47] Texturas no cemitério de Woodland, projecto de Gunnar Asplund

121 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 11

122 Sobre a grande porta da igreja do Marco de Canaveses em SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000; p. 51

123 RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007; p. 182 e 183

bibliografia

- “Adaptação das Igrejas segundo a Reforma Litúrgica”; Secretariado Nacional de Liturgia; trad. Vítor Coutinho; 1ª Edição 1996; 2018
- ALARCÃO, Jorge de; “A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal”, publicado por Imprensa da Universidade de Coimbra; Conimbriga Vol. XXXVII; 1998
- ALARCÃO, Jorge de; “As Civitates do Norte de Portugal”; Cadernos de Arqueologia, Série II, 12-13; 1995-96
- ALARCÃO, Jorge de; “Três níveis de aglomerados populacionais romanos”; publicado em ‘O Arqueólogo Português’ Série IV, 16; 1998
- ALARCÃO, Jorge de; “Os arredores das cidades romanas de Portugal”; publicado em ‘AEspA’, 72; 1999
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; “História da Arte em Portugal. O Românico”; Editorial Presença; Lisboa; 1ª Edição 2001
- ARIAS, Fernando López; “Arquitectura de la Misericordia. El espacio celebrativo de la penitencia sacramental en la historia”; publicado na revista “Phase”, Revista de Pastoral Litúrgica; n.º 56; 2016
- BEDOGNI, Paolo; “Luoghi di riconciliazione. Il mestiere dell’architetto”; If Press; 2014
- BORROMEI, Caroli; “Instructionum Fabricæ Et Supellectilis Ecclesiasticæ”; Livro II; trad. Massimo Marinelli; Libreria Editrice Vaticana; 2000 (1ª Edição 1577)
- CARDOSO, Cristiano; “Suplemento do Património. O Românico em Lousada: a Igreja de Santa Maria de Meinado”
- “Celebração da Penitência”; traduzido pela Conferência Episcopal Portuguesa em 1976 do original
- “Ordo Paenitentiae”, promulgado em 1973 pelo Papa Paulo VI
- “Catecismo da Igreja Católica” promulgado pelo Papa João Paulo II; Vaticano; 1992
- “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 90; “Espaces de réconciliation”; 2007
- “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997
- COBIANCHI, Roberto; “The Practice of Confession and Franciscan Observant Churches. New Architectural Arrangements in Early Renaissance Italy”; Zeitschrift für Kunstgeschichte; 2006
- COSTA, Joaquim Luís; “Luxúria e iconografia na escultura românica portuguesa”; 2014; disponível em <https://journals.openedition.org/medievalista/1489> (consulta a 07/06/2021)
- COSTA, Joaquim Luís; “A representação do pecado da luxúria no românico de Amarante” publicado em Amarante Magazine, disponível em <https://www.amarantemagazine.pt/sociedade-e-cultura/a-representacao-do-pecado-da-luxuria-no-romnico-de-amarante/> (consulta a 03/06/2021)
- CUNHA, João Alves da (coord.); MARQUES, João Luís (coord.); “Domicanos. Arte e Arquitectura Portuguesa. Diálogos com a Modernidade”; Centro de Estudos de História Religiosa (Universidade Católica Portuguesa) e Instituto São Tomás de Aquino (Província Portuguesa da Ordem dos Pregadores); Lisboa; 2019
- DOMINGUEZ LÃINO, Ana (coord.); “Fernando Távora”; COAG; 2002
- FONTES, Luís; “A igreja sueva de São Martinho de Dume. Arquitectura Cristã Antiga de Braga e na Antiguidade Tardia do Noroeste de Portugal”, publicado em Revista de História de Arte, n.º 6; 2008
- FRANCISCO I; “Deus nunca se cansa de perdoar” (O primeiro Angelus do Papa Francisco); em L’Osservatore Romano; 24 de Março de 2013
- GADANHÓ, André; “Os aglomerados secundários no interior da Lusitania, e o caso do sítio da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)”; , publicado por Imprensa da Universidade de Coimbra; Conimbriga Vol. LIX; 2000
- GARCÍA, Xosé Lois; “Simbologia do Românico de Amarante”; Edições do Tâmega; 1ª Edição 1990
- GARCÍA, Xosé Lois; “Simbologia do Românico de Penafiel”; Centro de Estudos do Românico e do Território; 1ª Edição Outubro de 2018
- “Grande Enciclopédia Portuguesa em Brasileira”; Editorial Enciclopédia, Limitada; 1989
- GUIMARÃES, Francisco Portugal; “Proprium sanctorum: o culto a suas relíquias e a seus relicários”, publicado em ‘População e Sociedade’ CEPESE Vol. 20; Porto; 2012
- “Instrução Geral do Missal Romano”, Missal Romano; Coimbra; 1992
- “Instrução Geral do Missal Romano”; assinado pelo Papa João Paulo II em 2000; Gráfica de Coimbra; 2003
- IRMÃ LÚCIA; “Memórias da Irmã Lúcia”; Vol. I; Fátima: Secretariado dos Pastorinhos; 2007

KUBLER, George; “A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes. 1521-1706”; trad. Jorge Pais da Silva; Vega; 2005

LE CORBUSIER; “Por uma arquitectura”; Perspectiva; 1998

LEITÃO, Luís Manuel; “O sacramento da Reconciliação e a consciência de pecado”; dissertação para a obtenção do 1º grau canónico pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (sob a orientação do Prof. Dr. José Paulo Abreu); 2013

LEITE, Pedro Queiroz; “Barbarus Ad Portas: Homilética e Catequese na pintura dos nártexes de algumas igrejas e capelas barrocas e rococós de Minas Gerais”; publicado em VIII EHA - Encontro de História de Arte; 2012

LIMA, António Manuel de Carvalho; “O Território Anegia e a organização administrativa e militar do curso terminal do Douro (Séculos IX-XII)”; publicado pela Faculdade de Letras do Porto em ‘Carlos Alberto Ferreira de Almeida. In Memoriam’, Vol. 2; Porto; 1999

LOBO, Rui; “A arquitectura das primeiras igrejas jesuítas em Portugal: São Roque de Lisboa e Espírito Santo de Évora. Confessionários, púlpitos e tribunas”; publicado em ZAMORA, Maria Isabel (coord.) e FERNÁNDEZ, Javier Ibáñez (coord.); “La Compañía de Jesús y las Artes. Nuevas perspectivas de investigación”; Departamento de Historia del Arte, Universidad Zaragoza

LOBO, Rui; “Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo. Evolução e transformação no espaço urbano”; Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC; 1999

LOPES, Eduardo Teixeira; “Meinedo. Subsídios para uma possível história desta freguesia”; Câmara Municipal de Lousada; 2001

LOPES, Nuno Lacerda; “Design de mobiliário”; Transnética; 2000

LOSADA, Fermín Pérez; “Cidades e aldeias na Galiza romana: uma proposta de classificação hierárquica do habitat galaico-romano”; publicado em ‘O Arqueólogo Português’ Série IV, 16; 1998

MACHADO, Rosário Correia (coord.); “Rota do Românico”; Centro de Estudos do Românico e do Território; 1ª Edição 2014; Vol.I; p. 260

MARQUES, João Luís; “A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975”; tese de doutoramento pela Faculdade de arquitectura da Universidade do Porto; 2017

MARQUES, João Luís; “Modernity and contemporaneity in dialogue with the heritage. The life of two worship spaces in Lisbon: Santa Isabel’s church and Rato’s chapel”; publicado em “Actas de Arquitectura Religiosa Contemporánea 7”; 2020

MARQUES PINTO, Luís Filipe; “A simbologia e os Enigmas do Labirinto”; publicado na Revista Arquitetura Lusíada; n.º 8; 2015

MARTÍNEZ DE GUEERENÚ, Laura (ed.), MORAN, Michael (fot.); “Rafael Moneo: apuntes sobre 21 obras”; Gustavo Gili, Barcelona; 2010

MARTINS, Rui Jorge; “Novas igrejas de todos os tempos: Apresentação”; publicado em 2015 na plataforma online da SPN Cultura (www.snpcultura.org/novas_igrejas_de_todos_os_tempos_apresentacao.html) (consulta a 10/09/2022)

MATTOSO, José; SOUSA, Bernardo Vasconcelos; “História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média.”; Círculo de Leitores; 1ª Edição 2010

MENDES-PINTO, José Marcelo; “Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa”; em “Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras do Sousa” em revista “Oppidum”; Câmara Municipal de Lousada; número especial - 2008

MENDES-PINTO, José Marcelo; “O povoamento da Bacia Superior do Rio Sousa da Proto-História à romanização.”; Trabalhos de Antropologia e Etnografia, (Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, V), Vol. 35, fasc. 1; Porto; 1995

MIRANDA, Maria Adelaide; SILVA, José Custódio Vieira da; “História da Arte Portuguesa. Época Medieval”; Univ. Aberta; 1995

MOLINERO, José Estarán; “La Penitencia Pública en Códices Medievales Aragoneses”; Colección Estudios Historia; Institución Fernando el Católico; 2015

NUNES, Lígia; “Sistemas de Mediação, Elementos Construtivos e Espaciais. O exemplo da Arquitectura das casas monásticas femininas de clausura”; Edições Universitárias Lusófonas; 2012

QUEIROZ, António José; Pórtico em GARCÍA, Xosé Lois; “Simbologia do Românico de Penafiel”; Rota do Românico; 1ª Edição 2018

PALLASMAA, Juhani; “Os olhos da Pele. A arquitectura e os sentidos”; Bookman; 2011

PESSANHA, Matilde; “Siza: lugares sagrados, monumentos”; Campo de Letras; 2003

RASMUSSEN, Steen Eiler; “Viver a Arquitectura”; Caleidoscópio; 2007

RATZINGER, Joseph; “Introdução ao Espírito da Liturgia”; Paulinas; 2ª Edição 2006

RITCHER, Klemens; “Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva”; trad. Vítor Coutinho; Gráfica de Coimbra 2; 1ª Edição 1998

“Sacramentum Caritas”; exortação apostólica pós-sinodal promulgada pelo Papa Bento XVI em 2007

“Sacrosanctum Concilium”; promulgado pelo papa Paulo VI em 1963 ao abrigo do Concílio Vaticano II

SCHLOMBS, Wilhelm; “Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln”; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965

SIZA, Álvaro; “01 Textos”; Civilização Editora; 2009; p. 305

SIZA, Álvaro; “Igreja de Santa Maria = the church of St Mary: Marco de Canaveses”; trad. John Byrne; P.S.M.F.; Marco de Canaveses; 1998

SIZA, Álvaro; “Imaginar a Evidência”; Edições 70; 2000

SIZA, Álvaro; “Móveis e objectos”; Figueirinhas; 2003

TÁVORA, Fernando; “Da Organização do Espaço”; Faup Publicações; 2006 (1ª Edição 1962, enquanto prova de dissertação para o Concurso de professor da ESBAP)

VIEIRA, Leonel; “Igreja de Santa Maria de Meinedo. Intervenções”; Primeiro Plano - Espaço Cultural; 1ª Edição 2017

WOLFGANG, Pehnt; “Rudolf Schwarz: 1897-1961”; Electa; Milão; 2000

ZEVI, Bruno; “Saber ver a arquitectura”; Martins Fontes; 1996

ZUMTHOR, Peter; “Atmosferas. Entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam”; trad. Astrud Grabow; Gustavo Gili; 2006

(Entrevistas, conferências)

Audiência Geral de Paulo VI de 3 de Abril de 1974, (disponível em https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1974/documents/hf_p-vi_aud_19740403.html)

Entrevista a Álvaro Siza por Reis Pinto, a propósito da igreja do Marco de Canaveses, publicada em Jornal de Notícias; “Siza “explicou” a sua igreja aberta ao mundo”; 30 de Abril de 2006

Conferência “Projectos recentes” proferida por Eduardo Souto Moura em aula inaugural da “Escola da Cidade” emitida online a 26/02/2021. (disponível online em <https://www.youtube.com/watch?v=UZtuxv991oo>)

Entrevista a Eduardo Souto de Moura por Fátima Campos Ferreira, no programa “Primeira Pessoa”, episódio 2, transmitido pela RTP a 26/10/2020.

Entrevista à arquitecta Stefanie Steeholzer por Stefan Wagner, intitulada de “Abschied vom ‘Sündenschrank’” (em português, “Adeus ao ‘armário do pecado’”) publicada no jornal “Süddeutsche Zeitung” a 13 de Março de 2020 (disponível online em <https://www.sueddeutsche.de/stil/katholische-kirche-beichte-architektur-beichtstuhl-1.4842687>)

Entrevista ao padre jesuíta Kern, reitor da igreja de São Miguel em Munique, por Lisa Schmaus, intitulada de “Beichten in St. Michael, München”, publicada no site diocesano “Erzdiözese München und Freising” em Março de 2021 (disponível online em <https://www.erzbistum-muenchen.de/spiritualitaet/beichten-in-st-michael-muenchen>)

índice de imagens

(Caderno I | Da Vocação do Lugar)

[1] Planta de localização. A freguesia de Meinedo inserida no Vale do Sousa. Desenho do autor, com recurso à informação topográfica do ‘Google Earth’ e ao software ‘QGIS’

[2] A freguesia de Meinedo. Imagem do ‘Google Earth’

[3] Planta de localização. A freguesia de Meinedo. Desenho do autor, com recurso à cartografia digital disponibilizada pela Rede Municipal de Apoio Topográfico da Câmara Municipal de Lousada, à informação topográfica do ‘Google Earth’ e ao software ‘QGIS’

[4] Freguesia de Meinedo: da Rechã ao Esporão, onde se localiza a igreja de Meinedo. Fotografia aérea

[5] Freguesia de Meinedo: corte longitudinal. Desenho do autor, a partir da informação topográfica do ‘Google Earth’ e do software ‘QGIS’

[6] Planta de localização da igreja e o contexto do românico no Vale do Sousa. Desenho do autor, com recurso à base recolha da Rota do Românico, à informação topográfica do ‘Google Earth’ e ao software ‘QGIS’

[7] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1878. Gravura de João de Almeida em VIEIRA, José Augusto; “O Minho Pittoresco”; Vol. 2; Lisboa Livraria A.M. Pereira; 1886; p 368

(Caderno III | Registos Fotográficos)

[1] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. Alçado Poente. Fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041239

[2] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. A torre sineira (em primeiro plano) e o alçado Sul (em segundo plano). Fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041240

[3] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. O alçado Poente (em primeiro plano) e a Capela de Santo Tirso (em segundo plano). Fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041241

[4] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. Alçado Poente. Fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041238

[5] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. Alçado Nascente (Capela-mor). Fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041237

[6] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. Vista da Rua da Igreja. Fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041238

[7] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. O alçado Sul e a torre sineira. Fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041236

[8] A igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. Alçado Sul. Fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041235

[9] Os portais da igreja de Santa Maria de Meinedo. Alçado Poente, fotografia cedida por Duarte Belo

[10] Os portais da igreja de Santa Maria de Meinedo. Alçado Norte, fotografia cedida por Duarte Belo

[11] Os portais da igreja de Santa Maria de Meinedo. Alçado Sul, fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041234

[12] O interior da igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. Da nave à capela-mor, fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041244

[13] O interior da igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. Da nave à capela-mor, fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041242

[14] O interior da igreja de Santa Maria de Meinedo em 1956. Da nave à capela-mor, fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041245

[15] A nave da igreja de Santa Maria de Meinedo. Vista para o Portal Poente. Fotografia do autor

[16] A nave da igreja de Santa Maria de Meinedo. Vista para o altar. Fotografia do autor

- [17] A nave da igreja de Santa Maria de Meinedo. Nicho e pia baptismal. Fotografia do autor
- [18] A nave da igreja de Santa Maria de Meinedo. Nicho e escultura de Nossa Senhora das Neves, outrora policromática. Fotografia do autor
- [19] A nave da igreja de Santa Maria de Meinedo. Portal Sul. Fotografia do autor
- [20] A sacristia da igreja de Santa Maria de Meinedo. Pia. Fotografia do autor
- [21] A sacristia da igreja de Santa Maria de Meinedo. Passagem para a capela-mor e acesso ao retábulo. Fotografia do autor
- [22] A sacristia da igreja de Santa Maria de Meinedo. Os acessos à sacristia e a janela para o desvão da cobertura. Fotografia do autor
- [23] A capela de Santo Tirso. A sacristia da igreja de Santa Maria de Meinedo. Altar. Fotografia do autor
- [24] A capela de Santo Tirso. Vista para a nave. Fotografia do autor
- [25] A capela de Santo Tirso. Vista para o sacrário e imagem de Santo Tirso. Fotografia do autor
- [26] A capela de Santo Tirso. Vista para o sacrário e imagem de Santo Tirso. Fotografia do autor
- [27] A capela de Santo Tirso. Acesso à sacristia. Fotografia do autor

(II | Nidação)

- [1] Modelo de confessionário ‘borromeano’. Desenho do arquitecto Paolo Bedogni, em BEDOGNI, Paolo; “Luoghi di riconciliazione. Il mestiere dell’architetto”; If Press; 2014; p. 54
- [2] Nidação em Meinedo. Planta da igreja de Meinedo elaborada pela DGEMN em 1956, em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1096 (consulta a 22/07/2020)
- [3] Nidação em Meinedo. Colagem do autor sobre a planta da igreja de Meinedo elaborada pela DGEMN em 1956, em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1096 (consulta a 22/07/2020)
- [4] Igreja de São Francisco da Pampulha, projecto de 1943 de Oscar Nimeyer, em <http://estudio4tecnologia.blogspot.com/2012/09/igreja-sao-francisco-de-assis-igreja-da.html> (consulta a 25/06/2021)
- [5] Igreja de São José em Hasloch, projecto de 1956-58 de Hans Schädel em BEDOGNI, Paolo; “Luoghi di riconciliazione. Il mestiere dell’architetto”; If Press; 2014; p.90
- [6] Igreja de Nossa Senhora da Coroação em Vitória, projecto de 1957-60 de Miguel Fisac. Planta disponível na página da ‘Fundación Miguel Fisac’ em <http://fundacionfisac.com/iglesia-y-centro-parroquial-de-nuestra-seora-de-la-coronacion/> (consulta a 05/02/2020)
- [7] Um dos novos confessionários da igreja jesuíta de São Miguel de Munique, projectados em 2002 por Stefanie Steeholzer. Ambas as imagens disponíveis em <http://www.kunze-seeholzer.de/Beichtstuhl.html> (consulta a 22/08/2022)
- [8] Novo confessionário da igreja paroquial de São Quirino em Tegernsee (Alemanha), projectado por Martin Spaenle e Marian Brekalo. A primeira imagem retirada de <https://www.merkur.de/lokales/region-tegernsee/tegernsee-ort29547/in-der-tegernseer-pfarrkirche-ist-ein-beichtstuhl-mit-wohnzimmer-charakter-entstanden-90105775.html> (consulta a 25/08/2021) e a segunda imagem retirada de vídeo online disponível em vimeo <https://vimeo.com/519923757> (consulta a 25/08/2021)
- [9] Novo confessionário da igreja jesuíta de Santo Inácio de Linz (Áustria), projectado em 2013 por Elisabeth Plank. A primeira imagem retirada de <https://www.dioezese-linz.at/institution/8050/neugestaltungzeitgenoessi/neugestaltungen/kirchenundaltarraum/article/2958.html> (consulta a 30/08/2021) e a segunda imagem retirada da plataforma ‘StreetView’ do ‘GoogleMaps’
- [10] Visibilidade ‘eucarística’ da nave da igreja de Meinedo. Desenho do autor, sobre levantamento do autor
- [11] Capela de Notre Dame du Haut em Ronchamp (França), projecto de 1950-54 de Le Corbusier, em <https://archeyes.com/ronchamp-chapel-le-corbusier/> (consulta a 26/11/2019)
- [12] Igreja Beata Virgine Immacolata em Bolonha (Itália), projecto de 1961 de Glauco Gresleri, em <https://ilgiornaledellarchitettura.com/2016/12/21/glauco-gresleri-1930-2016/> (consulta a 22/11/2021)
- [13] Igreja de Nossa Senhora das Necessidades em Leiria, projecto de 2012 do atelier ‘Bica Arquitectos’, em <https://www.archdaily.com.br/br/01-56243/igreja-nossa-senhora-das-necessidades-celia-faria-mais-ines-cortesao> (consulta a 06/07/2021)
- [14] Catedral de Nossa Senhora dos Anjos em Los Angeles, projecto de 1996-2002 de Rafael Moneo, em MARTÍNEZ DE GUEEREÑU, Laura (ed.), MORAN, Michael (fot.); “Rafael Moneo: apuntes sobre 21 obras”; Gustavo Gili, Barcelona; 2010; p. 504
- [15] Igreja de Jesus (igreja do bairro de Riberas de Loiola) em San Sebastián, projecto de 2011 de Rafael Moneo, em <https://visuallexicon.wordpress.com/2017/10/11/rafael-moneos-iesu-church-in-san-sebastian-spain/> (consulta a 25/06/2021)

[16] Confessionário da abadia de Vadstena na Suécia | séc. XIV. Desenhos de Wilhelm Schlombs, em SCHLOMBS, Wilhelm; “Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln”; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965; p. 29

[17] Confessionário da igreja de San Fermo em Verona | s/ data. Desenhos de Wilhelm Schlombs, em SCHLOMBS, Wilhelm; “Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln”; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965; p. 34

[18] Confessionários da Sé da Guarda | séc. XV. Desenhos de Wilhelm Schlombs, em SCHLOMBS, Wilhelm; “Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln”; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965; p. 31

[19] “Sala do Eco” da abadia de La Chaise-Dieu em França | séc. XVII, em <https://www.flickr.com/photos/beltranpappa/14903448230>, (consulta a 15/07/2021) e <https://www.lepuyenvelay-tourisme.fr/monuments-puy-en-velay/salle-de-lecho/> (consulta a 15/07/2021)

[20] Mosteiro dos Jerónimos (de Santa Maria de Belém), Lisboa | Séc. XVI. Desenhos dos confessionários de Wilhelm Schlombs, em SCHLOMBS, Wilhelm; “Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln”; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965; p. 32

[21] Mosteiro dos Jerónimos (de Santa Maria de Belém), Lisboa | Séc. XVI. Planta da igreja de George Kubler, segundo Haupt, em KUBLER, George; “A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes. 1521-1706”; trad. Jorge Pais da Silva; Vega; 2005; p. 8

[22] Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, Coimbra | Séc. XVII. Pormenor da planta da igreja da DGEMN, em KUBLER, George; “A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes. 1521-1706”; trad. Jorge Pais da Silva; Vega; 2005; figura 33

[23] Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, Coimbra | Séc. XVII. Planta da igreja de George Kubler, segundo DGEMN, em KUBLER, George; “A arquitectura portuguesa chã. Entre as especiarias e os diamantes. 1521-1706”; trad. Jorge Pais da Silva; Vega; 2005; figura 33

[24] Projecto para capela na Afurada no Porto, projecto de 2016 de Álvaro Siza (não construído). Imagem retirada de vídeo online “Siza Viera mostra capela da Afurada”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=khPXF8NRT0s> (consulta a 28/06/2021)

[25] Confessionários das Jornadas Mundiais da Juventude de Madrid em 2011, projectados pelo atelier ‘Vicens & Ramos’, em <https://joyfulpapist.files.wordpress.com/2011/08/confessionbooths-at-wyd.jpg> consultado a 24/09/2022 e <https://www.alamy.com/stock-photo-holy-confession-during-world-youth-day-madrid-spain-europe-47777607.html> (consulta a 24/09/2022)

[26] Confessionário “drive-in”, improvisado pela paróquia da Sagrada Família de Hillcrest Heights em Washington, durante o contexto de pandemia, em <https://www.washingtonian.com/2020/03/21/dc-area-catholic-priest-is-offering-drive-thru-confession/> consulta a (24/09/2022)

[27] Igreja da abadia beneditina das Irmãs de Maria de Jesus em Tomelilla na Suécia, projecto de 1986-95 de Dom Hans Van der Laan. Pormenor de planta de 1988. Desenho de Dom Hans Van der Laan, em https://domhansvanderlaan.nl/wp-content/uploads/2019/03/08-138_tomelilla_plan1988-1.jpg (consulta a 29/06/2021)

[28] Igreja da abadia beneditina das Irmãs de Maria de Jesus em Tomelilla na Suécia, projecto de 1986-95 de Dom Hans Van der Laan. Pormenor de planta de 1995. Desenho de Dom Hans Van der Laan, em https://domhansvanderlaan.nl/wp-content/uploads/2019/03/08-214_tomelilla_plan1995.jpg (consulta a 29/06/2021)

[29] Igreja da abadia beneditina das Irmãs de Maria de Jesus em Tomelilla na Suécia, projecto de 1986-95 de Dom Hans Van der Laan. Axonometria 1995. Desenho de Dom Hans Van der Laan, em https://domhansvanderlaan.nl/wp-content/uploads/2019/03/08-215_tomelilla_axio1995.jpg (consulta a 29/06/2021)

[30] O pecado de Adão e Eva no alçado Norte. Desenho de levantamento do autor; imagem do arquivo fotográfico da “Rota do Românico do Vale do Sousa”, p. 408; e imagem de <https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/igreja-de-santa-maria-de-meinedo/> (consulta a 29/09/2022)

[31] O pecado de Onã no alçado Sul. Desenho de levantamento do autor; e imagem de <https://paroiademeinedo.com/image-gallery.html/> (consulta a 29/09/2022)

[32] Igreja do Marco de Canaveses, projectada em 1996 por Álvaro Siza. Entrada para o confessionário, em SIZA, Álvaro; “Igreja de Santa Maria = the church of St Mary: Marco de Canaveses”; trad. John Byrne; P.S.M.F.; Marco de Canaveses; 1998; “Access to the Confessional”

[33] Igreja do Marco de Canaveses, projectada em 1996 por Álvaro Siza. Nave da igreja, em SIZA, Álvaro; “Igreja de Santa Maria = the church of St Mary: Marco de Canaveses”; trad. John Byrne; P.S.M.F.; Marco de Canaveses; 1998; “View of the Nave from the Upper Windows”

[34] Igreja paroquial de St. Albertus Magnus em Andernach, projecto de 1952-54 de Rudolf Schwarz, em WOLFGANG, Pehnt; “Rudolf Schwarz: 1897-1961”; Electa; Milão; 2000; p. 317

[35] Igreja paroquial de St. Maria Königin em Frechen, projecto de 1952-54 de Rudolf Schwarz, em WOLFGANG, Pehnt; “Rudolf Schwarz: 1897-1961”; Electa; Milão; 2000; p. 319

[36] Igreja paroquial de St. Michel em Frankfurt, projecto de 1952-56 de Rudolf Schwarz, em WOLFGANG, Pehnt; “Rudolf Schwarz: 1897-1961”; Electa; Milão; 2000; p. 318

[37] Capela de Notre Dame du Haut em Ronchamp, projecto de 1950-54 de Le Corbusier, em <https://www.thewoodhouseny.com/journal/2018/6/20/the-chapel-at-ronchamp> (consulta a 07/07/2021)

[38] Igreja de Pastoor Van Ars na Holanda, projecto de 1963-69 de Aldo Van Eyck, em <http://hiddenarchitecture.net/pastoor-van-ars-church/> (consulta a 18/11/2021)

[39] Capela do Seminário Dominicano do Olival, projecto de 1964-65 de Diogo Lino Pimentel. Fotografia de 1967 de José Correia Nunes em CUNHA, João Alves da (coord.); MARQUES, João Luís (coord.); “Dominicanos. Arte e Arquitectura Portuguesa. Diálogos com a Modernidade”; Centro de Estudos de História Religiosa (Universidade Católica Portuguesa) e Instituto São Tomás de Aquino (Província Portuguesa da Ordem dos Pregadores); Lisboa; 2019; p. 82

[40] Renovação da igreja paroquial de Oliveira do Douro, projecto de 1999-2006 de José Fernando Gonçalves. Corte longitudinal pelo novo volume dos confessionários. Desenho cedido pelo atelier ‘JFCG arquitectos associados’ a 13/09/2021

[41] Renovação da igreja paroquial de Oliveira do Douro, projecto de 1999-2006 de José Fernando Gonçalves. Fotografia da preexistência. Fotografia cedida pelo atelier ‘JFCG arquitectos associados’ a 13/09/2021

[42] “Conical Intersect” em Paris, intervenção de 1975 de Gordon Matta-Clark, em <https://jeudepaume.org/en/evenement/gordon-matta-clark-2/#&gid=0&pid=3> (consulta a 09/11/2021)

[43] Xilografia da capa do livro “Confessione” de Girolamo da Padova, impresso em Veneza em 1515, em COBIANCHI, Roberto; “The Practice of Confession and Franciscan Observant Churches. New Architectural Arrangements in Early Renaissance Italy”; Zeitschrift für Kunstgeschichte; 2006; p. 290

[44] ‘Púlpitos-confessionário’. Igreja de San Carlo ai Catinari em Roma, dedicada a S. Carlos Borromeu, projecto principal de Rosato Rosati e fachada de Giovanni Battista Soria | séc. XVII. Imagem retirada da plataforma ‘StreetView’ do ‘GoogleMaps’

[45] ‘Púlpitos-confessionário’. Catedral Santa Margarita de Montefiascone em Viterbo | (reconstrução por Carlo Fontana) séc. XVII. Imagem retirada da plataforma ‘StreetView’ do ‘GoogleMaps’

[47] Igreja de Muurame (Muuramen Kirkko) na Finlândia, projecto de 1926-29 de Alvar Aalto. Perspectiva exterior. Desenho de Alvar Aalto, em <https://www.alvaraalto.fi/arkkitehtuuri/muuramen-kirkko/> (consulta a 07/02/2020)

[48] Igreja de Muurame (Muuramen Kirkko) na Finlândia, projecto de 1926-29 de Alvar Aalto. Corte transversal voltado para a entrada. Desenho de Alvar Aalto, em <https://www.alvaraalto.fi/arkkitehtuuri/muuramen-kirkko/> (consulta a 07/02/2020)

[49] Duomo de Bressanone (Brixner Dom) | Confessionário projectado em 2007 por Christian Moser. Planta da igreja, trabalhada digitalmente a partir de material cedido por Christian Moser a 30/09/2021

[50] Duomo de Bressanone (Brixner Dom) | Confessionário projectado em 2007 por Christian Moser. Confessionário, lado do penitente. Imagem cedida por Christian Moser a 30/09/2021

[51] Duomo de Bressanone (Brixner Dom) | Confessionário projectado em 2007 por Christian Moser. Confessionário, lado do sacerdote. Imagem cedida por Christian Moser a 30/09/2021

[52] Igreja paroquial Madonna della Palude em Vipiteno (Pfarr Maria Gubert em Sterzing) | Confessionário projectado em 2008 por Christian Moser. Planta da igreja, trabalhada digitalmente a partir da planta da plataforma de visita virtual da igreja em <https://www.39049.it/360/pfarrkirche.html> (consulta a 30/08/2021)

[53] Igreja paroquial Madonna della Palude em Vipiteno (Pfarr Maria Gubert em Sterzing) | Confessionário projectado em 2008 por Christian Moser. Confessionário. Imagem retirada da plataforma de visita virtual da igreja em <https://www.39049.it/360/pfarrkirche.html> (consulta a 30/08/2021)

[54] Igreja paroquial Madonna della Palude em Vipiteno (Pfarr Maria Gubert em Sterzing) | Confessionário projectado em 2008 por Christian Moser. Acesso ao confessionário pela nave, em https://arch-moser.it/wp-content/uploads/2017/09/neue_BEICHTZIMMER_in_historischen_Kirchen_SÜDTIROL_SW.pdf (consulta a 30/08/2021)

[55] Igreja de Maria Assunta (Pfarrkirche Maria Himmelfahrt) em Malles Venosta | Confessionário projectado em 2016 por Christian Moser. Planta da igreja, trabalhada digitalmente a partir de material cedido por Christian Moser a 30/09/2021

[56] Igreja de Maria Assunta (Pfarrkirche Maria Himmelfahrt) em Malles Venosta | Confessionário projectado em 2016 por Christian Moser. Perspectiva axonométrica do confessionário, cedida por Christian Moser a 30/09/2021

[57] Igreja de Maria Assunta (Pfarrkirche Maria Himmelfahrt) em Malles Venosta | Confessionário projectado em 2016 por Christian Moser. Confessionário. Imagem cedida por Christian Moser a 30/09/2021

[58] Proeminências verticais da igreja Maria Assunta (Pfarrkirche Maria Himmelfahrt) e das ruínas de Fröhlichsturm em Malles Venosta. Desenho de viagem (1840) de William Turner, em <https://www.tate.org.uk/art/artworks/turner-the-spire-of-the-maria-himmelfahrt-church-and-the-froehlichsturm-at-malles-venosta-d32308> (consulta a 27/08/2021)

(III | Destalhes que brotam)

[1] ‘Alcova-confessionário’ em Meinedo. Maquete do autor

[2] ‘Alcova-confessionário’ da capela de Jesus Mestre em Loures, projecto de 2015 do atelier ‘Site

Specific'. Ambas as imagens em <https://www.archdaily.com.br/br/786672/capela-jesus-mestre-site-specific-arquitectura> (consulta a 30/06/2021)

[3] 'Periscópio-confessionário' em Meinedo. Desenhos do autor

[4] 'Alcova-confessionário' em Meinedo. Desenhos do autor

[5] Perfurações no confessionário de Meinedo. Desenhos e maquete do autor

[6] Janelas no confessionário de Meinedo. Desenhos do autor

[7] Luz do dia no confessionário de Meinedo. Maquete do autor

[8] Janela poente do confessionário de Meinedo. Desenhos do autor

[9] Confessionário da igreja de Jesus em San Sebastián, projectada em 2011 por Rafael Moneo. Imagem trabalhada digitalmente a partir de <https://www.alamy.com/modern-open-wooden-confessional-in-iesu-church-iglesia-de-iesu-rafael-moneo-architect-san-sebastin-guipzcoa-basque-country-spain-image218644960.html> (consulta a 25/06/2021)

[10] Artes Românica, Gótica e Barroca, em cortes longitudinais, segundo interpretação do arquitecto Luiz Cunha. Desenhos de Luiz Cunha de 1957, em MARTINS, Rui Jorge; "Novas igrejas de todos os tempos: Apresentação"; publicado em 2015 na plataforma online da SPN Cultura (www.snpultura.org/novas_igrejas_de_todos_os_tempos_apresentacao.html) - consulta em 10/09/2022)

[11] Capela-mor de Meinedo, vista da nave. Fotografia da DGEMN de 1956, em arquivo fotográfico do IRHU / Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, figura n.º 041245

[12] Planta do confessionário de Meinedo. Desenho do autor

[13] 'Corpos, móveis e luz' no confessionário de Meinedo. Desenhos e maquete do autor

[14] 'Móveis, luz e cor' no confessionário de Meinedo. Desenhos do autor

[15] Dormitório dos monges, no Mosteiro de Alcobaça. Imagem trabalhada digitalmente a partir de <https://pt.dreamstime.com/visitando-o-mosteiro-cisterciano-de-alcobaca-sala-dormitorios-monges-no-local-portugal-image146665484> (consulta a 22/09/2022)

[16] Da relação lateral da confissão. Escultura de 1134 do friso da igreja românica de Murbach em França. Desenho de Wilhelm Schlombs em SCHLOMBS, Wilhelm; "Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln"; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965; p. 15

[17] Da relação lateral da confissão. Escultura de 1200 no portal da Basílica da Natividade de Nossa Senhora (Alte Kapelle) em Ratisbona. Desenho de Wilhelm Schlombs em SCHLOMBS, Wilhelm; "Die Entwicklung des Beichtstuhls in der katholischen Kirche. Grundlagen und Besonderheiten im alten Erzbistum Köln"; Verlag L. Schwann Düsseldorf; 1965; p. 16

[18] Esquema comparativo das posições 'lateral' e 'frente-a-frente' no confessionário. Desenhos e comentários do arquitecto Patrick Quinn, elaborados a propósito do projecto de 1967 da igreja de Chico na Califórnia em DEBUYST, Frédéric; "Quels lieux pour la réconciliation?", publicado em "Chroniques D'Art Sacré"; n.º 52; "Des lieux pour la réconciliation"; 1997; p. 13

[19] Confessionário circular em Meinedo. Relação diagonal entre os corpos. Desenhos do autor

[20] Novo confessionário da igreja de St. Augustinus em Munique, projectado em 2016 pelo atelier 'Löffler Weber'. Imagens e planta em <http://loefflerweber.de/lowe/2003/04/pfarrkirche-st-augustinus-munchen-umbau-und-sanierung-innenraum-2000-2003/> (consulta a 27/08/2021)

[21] Confessionário da igreja paroquial de Santo Ovídeo, em Gaia, projectada em 2002 por Manuel Abreu Lima. Fotografia e planta cedidas por Manuel Abreu Lima a 02/07/2021

[22] Confessionário(s) do santuário do Amor Misericordioso em Colvalenza, projectado por Julio Lafuente. Desenhos de processo de Julio Lafuente, cedidos por Clara Lafuente a 15/09/2021

[23] Confessionário da igreja do Colégio Apostólico dos Padres Dominicanos em Valladolid, projectado por Miguel Fisac em 1952-53, em https://www.archdaily.cl/cl/790991/clasicos-de-arquitectura-colegio-apostolico-de-los-padres-dominicos-miguel-fisac/577ed2a1e58ece291c00006b-clasicos-de-arquitectura-colegio-apostolico-de-los-padres-dominicos-miguel-fisac-foto?next_project=no (consulta a 26/11/2019)

[24] Estudo das relações entre os intervenientes no confessionário de Meinedo. Desenhos do autor

[25] Estudos do separador (e arrumação) do confessionário de Meinedo. Desenhos do autor

[26] Confessionário de igreja católica em Qin Zhou na China. Fotografias em SAMUEL, Fr. Pierre-Benoît; "Le corps et les mots"; publicado em "Chroniques D'Art Sacré"; n.º 90; "Espaces de réconciliation"; 2007; p. 12 e <https://www.alamy.com/holy-confession-in-a-makeshift-catholic-church-in-qin-zhou-image69877575.html> (consulta a 22/07/2021)

[27] 'Cadeira-genuflexório' para a igreja do Marco, projectada em 1996 por Álvaro Siza, em SIZA, Álvaro; "Móveis e objectos"; Figueirinhas; 2003; "Cadeira Marco"

[28] Estudos do 'banco-genuflexório' para a igreja de Meinedo. Desenhos e maquetes do autor

[29] Estudos para a cadeira do sacerdote do confessionário de Meinedo. Desenhos e maquetes do autor

[30] Estudo da porta do confessionário de Meinedo ao canto da igreja. Desenhos do autor

[31] Estudos do ‘ponto de encontro’ entre a nave e confessionário de Meinedo. Desenhos e maquetes do autor

[32] “Bailarina”. Fotografia de 1947 de Thomaz Farkas, em <http://galeriazoom.com/exposicao/thomaz-farkas-fotografias/> (consulta a 11/06/2022)

[33] Um dos confessionários da igreja de Gesù e Maria em Roma, projectados no séc. XVII por Carlo Rainaldi, em BEDOGNI, Paolo; “Luoghi di riconciliazione. Il mestiere dell’architetto”; If Press; 2014; p. 69

[34] Estudos do ‘ponto de encontro’ entre a nave e confessionário de Meinedo. Imagens do autor

[35] Porta do confessionário da Capela do Rosário em Vence, projectada em 1947-1951 por Henri Matisse, em <https://www.pinterest.pt/pin/175851560438518451/> (consulta a 26/11/2019)

[36] Planta parcial do projecto para a igreja de Notre-Dame-de-Pentecôte em Paris, projectado por Jean Cosse, em RENAUD-CHAMSKA, Isabelle; “Un project de Jean Cosse”; publicado em “Chroniques D’Art Sacré”; n.º 52; “Des lieux pour la réconciliation”; 1997; p 23

[37] Portas dos confessionários - com os novos vãos recortados - do santuário do Padre Pio em San Giovanni Rotondo, projectado em 2004 por Renzo Piano, em <https://it.depositphotos.com/114617522/stock-photo-chiesa-di-padre-pio-confessionali.html> (consulta a 03/08/2021)

[38] Estudo das portas do confessionário de Meinedo. Desenhos do autor

[39] (Novos confessionários projectados em 2002 por Fábio Veríssimo Santos para a igreja matriz da Benedita, projecto original de Lucínio Guia da Cruz de 1995). Confessionário preexistente, em https://www.behance.net/gallery/13358969/Proposta-para-confessionarios-Igreja-da-Benedita?tracking_source=search_projects_recommended%7CProjecto%20confessionário (consulta a 12/07/2021)

[40] (Novos confessionários projectados em 2002 por Fábio Veríssimo Santos para a igreja matriz da Benedita, projecto original de Lucínio Guia da Cruz de 1995). Novo confessionário. Colagem de Fábio Veríssimo Santos, em https://www.behance.net/gallery/13358969/Proposta-para-confessionarios-Igreja-da-Benedita?tracking_source=search_projects_recommended%7CProjecto%20confessionário (consulta a 12/07/2021)

[41] Porta do confessionário da Capela do Rosário em Vence, projectada em 1947-1951 por Henri Matisse, em https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.pinterest.com%2Fpin%2F502855114615001873%2F&psig=AOvWaw0xTjJl8jA6aHE7q787_Zj3&ust=1673336329784000&source=images&cd=vfe&ved=0CA0QjRxqFwoTCOCu-N_9ufwCFQAAAAAdAAAAABAH (consulta a 11/06/2020)

[42] Experimentações com lambris em Meinedo. Desenhos e colagem do autor

[43] (Da barreira ao caminho espiritual). Anunciação da absolvição aos penitentes que aguardam no exterior, antes da sua entrada no templo, em MOLINERO, José Estarán; “La Penitencia Pública en Códices Medievales Aragoneses”; Colección Estudios Historia; Institución Fernando el Católico; 2015; p. 239, Ilustração do séc. XVI do Pontificale Romanum (Pío V, Veneza, 1572) sobre a Quinta-feira Santa (legenda: “Envío de emisarios a los penitentes, anunciándoles su pronta absolución”)

[44] (Da barreira ao caminho espiritual). Labirinto penitencial da nave na Catedral de Chartres, em BEDOGNI, Paolo; “Luoghi di riconciliazione. Il mestiere dell’architetto”; If Press; 2014; p. 40

[45] Pia baptismal da igreja do Marco de Canaveses, projecto de Álvaro Siza, em <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/batisterio/> (consulta a 07/02/2020)

[46] Estereotomia de Meinedo. Desenhos do autor

[47] Texturas no cemitério de Woodland, projecto de Gunnar Asplund. Todas as imagens foram retirada da plataforma ‘StreetView’ do ‘GoogleMaps’

“Como pedras vivas, entraís na construção de um edifício espiritual” Um confessionário na igreja de Santa Maria de Meinedo

Nuno Belmar Carneira Coelho e Sousa

